Abril
Editora ABRIL
edição 2802 - ano 55 - nº 32
17 de agosto de 2022

veja

www.veja.com

MISSÃO DE PAZ

Aliados de Jair Bolsonaro propõem um armistício ao STF — e o recente encontro com Alexandre de Moraes mostrou que o acordo é possível. Mas o presidente, com ações tresloucadas como receber um hacker no Alvorada, representa o maior obstáculo para que tal trégua seja respeitada

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 802 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 32. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | SIP

www.grupoabril.com.br

HERITAGE ART/GETTY IMAGES

APRENDIZADO A foto da imigrante feita por Dorothea Lange, retrato triste da crise de 1929, e as capas de VEJA em torno dos momentos inflacionários: a depressão coletiva em travessias ruins da história

MENTES ATORMENTADAS

NA AVENTURA DA HUMANIDADE, há momentos que marcam gerações dada a força das tragédias. Foi assim, por exemplo, nas duas grandes guerras mundiais do século XX. Foi assim na crise econômica de 1929 — cuja dor está triste e lindamente traduzida na fotografia de uma mãe imigrante, desempregada e viúva, cujo olhar abarca a um só tempo a desesperança e o pânico de toda uma geração. Os períodos inflacionários, pelos quais o Brasil passou de modo atávico, até que o Plano Real mudasse o torto destino do país, também aceleram a depressão da sociedade. E as pandemias — como a da gripe espanhola, entre 1918 e 1920, e a atual, atrelada à Covid-19 —, nem é preciso sublinhar, representam igualmente travessias complicadas. Um bom exercício, passada a tempestade, é medir as sequelas — e, com o otimismo possível, construir saídas.

Nunca esqueceremos dos 6,5 milhões de mortes desde março de 2020 — 10% das quais no Brasil, em estatística vergonhosa —, mas é o caso de já respirar com alívio. Agora, depois de dois anos de quarentenas e afastamento do convívio social, de freada econômica e desemprego, parece haver um ensaio para a retomada da vida em seu ritmo normal. Em parte, é claro. Setores econômicos inteiros precisam ainda se reinventar. O trabalho sofreu talvez a sua mais ruidosa revolução desde a invenção do computador pessoal — e vivemos o tempo do home office. São reviravoltas que mexem com corações e mentes, registradas em cuidadosas pesquisas, como destaca uma reportagem desta edição de VEJA. A crise, é natural, mexeu também no bolso, tirando o sono de muita gente. Levantamento com 2 000 pessoas mostra que 71% dos entrevistados estão preocupados com sua saúde financeira e afirmam ser necessário reduzir gastos. Evidentemente, sempre existiu um incômodo com a falta de força de uma conta bancária, mas a pandemia ampliou essa sensação. E não há dúvida, como registra um estudo americano: 90% das pessoas são categóricas ao afirmar que o dinheiro tem um profundo impacto no atual patamar de estresse.

A explosão de problemas psicológicos indica um imenso problema, é verdade, mas aponta também para uma necessidade: é preciso aprender a sair do fundo do poço, tanto do ponto de vista individual como do coletivo. O país precisa crescer, empregos terão de ser gerados e as escolhas, bem feitas. Não será fácil, vale ressaltar, levando-se em consideração o momento atual da economia global e todas as transformações já mencionadas. Além disso, as abissais e inaceitáveis diferenças de renda de países como o Brasil tendem a impor ritmos distintos de recuperação. Algumas classes sociais sentirão os efeitos negativos por mais tempo. A realidade é que a pandemia, que nos pegou de surpresa e virou tudo de cabeça para baixo, lá na frente poderá ser tratada como algo do passado — contudo, os ecos dessa difícil passagem permanecerão ainda durante uns anos. E não apenas nas nossas mentes. ■

RECESSÃO À VISTA

Economista-chefe do Banco Mundial aponta para um agravamento da crise econômica global, com forte impacto no Brasil

CARLOS EDUARDO VALIM

MARTHA STEWART/HARVARD KENNEDY SCHOOL

FORMADA na Universidade Columbia e professora de sistemas financeiros internacionais em Harvard, a americana de origem cubana Carmen Reinhart é uma das pesquisadoras mais citadas do mundo sobre estudos de desenvolvimento. A agência de notícia Reuters a elegeu como uma das principais mentes do ambiente econômico do mundo e a Bloomberg, uma das cinquenta pessoas mais influentes das finanças globais. Atualmente, ela finaliza seu mandato como economista-chefe do Banco Mundial, posição em que experimentou tempos extremamente conturbados, marcados pela convulsão decorrente da pandemia da Covid-19 e, nos últimos meses, da guerra na Ucrânia. O resultado desses dois episódios, além da instabilidade generalizada, foi a ruptura das cadeias de fornecimento e a inflação hoje observada nas maiores economias do mundo. Em entrevista por teleconferência, a economista alertou sobre a chegada de mais uma recessão global, que deve ser causada pela elevação simultânea dos juros por todo o planeta, o remédio amargo adotado para combater a alta de preços. Segundo ela, os impactos deverão ser sentidos especialmente pelo Brasil, mesmo tendo o país registrado números mais positivos no cálculo da inflação. Para Reinhart, no futuro próximo, a redução nas exportações para os Estados Unidos e a Europa e a desaceleração da China deverão afetar negativamente o país.

O Banco Mundial alertou recentemente sobre previsões menores do crescimento da economia mundial. O mundo está se dirigindo para uma recessão no futuro próximo? Esta é a pergunta do momento. Dificilmente tenho uma conversa em que o assunto não seja uma possível recessão mundial, ou alguma variação disso, como contração econômica nos Estados Unidos, na Europa ou nos mercados emergentes. A mensagem principal é que as nossas

previsões, como também as feitas pela OCDE, são pouco otimistas. A invasão da Ucrânia continua, assim como seu impacto nas pressões inflacionárias e na volatilidade nos preços das commodities. A necessidade de os bancos centrais apertarem a política de juros permanece. Então, os riscos de uma mudança para um ambiente de maior inflação, menor liquidez de recursos financeiros e, em muitos casos, de política fiscal mais restritiva estão à mesa.

Em que regiões esse risco é maior? Entre as economias avançadas, o maior e mais imediato risco é para a Europa, mesmo em comparação com os Estados Unidos, que registrou dois trimestres seguidos de queda do PIB. Isso porque o choque externo tem sido especialmente forte para o continente, devido à maior dependência das exportações de energia da Rússia. Mas, dentro da zona do euro, há situações diferentes. Enquanto a diminuição dos estímulos financeiros não é tão relevante para a Islândia, Holanda, Irlanda ou França, ela afeta muito mais a Itália e a Grécia, por exemplo, em que a situação econômica já era difícil antes mesmo da pandemia.

E quanto aos Estados Unidos? Os riscos associados aos juros mais altos na economia americana são bem conhecidos. Veremos o setor imobiliário ser afetado, o que já está acontecendo, assim como os efeitos no consumo de bens duráveis, que são muito sensíveis a juros altos. No entanto, os Estados Unidos estão com um mercado de trabalho muito forte. Em julho foram criados 528 000 empregos, quando o mercado esperava que fossem 250 000. Há ainda uma maior reserva de poupança das famílias, que foi sendo acumulada durante os meses que permaneceram em distanciamento social. É uma sobra da época da Covid-19 e das políticas de distribuição de dinheiro para enfrentar a pandemia. Então, os efeitos de uma recessão de fato nos Estados Unidos aparecerão um pouco mais para a frente.

> **“A situação vai ficar feia e vai afetar o Brasil, ainda que o Banco Central tenha se movido de forma mais agressiva do que seus pares, como o Federal Reserve e o Banco Central Europeu”**

Nesse cenário, como ficarão os países emergentes como o Brasil? Sem querer ficar em cima do muro, existem dois cenários para os emergentes, que são muito diferentes no momento. Um para os importadores de commodities e outro para os exportadores. Muitos países estão sofrendo muito, na África Subsaariana, na Europa Oriental, na Ásia Central e no Oriente Médio, por causa do aumento dos preços de alimentos. O conflito da Ucrânia realmente deixou países dependentes de exportações de trigo e de fertilizantes numa situação muito precária, não só com a inflação disparando, mas com os preços relativos dos alimentos subindo significativamente. Por outro lado, há um grupo de exportadores de commodities, no qual o Brasil está inserido e que tem outra situação.

O Brasil, então, pode atravessar melhor este momento? Pelo menos, por enquanto, vai haver um boom de commodities temporário, que pode ajudar na situação fiscal. Mas nem os importadores, nem os exportadores vão se beneficiar das condições financeiras internacionais mais restritivas do futuro. A situação vai ficar feia, e vai afetar o Brasil também, mesmo que o Banco Central do país tenha se mexido de forma mais agressiva para lidar com a inflação do que o Federal Reserve, nos Estados Unidos, e os bancos centrais de outras economias avançadas.

Mas essa agilidade do BC e com as exportações de commodities o país não seria capaz de se proteger dessa volatilidade? Se a história é um guia, a cada vez que ocorrem aumentos das taxas de juros mundiais, o apetite por risco diminui. Então, se coloca pressão nos emergentes. Alguns economistas enfatizam que juros mais altos também fazem o mercado de ações mais volátil. Já estamos vendo isso. Essa volatilidade é associada com mais sensação de risco e menos fluxo de capital especialmente para os grandes mercados emergentes, como o Brasil, a África do Sul e a Turquia.

Então, nesse cenário, o Brasil precisa se preocupar mais com a situação fiscal? O desequilíbrio fiscal é um risco para o Brasil. O país tem historicamente um alto nível de endividamento, e que no setor público está alto no momento, de cerca de 80% do PIB. Além disso, o Brasil é muito vulnerável a mudanças das condições de mercados financeiros. Então, é grande o risco, se o governo atrasar o reajuste fiscal. Mesmo que não houvesse a questão das eleições, o boom dos preços de commodities estimula os governos a atender as demandas por mais gastos. A alta das exportações faz a situação fiscal parecer melhor, mas o ajuste das contas públicas é fundamental.

A atual ameaça de recessão não poderia ter sido evitada, principalmente no que diz respeito ao superaquecimento da economia e às maneiras de controlar esse fenômeno? A minha crença é de que não aprendemos com os erros do passado. O pouso leve da economia é uma ilusão. Historicamente, fazer a inflação baixar nunca acontece sem dor. Nos Estados Unidos, você pode indicar o pouso leve realizado por Alan Greenspan, então presidente do Fed em meados dos anos 1990. No entanto, a inflação estava na época em 3%, apenas um pouco acima da meta. Não era uma inflação de 8,5%, como a atual. Os números atuais dificultam isso.

A senhora acredita que as medidas adotadas serão suficientes para evitar o pior? É muito difícil controlar a inflação nos patamares de hoje. Hoje as taxas de juros nominais estão em 2,5%, mas, honestamente, não creio que, nem mesmo se forem ampliadas para 3%, seriam suficientes para lidar com as pressões atuais. Se a taxa dos títulos federais chegar a esse índice e você tem uma inflação de 8,5%, ainda haverá 5,5% de juros negativos reais. Então, ainda ficaria muito longe das taxas de juros que vemos em períodos desinflação.

Com os Estados Unidos e a Europa entrando em um período de contração seria importante contar com a China, como aconteceu no passado. Hoje, dadas as próprias dificuldades que os chineses enfrentam, isso não será possível. O mundo voltou a depender dos países desenvolvidos para sustentar o crescimento global? Este é um ponto que avalio em minhas análises da crise de 2008 e 2009. Ela é chamada de crise financeira global. Mas foi realmente uma crise baseada fundamentalmente em uma dúzia de economias avançadas, que ocorreu quando o mercado imobiliário americano entrou em colapso. Logo depois, os emergentes, incluindo o Brasil, que até enfrentaram um breve período difícil durante a crise, se recuperaram muito mais rapidamente — e com mais força. Muito disso só foi possível pelo motor de crescimento que a China provia. Entre 2003 e 2013, a China cresceu acima dos 10% ao ano, em média. Isso manteve os preços das commodities em alta e a demanda para o comércio global.

Qual a situação atual? Agora, até mesmo os empréstimos chineses para países da América Latina, Ásia e África foram interrompidos. Em 2019, pela primeira vez desde o começo dos anos 2000, a China apresentou envios negativos líquidos de crédito, e o boom de empréstimos para mercados emergentes acabou. Então, não podemos mais contar com a China para segurar o crescimento. A economia global está enfrentando, por diversos ângulos, riscos significativos para entrar numa dinâmica de baixa.

> **“Não aprendemos com os erros e as experiências das crises do passado. O pouso leve na economia é uma ilusão. Historicamente, fazer a inflação baixar nunca acontece sem dor”**

Ou seja, trata-se de cenário complexo, onde, além da Covid e da Guerra na Ucrânia, que causaram aumento de pobreza, desigualdade e maior endividamento, vamos sofrer com a diminuição da atividade na China nos próximos anos? Escrevi muito pelo Banco Mundial e também apresentei uma palestra no Simpósio do Prêmio Nobel, em Estocolmo, sobre o problema dessa reversão de perspectivas que estamos vivendo. Toda uma série de indicadores econômicos e sociais melhorou dramaticamente entre 2000 e 2020 pelo mundo, como o aumento geral do PIB per capita, as taxas declinantes de pobreza e menos desigualdade, mas muito do ímpeto desse desenvolvimento recente começou a desacelerar por volta de 2015. Lembre-se da grande queda das commodities nessa época. O real foi afetado fortemente naquele ano, e muitos países emergentes também sofreram. Então, veio a Covid, com mais recuos severos, e a guerra na Europa. Esses problemas permanecerão como uma ferida aberta por algum tempo.

Qual retrocesso preocupa mais? O Banco Mundial tem feito muitas análises atualmente sobre o legado da Covid, e o seu impacto no capital humano em países de renda média. Por exemplo, Uganda teve um dos mais longos períodos com escolas fechadas do mundo, mas as perdas de aprendizado foram maiores em países de renda média, incluindo o Brasil. A piora de qualidade do aprendizado e o tanto de ensinamentos perdidos foram maiores neles do que nos países mais pobres. Segundo a nossa análise no banco, à medida que as crianças forem para a força de trabalho, haverá consequências muito preocupantes de médio e longo prazo. Não podemos perder de vista que essa perda de aprendizado traz uma longa sombra que vai se estender por bastante tempo. ■

AINDA BEM QUE É APENAS UM ENSAIO

A exibição bélica de mísseis, navios de guerra e jatos de caça promovida pela China ao longo de 72 horas, no céu de Taiwan, foi uma demonstração de força — e um aviso de que o governo de Pequim não gostou da recente visita da presidente da Câmara dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, a Taipei, capital do enclave que defende a autonomia. Os exercícios militares restringiram a circulação de navios e aeronaves ao redor do arquipélago. Não bastasse ter mostrado as garras afiadas, os chineses impuseram a proibição de importação de mais de 2 000 produtos taiwaneses. Visto de longe, o clima de guerra fria parece esquentar. É cedo, ainda, contudo, para temer pelo pior, embora a retórica de Xi Jinping, o mandachuva chinês, tenha elevado o tom exponencialmente. Na quarta-feira 10, foi divulgado um comunicado do Partido Comunista Chinês informando que "trabalhará com a maior sinceridade e esforço para garantir a reunificação pacífica", mas — e sempre há um mas — com um alerta: "Não vamos abrir mão do uso de força para evitar interferência externa e todas as atividades separatistas". O ministro das Relações Exteriores de Taiwan, Joseph Wu, não piscou, como Davi a enfrentar Golias: "Eles não podem dizer quem pode ser nosso amigo ou com quem devemos fazer amizade". O balé diplomático anda nervoso, com farpas frequentes, e não é impossível que desande — mas a ninguém, nem mesmo aos americanos, que cutucam a China e mantêm relações comerciais vitais com Taiwan, especialmente de eletrônicos, interessa uma guerra com esses atores. ■

Amanda Péchy

RITCHIE B. TONGO/EPA/EFE

UMA HEROÍNA EMPODERADA

De origem inglesa, protagonista de *A Casa do Dragão* fala do derivado de *Game of Thrones* e de como seu gênero fluido se refletirá em Rhaenyra Targaryen

HBOMAX

DIFERENTE Emma D'Arcy: a ancestral de Daenerys quebra padrões em nova série

Sua conterrânea Emilia Clarke brilhou como Daenerys Targaryen em *Game of Thrones*. Como foi assumir o papel da ancestral de uma personagem tão popular, numa trama ambientada 200 anos antes? Sempre soube que haveria uma pressão e assumi essa responsabilidade. Foi instigante ver a trajetória de Daenerys para recuperar o trono e a sua relação com os dragões. Logo, entender a história dos Targaryen no auge do poder, antes do colapso, vem sendo um terreno muito fértil e gratificante de explorar.

A guerra dos sexos é parte intrínseca da saga, mas em *A Casa do Dragão* esse embate será mais forte, com sua personagem, uma mulher, tentando quebrar a tradição de homens no poder. Como vê essa abordagem do autor George R.R. Martin? O questionamento da série sobre o patriarcado foi o que mais me atraiu na trama. É um contexto no qual as mulheres eram associadas à passividade e à maternidade. Então, como superar esses rótulos? E se você é uma mulher em uma posição de poder, como convencer seu eleitorado, especialmente os homens, de que é capaz? Isso se relaciona com nosso mundo. Estamos em 2022 e ainda votamos em líderes homens.

Como pessoa não binária, você de alguma forma vê sua identidade de gênero refletida em Rhaenyra? Ela não é uma versão medieval de um não binário. Pois a não binariedade está ligada ao uso neutro da linguagem e à quebra de padrões de identidade. Mas Rhaenyra não se sente confortável em seu gênero, pois o poder que recai sobre ela é contestado pelo fato de ser uma mulher. Ela nota a dinâmica dos gêneros nas esferas de poder e a potência da masculinidade. Logo, deseja o mesmo reconhecimento genético dos homens.

***Game of Thrones* foi criticada pelas muitas cenas de estupro. *A Casa do Dragão* será parecida?** Nossa série vai manter o DNA de *Game of Thrones*, mas é bem diferente. Uma prova é que a trama fala de duas protagonistas mulheres. O clima no entretenimento mudou de lá para cá. Temos coordenadores de intimidade (profissionais que coreografam cenas de sexo), por exemplo.

Como foi gravar com os dragões? Lembro que eu cheguei ao set de mau humor e era dia de gravar com os dragões — no caso, robôs animatrônicos enormes. Me senti num parque de diversões. Foi a parte mais divertida do trabalho, pois pude soltar a imaginação. Na infância, minha mãe dirigia rápido por uma estrada com lombadas, e eu fingia que estava andando a cavalo. Foi quase a mesma coisa. ■

Raquel Carneiro

PARAMOUNT PICTURES

MÚLTIPLA Olivia Newton-John com Travolta em *Grease:* uma de suas versões

A ARTE DA REINVENÇÃO

São raros os intérpretes que, para além de representarem seu tempo, como símbolos incontornáveis, antecipam uma onda — foi o caso de Elvis Presley, no fim dos anos 1950, e dos Beatles, em meados dos anos 1960. Até mesmo Frank Sinatra, em uma de suas reencarnações, nos anos 1970, exageradamente meloso, pavimentou o que viria. Ainda mais escassos são os artistas capazes de inaugurar modismos mudando de estilo. A inglesa radicada nos Estados Unidos **Olivia Newton-John** foi dessa estirpe. Revelada ao mundo por meio das canções country, ela explodiria em 1978 de mãos dadas com o gênero rockabilly em *Grease — Nos Tempos da Brilhantina*, filme que muita gente finge não gostar. Em 1981, ano em que Ronald Reagan tomou posse na Casa Branca, ela deu uma outra pirueta com o som disco de *Physical*, ao misturar pitadas de sexo com humor — como prólogo do que Madonna inventaria algum tempo depois.

Mas aquela moça angelical, de cabelos esvoaçantes, fonte inspiradora de adolescentes de um tempo sem redes sociais, como poderia soar provocante? Essa era a graça intuitiva de Newton-John, que avançava as casas arrastando multidões — chegou a vender 100 milhões de discos. Seus movimentos renovadores pareciam prestar homenagem ao avô paterno, o alemão Max Born, Nobel de Física em 1954 pelos avanços na área de interpretação das ondas. Desde 1992, ela lutava contra um câncer de mama metastático, que tratou com a ajuda de medicamentos derivados da *Cannabis*. Morreu aos 73 anos, em Santa Ynez Valley, na Califórnia, em 8 de agosto. "Minha querida Olivia, você fez as nossas vidas muito melhores. Seu impacto foi incrível. Eu a amo muito. Nos veremos no futuro e estaremos juntos de novo. Seu, do momento em que a vi e para sempre!", postou um emocionado John Travolta, que assinou como Danny, seu personagem em *Grease*.

A MODA COMO GEOMETRIA

O japonês **Issey Miyake** não inventou a simplicidade, tampouco a elegância — mas para quem vestiu ou apenas viu suas criações a sensação é de que foi ele quem criou esses dois atributos indispensáveis à vida. Miyake foi o "mais matemático dos grandes estilistas", na delicada definição de Marcelo Viana, diretor-geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Rio de Janeiro. Atrelado à geometria e simetria, seus modelos eram invariavelmente plissados, afeitos a se adaptar a qualquer tipo de corpo. Desenhava origamis para vestir (e que não amassavam). "O trabalho do design é fazer algo que funcione na vida real", dizia. O genioso Steve Jobs, que entendia de limpeza de traços, sempre econômicos, pediu a Miyake que esboçasse algo que ele pudesse exibir nas celebradas apresentações da Apple. E, então, o suéter de gola alta preta virou um tótem, chique como ele só. O costureiro morreu na sexta-feira 5, de câncer no fígado, aos 84 anos. Em 2009, ele revelou ter nascido em Hiroshima — e, aos 7 anos, presenciou a explosão da bomba atômica. A discrição o fez manter o segredo. ■

PIERRE GUILLAUD/AFP

SIMPLICIDADE Issey Miyake: o criador do suéter preto de Steve Jobs

FERNANDO SCHÜLER

OS DOIS BRASIS

NOS ÚLTIMOS tempos convivi com famílias escolhendo a escola dos filhos. É uma maratona. Colégio laico ou confessional? Escola com pátio grande? Bilíngue? Colégio que ensina por projetos, ou do jeito tradicional? No fim se mistura tudo, comparam-se os rankings, o preço, a distância de casa, e toma-se a decisão. É um mundo incrível, feito de expectativas sobre o futuro e um discreto orgulho. Com um pequeno problema: ele só funciona para 16% das crianças no Brasil. Os outros 84% vão para a escola pelo CEP. Por ideologia, pressão corporativa, ou pela simples omissão da sociedade, decidimos o seguinte: faremos um país separando as crianças e dois mundos, pelo critério de renda. É um tipo de apartheid educacional, com o qual nos acostumamos a conviver.

Se a família tiver dinheiro, fica de um lado. Não precisa ser uma escola inglesa. Pode ser uma escola confessional bem-arrumada, que pode custar um pouco mais ou um pouco menos. Se não tiver, vai para uma escola do governo. São dois universos distintos. O primeiro tira, em média, notas um terço ou mais acima do outro no Enem; no Pisa, o teste da OCDE, um deles tem nota próxima à dos alunos americanos, e o outro termina sistematicamente nas últimas posições. Um mundo seguiu com aulas durante a pandemia, o outro parou. Nossos especialistas dirão que a culpa é da pobreza. Que os resultados ruins nada têm a ver com a condição das escolas, o troca-troca dos governos, o mando dos sindicatos. Sua visão expressa um tipo de rendição. É como se o resultado da educação já estivesse decidido desde o início, e não fosse exatamente a função do Estado garantir aos mais vulneráveis as condições para aprender.

LIÇÃO DE CASA Escola em São Paulo: pelo fim do apartheid educacional

JONNE RORIZ

O lado mais cruel disso tudo é a segregação. A revista *Nature* publicou um amplo estudo mostrando o peso das conexões sociais para o sucesso profissional. O estudo foi coordenado pelo economista Raj Chetty, de Harvard, com dados extraídos de 21 bilhões de conexões no Facebook, cobrindo 84% dos adultos americanos entre 25 e 44 anos. A conclusão é clara: conviver com colegas de famílias de maior renda na escola aumenta as chances de ascensão social. “O que realmente importa”, diz Chetty, “são as interações que influenciam as pessoas”. E completa: “Trata-se de “moldar aspirações”, atalho para laços reais decisivos para a vida. “Se você nunca conheceu alguém que fez faculdade”, diz o pesquisador, “terá menos estímulo para buscar uma faculdade ou um lugar como Harvard.”

Se queremos uma sociedade com mobilidade social, capaz de reduzir a desigualdade, um bom lugar para começar é romper com nosso apartheid educacional. Na prática, há três desafios. O primeiro é garantir que os alunos de menor renda estudem em escolas com qualidade similar a de seus pares de maior renda; o segundo é permitir que estudem juntos. Compartilhem de um mesmo mundo social, na linha do que mostrou a pesquisa; o terceiro é o direito à escolha. O mesmo que a maioria dos que estão lendo esta coluna jamais abriria mão. É utopia? Não acho. É apenas uma questão de mudar o disco. Sair do discurso fácil que confunde educação pública com educação estatal. E começar a agir.

As alternativas estão aí. Uma delas é o sistema de parcerias com o setor privado. O último estudo disponível sobre as escolas Charter, em Nova York, mostrou que o desempenho dos alunos em redes estruturadas, a exemplo da Kipp e Success Academy, equivale a 103 dias a mais de aprendizado em matemática, comparativamente a seus pares em escolas públicas tradicionais. Isso significa um desempenho 50% superior. Há poucos exemplos por aqui nessa direção. Em Porto Alegre, visitei uma escola

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

católica com metade dos alunos pagantes, metade bolsistas a partir de um contrato com a prefeitura. A diretora que me disse o seguinte: "Aqui, não faz a menor diferença quem é bolsista e quem é pagante". Enfrentam-se ao menos dois daqueles desafios, quebrando-se, ao menos em parte, a segregação econômica. Em São Paulo, a vereadora Cris Monteiro apresentou um projeto nessa direção. Ele foi imediatamente bombardeado com os argumentos de sempre, cuja síntese é: tudo que não seja o monopólio estatal sequer deve ser considerado. Os alunos não estão aprendendo como deveriam? Paciência.

Outro modelo é o financiamento direto dos estudantes. São os modelos de voucher, que têm no Brasil uma história de sucesso: o ProUni. Criado em 2004, o programa já ofereceu perto de 3 milhões de bolsas. Burocracia quase nenhuma, custo baixo, direito de escolha. E desempenho: os alunos com bolsa integral têm nota média 10% superior a dos não bolsistas no Enade. Se a estratégia funciona bem no ensino superior, por que nada parecido foi tentado no ensino básico? Dirão que não funciona, que é o "desmonte" da escola pública. Todo o discurso que já conhecemos. Exatamente o que se escutava sobre o ensino superior antes do ProUni. Até que alguém foi lá e fez. E ninguém mais reclamou.

A boa notícia é que há uma revolução silenciosa acontecendo no país. Ela não é conduzida por nenhum partido ou esfera de governo, em particular. Na Bahia, comandada pelo PT, hospitais públicos, como o Hospital do Subúrbio, são geridos por empresas privadas, via PPPs; em São Paulo, sob a batuta do PSDB, um grupo de excelência, como o Sírio-Libanês, administra o hospital regional de Jundiaí, também público e gratuito. Nossos aeroportos vão sendo concedidos à gestão privada, e vão ganhando ares de primeiro mundo. O mesmo ocorre com nossos parques ambientais, de Fernando de Noronha aos Aparados da Serra, no sul do país. Ainda por estes dias li que a Praia de Botafogo voltou a ser balneável, meses depois da privatização da Cedae, e a partir de iniciativas bastante óbvias dos novos gestores. Alguma mágica? Nenhuma. Apenas especialização. Bons contratos, fixação de metas e premiação por resultados. Nos anos 80, acreditávamos que aeroportos e empresas de telefonia eram "estratégicos", e deviam ser estatais. Depois aprendemos que estratégico era ter aeroportos, estradas ou hospitais que funcionam, e que as coisas iriam melhor se o governo se especializasse na regulação, e não na execução direta dos serviços.

> "Por que negar aos mais pobres o mesmo direito que as famílias de maior renda jamais abririam mão?"

Apenas na educação não aprendemos. Exatamente ali, onde mais precisamos inovar e dar um salto civilizatório, concentramos todo o nosso corporativismo. Fizemos a aposta nos dois Brasis. Um feito de liberdade, para quem dispõe de renda, e o outro segregado, que ensina pouco e alimenta nossa desigualdade ancestral. Talvez isso aconteça porque nossa elite está bem servida pelo setor privado. Ou apenas por um problema de inércia. De qualquer modo, em um ano no qual passamos o país a limpo, é sempre preciso renovar a esperança. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

SANDMAN
Poucos dias após a estreia, a série baseada nos premiados quadrinhos de Neil Gaiman já se tornou campeã mundial de audiência da Netflix.

PROFESSORES
Segundo pesquisa do instituto Ipsos, os docentes formam a categoria mais admirada pelos brasileiros – 64% dos entrevistados responderam que eles são o grupo mais confiável.

ISAQUIAS QUEIROZ
O atleta baiano continua em boa forma: conquistou uma medalha de ouro e uma de prata no Campeonato Mundial de Canoagem, disputado no Canadá.

DESCE

FERNANDO HADDAD
Em debate dos candidatos ao governo de SP, o petista criticou a bem-sucedida privatização da telefonia no Brasil, usando o argumento de que isso encareceu o serviço (aconteceu exatamente o contrário).

FERNANDO COLLOR
Devido a IPVAs atrasados, o ex-presidente terá um Bentley de sua propriedade, avaliado em 899 000 reais, leiloado.

ROMAN ABRAMOVICH
O magnata perdeu parte de seu patrimônio no Reino Unido após ser atingido por penalidades financeiras impostas aos oligarcas da Rússia.

MANDEL NGAN/AFP

"Eles até arrombaram meu cofre! Qual é a diferença entre isso e *(o escândalo de)* Watergate, no qual agentes invadiram o Comitê Nacional Democrata? Aqui, ao contrário, os democratas invadiram a casa do 45º presidente dos Estados Unidos."

DONALD TRUMP, depois de o FBI ter feito uma operação de busca e apreensão na casa do ex-presidente na Flórida. A suspeita é que ele tenha desviado documentos sigilosos da Casa Branca, ao final de seus dias como mandachuva do país

"Com tanta coisa neste momento no mundo e no Brasil indo mal, há uma certa obsessão por mexer exatamente naquilo que funciona bem, que é o sistema eleitoral. Eu acho que há um pouco de desinformação, um pouco de ignorância e há um pouco de má-fé."

LUÍS ROBERTO BARROSO, ministro do STF e ex-presidente do TSE

"Podem me chamar de fanática, podem me chamar de louca. Eu vou continuar louvando nosso Deus. Vou continuar orando (...) porque, por muitos anos, por muito tempo, aquele lugar foi consagrado a demônios... Planalto consagrado a demônios."

MICHELLE BOLSONARO, primeira-dama, em culto na Igreja Batista de Lagoinha, em Belo Horizonte

"Eles não só foram lentos como pareciam debochar da nossa cara."

BEATRIZ MATOS, antropóloga, viúva do indigenista Bruno Pereira, assassinado em junho, na Amazônia, ao lado do jornalista britânico Dom Phillips. Ela critica a negligência e a falta de empatia das autoridades do governo federal

"A guerra da Rússia contra a Ucrânia começou e vai terminar na Crimeia."

VOLODYMYR ZELENSKY, presidente ucraniano, ao lembrar da anexação de 2014, mostrando que segue firme na resistência contra Putin

INSTAGRAM @LUCIANAGIMENEZ

“Não tenho a vida ganha.”

LUCIANA GIMENEZ, apresentadora de TV, ao revelar as dificuldades do cotidiano de uma trabalhadora depois do divórcio com Marcelo de Carvalho, um dos donos da RedeTV!

“Joguei ao lado de Pelé e fui entrevistado por Jô Soares. É o que digo quando quero me sentir importante.”

TOSTÃO, craque do tri e cronista esportivo, modesto como muito poucos

“Jogadores não falam nada que interesse à sociedade.”

CASAGRANDE, ex-futebolista e hoje comentarista de futebol

“O teatro é vivo, orgânico, efêmero, muda a cada noite. O cinema não muda nunca.”

JOHN MALKOVICH, ator de palcos e telas

“Caetano Veloso é um bairro das nossas vidas.”

FITO PÁEZ, cantor e compositor argentino, ao celebrar os 80 anos de Caetano

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

7 DE SETEMBRO Pacheco: o chefe do Senado em alerta para violência no feriado

Alerta vermelho

Rodrigo Pacheco assustou empresários da Faria Lima ao admitir numa conversa, recentemente, que são "reais" os riscos de "uma minoria radical" cometer atos violentos durante as manifestações do 7 de Setembro.

Estamos preparados

Apesar do aviso sem rodeios, Pacheco disse aos empresários que as instituições e as forças de segurança estão preparadas, compartilhando informações de inteligência e monitorando permanentemente alvos radicais.

Perímetro isolado

A Polícia Legislativa do Senado, por exemplo, colocará efetivo total nas ruas durante o feriado. Além de isolar a área da Esplanada próxima ao Congresso, fala-se até em pedir reforço de homens do Exército para evitar tumultos próximos ao STF.

Hora de viajar

O STF trabalha com diferentes cenários de segurança para o 7 de Setembro. No de maior gravidade deles, a previsão é de que todos os ministros da Corte escolham locais seguros fora de Brasília para passar o feriado.

Água, terra e ar

Segundo um ministro do STF, há a previsão de as forças de segurança definirem rotas de evacuação para os ministros que ficarem em Brasília, em caso de ameaça. Coisa de cinema, com barcos, helicópteros e batedores a postos.

Pai da criança

Na campanha de Jair Bolsonaro, há temor de que o presidente seja prejudicado por qualquer crime no feriado. "Bolsonaro falou para todo mundo se armar. Depois, mandou os malucos darem a vida por liberdade. Sairá como pai da criança", diz um aliado.

Relaxa, capitão

É oficial. Bolsonaro pode descansar tranquilo. A chance de Augusto Aras mover uma palha contra Bolsonaro até o fim do seu mandato é zero. "Não vai ter denúncia", diz um interlocutor dele.

Alucinações no palácio

Sem ação na PGR, Bolsonaro poderia estar tranquilo, certo? Errado. O presidente continua paranoico. Após a fala na Febraban, voltou a dizer a interlocutores que teme ser alvo do STF.

Reunião do ano

Será um evento daqueles a posse de Alexandre de Moraes no comando do TSE, na terça. Além de um forte esquema de segurança, o tribunal será tomado por autoridades de todo o país.

Vai lotar

A lista de convidados de Moraes, acredite, tem 2 000 nomes. Até quarta, porém, cerca de 400 autoridades haviam confirmado presença. O ministro coordena pessoalmente essa organização.

Primeiro encontro

Moraes convidou todos os governadores e todos os **ex-presidentes da República.** Se Bolsonaro comparecer, terá fortes chances de protagonizar seu primeiro "olho no olho" com... Lula.

Eu vou

Michel Temer, que nomeou Moraes ministro, confirmou presença na posse. Até quarta, Lula era dúvida.

Ele não muda

Bolsonaro decepcionou alguns banqueiros na Febraban. A turma esperava um discurso conciliador, mas...

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia e Lucas Vettorazzo

Personagem de cinema

Os aliados de Bolsonaro, acredite, vão lançar, nos próximos dias, um boneco dele na forma do famoso ogro Shrek. É a maneira de "brincar" na campanha com os modos "rústicos" de o presidente lidar com tudo no Planalto.

A força das mulheres

Simone Tebet terá um encontro com 500 mulheres nos próximos dias. Teresa Bracher, a anfitriã, chamou figuras como Luiza Trajano, Betania Tanure, Maria Stella Gregori...

Previsão realista

Um cacique do União Brasil delimita as ambições de Soraya Thronicke na campanha eleitoral. Nada sobre vencer, claro: "Ganhar a gente não vai, mas Soraya ficará do tamanho da Simone Tebet".

Horas extras

Autor do voto que levou o TCU a condenar Deltan Dallagnol e Rodrigo Janot por gastos irregulares na Lava-Jato, Bruno Dantas passou a madrugada finalizando o parecer de 93 páginas que definiu o destino da dupla.

Discurso de ódio

Dois bolsonaristas que atacaram Lula nas redes se deram mal na Justiça recentemente. José Vieira teve de indenizar o petista em 6 800 reais. Já Rosilma Kreutzer foi punida em 1 200 reais.

Boa notícia

Paulo Guedes é pura alegria com um dado que surgirá na campanha nos próximos dias: na esteira do novo valor do Auxílio Brasil, a pobreza extrema cairá de 5,1% para 4%.

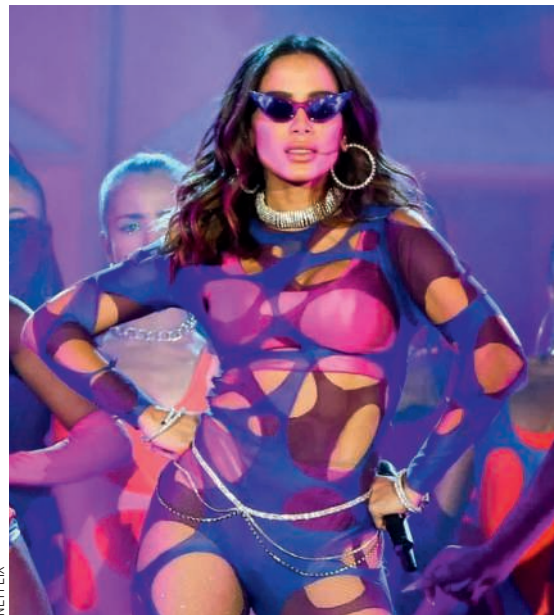
Dinheiro na conta

A Caixa de Daniella Marques está voando na liberação de crédito (até 150 000 reais) via Pronampe. O banco já bateu nos 5 bilhões de reais liberados a 45 714 pequenos e microempresários.

Parceria em risco

A escalada de tensões entre a China e Taiwan ameaça implodir um projeto de cooperação na área de inteligência artificial envolvendo o governo brasileiro e a ilha. As conversas, ainda em fase inicial, miravam melhorias de gestão na máquina pública.

ROBERTO STUCKERT FILHO/PR

ENCONTRO Ex-presidentes: Moraes convidou todos os cinco para sua posse

NETFLIX

MULTA Anitta: a produtora de filme sobre a cantora foi multada pela CGU

Maré alta

As exportações de barcos fabricados no Brasil cresceram 107% neste ano, batendo em 11,9 milhões de dólares.

Trem da alegria

A Câmara já torrou 700 000 reais neste ano com viagens de deputados a Las Vegas, Mônaco, Paris, Nova York, Barcelona, Lisboa...

Punição salgada

Importante produtora do país, a Conspiração Filmes — de ***Anitta: Made in Honório*** — foi multada em 1,1 milhão de reais por "ato lesivo à administração pública". Está inidônea na CGU. ■

ACENOS DE PAZ

Aliados de Bolsonaro propõem um armistício com o STF – e o encontro com Alexandre de Moraes mostrou que o acordo pode sair. A trégua, porém, vai depender da impulsividade do presidente

LARYSSA BORGES

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), ainda estava irredutível na tarde da última terça-feira, 9. A uma semana de sua posse como presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Moraes estava decidido a quebrar o protocolo para evitar um encontro com o presidente Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto. A tradição recomenda que o convite para a cerimônia seja entregue em mãos. Irritado com os recentes ataques do presidente, o ministro havia decidido que não iria ao Palácio do Planalto. Chegou a ser ríspido quando lhe perguntaram sobre o motivo da atitude deselegante. "Na minha posse vai ser assim", asseverou. No dia seguinte, à noite e de cabeça mais fria, Moraes foi ao Planalto acompanhado do ministro Ricardo Lewandowski, o futuro vice-presidente do TSE. Permaneceu lá por quase uma hora, entrou e saiu pela garagem sem dar entrevistas, conversou descontraidamente com o presidente, entregou o convite em mãos e ainda ganhou de presente uma camisa do Corinthians. A aproximação, que deve ser sacramentada com a presença de Bolsonaro em sua posse, foi efusivamente comemorada pelo governo.

Do ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, ao senador Flávio Bolsonaro, não faltam vozes no entorno do presidente a aconselhá-lo a deixar de lado os ataques aos ministros do STF, especialmente os dirigidos a Alexandre de Moraes. Já houve, inclusive, inúmeras tentativas de costura de um armistício entre as partes. O problema é que, depois das conversas conciliatórias, geralmente o próprio Bolsonaro implode as pontes que estavam sendo construídas. Na véspera do feriado de 7 de setembro do ano passado, por exemplo, o presidente mandou dizer ao STF que não atacaria nenhum ministro individualmente nas manifestações que estavam programadas. No palanque, ele não se conteve e partiu para cima de Moraes. Desde então, o governo tenta costurar um acordo de paz. Até agora, fracassou — não porque os ministros não queiram baixar a temperatura da briga, mas porque o próprio presidente, quando o diálogo parece encaminhado, retoma a artilharia. Aliás, no mesmo dia em que recebeu Moraes, Bolsonaro esteve, por exemplo, com o hacker da Vaza-Jato, Walter Delgatti *(leia reportagem na pág.*

SERGIO LIMA/AFP

PRIMEIRO PASSO
Bolsonaro e Moraes: reunião comemorada por governistas equilibrados

OLIVIER DOULIERY/AFP

LINHA DE FRENTE Paulo Guedes: articulações para conseguir o armistício

TCU

APOIO IMPORTANTE Oliveira: o ministro do TCU ajudou a formular a proposta

30), um encontro completamente desnecessário, além de suspeito.

Desta vez, porém, as circunstâncias são diferentes. Adotada desde o início do mandato, a estratégia de tensionar a relação com ministros do Supremo ajudou Bolsonaro a manter sua base de apoio mais fiel arregimentada durante os períodos de alta desaprovação a seu governo. Foi uma espécie de seguro para a travessia dos momentos de maior dificuldade política. Mas do ponto de vista eleitoral essa estratégia é um desastre para Bolsonaro, que precisa atrair o eleitor mais moderado a fim de reduzir a desvantagem que tem em relação ao seu principal adversário, o ex-presidente Lula. De acordo com os próprios coordenadores da campanha à reeleição, o presidente precisa abandonar a retórica beligerante e concentrar energias em pautas positivas, ainda mais agora que ele tem o que mostrar. Nesta semana, o governo começou a pagar uma série de novos benefícios, como o Auxílio Brasil turbinado e a ajuda aos caminhoneiros autônomos. As pesquisas mostraram que essas medidas — ao contrário da pregação contra o STF e as urnas eletrônicas — melhoraram as intenções de voto no presidente em nichos estratégicos do eleitorado.

Em Brasília, certas negociações e acordos, seja pelo teor, pela delicadeza do tema ou por simples conveniência, jamais são admitidos publicamente. Mas eles existem. No mês passado, o ministro da Economia, Paulo Guedes, procurou o ministro Jorge Oliveira, do Tribunal de Contas da União, e pediu a ele que ajudasse a construir um pacto para cessar as hostilidades entre o governo e o Supremo. Ex-auxiliar de Bolsonaro, Jorge goza de prestígio e acesso a gabinetes importantes do Judiciário. Guedes, por sua vez, se alinha ao grupo de auxiliares do presidente da República que aposta que a recuperação econômica e as medidas de combate à pobreza anunciadas recentemente bastariam para Jair Bolsonaro vencer a eleição de outubro. Ambos concordam que o embate entre o presidente e os magistrados, além de não agregar um mísero voto, provoca uma situação de instabilidade que neste momento não interessa a nenhum dos lados.

A partir da próxima semana, a condução do processo eleitoral estará sob a responsabilidade de Alexandre de Moraes. Além da votação, o TSE cuida da fiscalização das campanhas, da prestação de contas dos candidatos e da análise de eventuais pedidos de cassação de mandato. Paralelamente, o ministro também continuará conduzindo duas investigações que há tempos atormentam o presidente da República: a que apura a disseminação de notícias falsas e a que acusa militantes bolsonaristas pela prática de atos antidemocráticos. Bolsonaro se diz perseguido por Moraes, a quem já chamou de “canalha” e “parcial”. Moraes, por sua vez, já enviou duros recados velados ao mandatário. Em uma sessão pública, disse que não hesitaria em cassar o registro e até mesmo mandar prender quem lançar mão

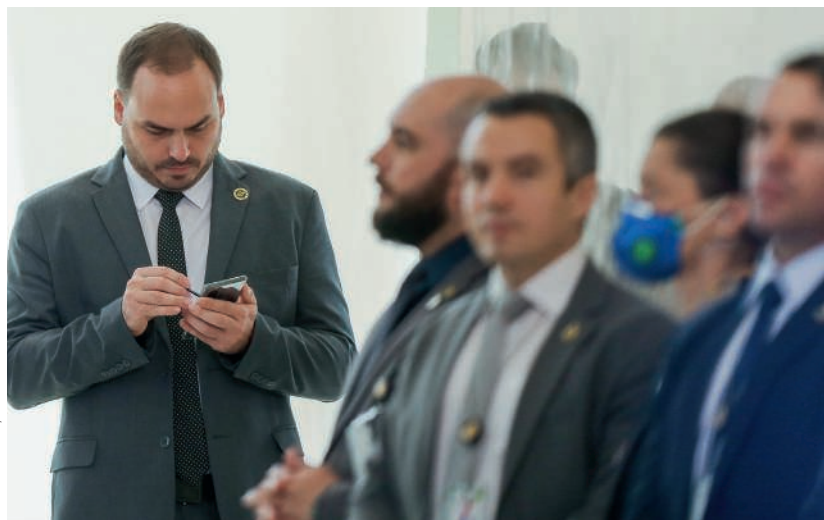
CARLOS MOURA/SCO/STF

O ACORDO Plenário do Supremo Tribunal Federal: os magistrados estão sendo consultados sobre o pacto de pacificação

de milícias digitais durante o período eleitoral. O presidente entendeu a mensagem como uma ameaça, um prenúncio de que o ministro estaria maquinando algo contra ele e seus filhos. Para piorar, não são apenas pessoas mais equilibradas, como Ciro Nogueira e Paulo Guedes, que possuem franco acesso a seus ouvidos.

Dono de um temperamento impulsivo, que enxerga conspirações onde elas não existem, Bolsonaro tem em torno de si um cinturão de conselheiros que pouco ajudam o presidente e o país. São amigos de longa data, como o ex-auxiliar Waldir Ferraz, o Jacaré, e neófitos desplugados da realidade, a exemplo da deputada Carla Zambelli, que ficam atiçando o "amigo capitão" com informações absolutamente equivocadas e palpites infelizes. De junho de 2020 ao famoso Sete de Setembro do ano passado, ministros do Supremo contabilizaram pelo menos dez vezes em que essa turma comunicou falsamente ao chefe que a prisão de um de seus filhos havia sido decretada. Isso, evidentemente, acirra os ânimos. No último dia 31, na presença de alguns interlocutores, o presidente, destemperado, voltou a desfiar uma série de impropérios contra Alexandre de Moraes. Chegou a ponto de dizer que estaria disposto a "matar", se fosse preciso, caso alguém ousasse tentar prendê-lo. Diante desse ambiente conflagrado, qualquer acordo de paz só avança a partir de uma trégua bem costurada — e que todos tenham interesse nela.

Partindo dessa premissa, emissários do governo elaboraram os termos de uma proposta de acordo. Por esse acerto, Alexandre de Moraes encerraria as investigações que tanto atormentam o presidente. Em contrapartida, Bolsonaro deixaria de atacar o Supremo e a credibilidade das urnas eletrônicas, afastando o receio de uma crise institucional. Paulo Guedes ligou para

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

FAKE NEWS Carlos Bolsonaro: boatos recorrentes de pedidos de prisão

ALAN SANTOS/PR

CONTINÊNCIA? Militares: generais não se meteriam em aventuras golpistas, mesmo se recebessem ordens superiores

Gilmar Mendes, o decano do STF, o primeiro a ser sondado sobre o pacto. O magistrado ouviu as ponderações, elogiou a tentativa de reaproximar os dois poderes e recomendou ao ministro que procurasse Moraes. Mendes comentou depois que não havia ficado muito claro, por exemplo, se, ao falar no encerramento do inquérito, Guedes estaria condicionando tal trégua ao arquivamento puro e simples das investigações, independentemente de haver ou não provas contra os alvos da ação, entre os quais, como se sabe, estão os filhos Eduardo e Carlos Bolsonaro. Informado sobre a dúvida, Moraes reagiu bem a seu estilo: "Não creio que alguém vai ter a coragem de vir aqui me pedir para cometer crime de prevaricação". Outros três ministros do Supremo também já foram consultados sobre o arranjo. Um deles contou a VEJA, sob reserva, que a pressa do governo se deve ao temor de que ocorra alguma operação espetaculosa às vésperas da eleição. Daí, a proposta de encerrar o inquérito o mais breve possível.

Pelo nível dos embates nos últimos anos, é natural que a chegada de Alexandre de Moraes ao TSE gere a expectativa de que o confronto com Bolsonaro aumente em intensidade. Engana-se, porém, quem imagina que Moraes assumirá o posto máximo da Justiça Eleitoral pintado para a guerra. Antes mesmo de pisar no Planalto, o ministro já havia decidido que até o

MAURO PIMENTEL/AFP

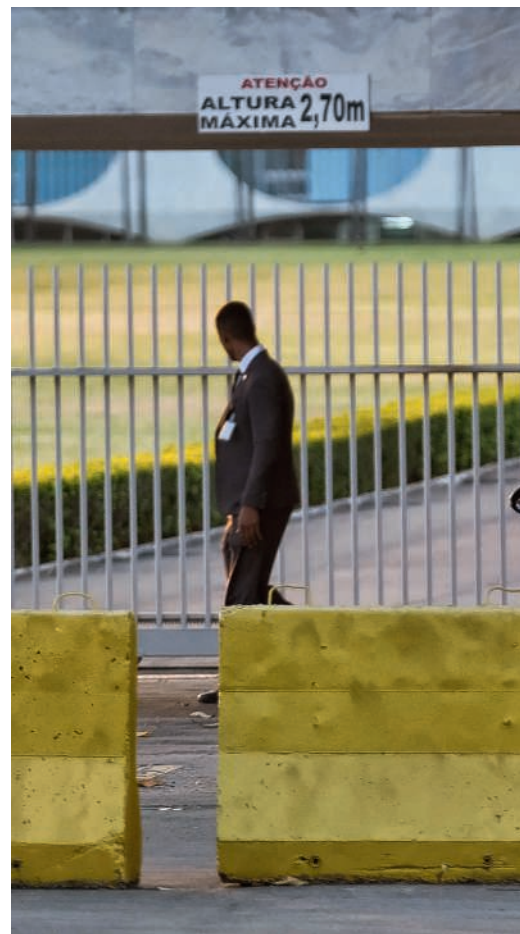
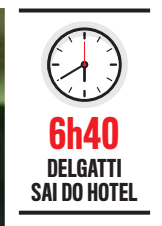
SUSTO Daniel Silveira: valentia sumiu com a chegada da polícia

CLAUBER CLEBER CAETANO/PR

ERRO Manifestações contra o STF: discurso voltado para radicais afasta eleitores valiosos nesse momento da campanha

fim das eleições não haverá prisões, buscas, apreensão de documentos, novos depoimentos ou qualquer outra ação que possa de alguma forma interferir no processo eleitoral. Em outra vertente, a equipe jurídica do ministro também trabalha com a tese de que ações de impugnação de mandato, como as que o PT apresentou em 2018 contra o atual presidente por supostos disparos ilegais de mensagens em massa, só terão prosseguimento se ficar comprovado que a eventual ilegalidade partiu diretamente da campanha ou de pessoas ligadas a ela. São, sem dúvida, dois acenos importantes aos bolsonaristas.

Alvo principal dos radicais que pregam o fechamento do STF, Moraes, ao contrário do que se poderia supor, não vislumbra uma ameaça real à democracia ou a possibilidade de um golpe. As manifestações ilegais, segundo ele, foram esvaziadas pela ação da justiça. O ministro também conhece há anos o general Luiz Ramos, chefe da Secretaria-Geral da Presidência, o ex e o atual ministro da Defesa, generais Fernando Azevedo e Paulo Sérgio Oliveira, e o candidato a vice de Bolsonaro, general Braga Netto. Embora alimente críticas à falta de talento de alguns desses militares para ocupar os respectivos cargos, o magistrado tem por certo que nenhum deles se aliaria a movimentos golpistas, nem mesmo se recebessem ordens superiores. A proximidade do ministro com a caserna também é física. Chamado de "comunista" por apoiadores mais exaltados do presidente, ele treina muay thai na sede do Comando do Exército em Brasília, curiosamente o palco do primeiro discurso inflamado de Jair Bolsonaro contra o Supremo Tribunal Federal, em abril de 2020.

Nos últimos tempos, o ministro tem se dedicado a mapear os muitos personagens "mal-intencionados" do governo que instigam o presidente ao confronto com o STF, os poucos "bem-intencionados" que procuram ajudar a evitá-lo e, sempre que pode, reproduz aos interlocutores, em um tom menos sério, o modo como alguns bolsonaristas notórios, de Roberto Jefferson ao deputado Daniel Silveira, reagiram se ao ser surpreendidos com a polícia dentro de casa — nem sempre com a valentia que os fez famosos, diga-se. Não se sabe se a surpreendente visita de Moraes ao Planalto representa o início de uma relação civilizada. Nos cinquenta minutos de conversa, o presidente da República e o novo presidente do TSE trocaram algumas gentilezas e reafirmaram que não se consideram inimigos. Em parte do encontro, no entanto, o assunto foi apenas futebol. Não é o ideal, ainda está muito distante do que o país precisa, mas já é um começo. ■

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Os bastidores da operação aloprada que levou o hacker Walter Delgatti Neto a encontros com Bolsonaro e a cúpula do PL para ajudar na cruzada contra a urna eletrônica **REYNALDO TUROLLO JR.**

O CARRO de um agente da Polícia Legislativa da Câmara estaciona às 6h12 da quarta 10 em frente ao prédio onde fica o apartamento funcional da deputada bolsonarista Carla Zambelli (PL-SP), na Asa Sul de Brasília. O motorista desce, ajeita o uniforme e entra como passageiro em um outro veículo, um Corolla cinza de vidros escuros e placas frias, que adentra pela garagem subterrânea do prédio. Às 6h35 o automóvel deixa o local, a caminho de uma missão secreta. Minutos depois, chega ao Hotel Phenícia, de onde sai um sorridente Walter Delgatti Neto, o hacker que ficou famoso por roubar mensagens do Telegram trocadas por membros da Lava-Jato, feito que contribuiu para a derrocada da maior operação de combate à corrupção da história do país e para a reabilitação eleitoral do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Às 6h52, finalmente, o Corolla chega ao seu destino: adentra o Palácio da Alvorada, onde o presidente Jair Bolsonaro (PL) aguarda Delgatti para uma reunião fora da agenda oficial que tem na pauta o seu tema preferido, quase uma obsessão: a segurança das urnas eletrônicas, alvos frequentes de ataques infundados do mandatário na busca pela reeleição. Como se sabe, a disputa tem como favorito o ex-presidente Lula, justamente o político que deixou a prisão graças à repercussão do conteúdo das mensagens roubadas pelo hacker. Outra das ironias da agenda secreta é que, devido à Vaza-Jato, como ficou conhecido esse episódio, Delgatti, depois de se tornar réu como líder do

ENCONTRO SECRETO Delgatti em Brasília, em flagrantes da reportagem de VEJA: quase duas horas no Alvorada em reunião realizada fora da agenda oficial

FOTOS RUY BARON/BARONIMAGENS; SERGIO DUTTI

grupo responsável pela invasão, recebeu apoio de pessoas ligadas ao PT, homenagens de artistas de esquerda e solidariedade de políticos como o senador Renan Calheiros (MDB), um dos principais apoiadores de Lula na atual campanha, que chegou a apresentar um projeto para anistiar o hacker. Às 8h49, Delgatti deixou o Alvorada com a expectativa de que vai ser integrado à campanha de Bolsonaro como peça de propaganda. A ideia absurda é usar sua fama de invasor de sistemas para atacar a credibilidade das urnas eletrônicas nas eleições.

Bolsonaro deixou o Alvorada poucos minutos depois do encontro com Delgatti. Ainda parou com sua comitiva no tradicional cercadinho montado em frente ao palácio para acomodar a sua claque mais fiel, que o aguarda todas as manhãs para ouvir declarações sobre os assuntos da semana. O carro que transportava o hacker saiu logo em seguida, atrás da comitiva presidencial. Dali, Bolsonaro seguiu para o Encontro Nacional do Agro, um evento oficial que teve feições de agenda de campanha. E voltou à carga contra o sistema eleitoral. “Nós temos mais que o dever, o direito de aperfeiçoar as instituições, desconfiar, debater. Que pipoca de democracia é essa que estão atacando? Nós queremos transparência, queremos a verdade, queremos terminar as eleições sem quaisquer desconfianças, seja qual for o lado”, disse à plateia de apoiadores. Voltou a criticar o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que, para ele, “não aceita sugestões” dos militares, e declarou que o que ele quer é “que o voto de cada um de vocês vá realmente para aquela pessoa”.

Na tarde da mesma quarta-feira, Zambelli e a assessoria do Palácio do Planalto negaram ao site G1 o encontro entre Bolsonaro e o hacker no Alvorada. O portal de notícias VEJA.com confirmou o acontecimento e as fotos que ilustram a abertura desta reportagem fazem parte das provas de que ele realmente ocorreu. A reunião do Alvorada foi o desfecho de uma movimentação que começou dias atrás, a partir de uma articulação promovida por Zambelli. Na terça 9, Delgatti, o advogado Ariovaldo Moreira, que defendia o hacker no processo da Operação Spoofing — responsável pela prisão dos hackers pela Polícia Federal em 2019 —, e seu filho, o também advogado Matheus Moreira, estive-

SERGIO LIMA/AFP

PÊNDULO Bolsonaro com Braga Netto: ora críticas ao STF, ora acenos de paz

ram no diretório nacional do PL, a sigla de Bolsonaro.

Lá, foram recebidos por Zambelli e pelo presidente da legenda, o ex-deputado Valdemar Costa Neto, em reunião que começou por volta das 11 horas. O grupo foi levado até o cacique do PL no carro de Bruno Zambelli, irmão da parlamentar e candidato a deputado estadual em São Paulo. A conversa começou repleta de elogios à competência do hacker em promover a reviravolta da Vaza-Jato. Envaidecido, ele discorreu com desenvoltura sobre as possibilidades de se invadir as urnas eletrônicas, sem dizer ali, no entanto, como faria isso com equipamentos que não são conectados à internet. A conversa inicial empolgou até o próprio Valdemar, visto como avesso às ideias tresloucadas de Bolsonaro de atacar o sistema de votação como parte da estratégia eleitoral. Aos poucos, porém, diminuiu ali a certeza sobre o sucesso de uma eventual invasão dos sistemas de votação e apuração. O foco mudou para uma possível grande jogada da campanha de Bolsonaro, que independia de as vulnerabilidades do processo serem verdadeiras ou não, tendo Delgatti como garoto-propaganda.

Afinal, se o homem que invadiu as mensagens trocadas entre os agentes da maior investigação de políticos da história simplesmente viesse a público alegando que as urnas são fraudáveis, muitas pessoas poderiam ficar em dúvida. O raciocínio é que, nessa hipótese, seria difícil até para a esquerda se contrapor a Delgatti, já que ele é tido como um ídolo desde as revelações da Vaza-Jato. “A hora que partiu para essa questão de o Walter afirmar que as urnas podem ser fraudadas aconteceu um mal-estar muito grande. Eu dei opção para o Walter ir embora comigo, disse que isso ia gerar um problema gigantesco para ele, para mim e para várias pessoas. Optei por pegar as minhas coisas e sair”,

TWITTER @CARLAZAMBELLI38

NOVOS AMIGOS Delgatti e Carla Zambelli: foto postada no Twitter da deputada

JOSEMAR GONCALVES/AGIF/AFP

CONVERTIDOS Apoiadores nas ruas: discurso contra as urnas só mobiliza radicais

relatou a VEJA o advogado Ariovaldo Moreira. Ele vinha evitando confirmar o episódio até ser confrontado pelas evidências colhidas pela reportagem de VEJA. "Acho que as urnas são um assunto delicado, não tenho propriedade para falar sobre isso e penso que o Walter também não tem. Não vou compactuar", acrescenta o advogado. Mesmo sem o apoio de Moreira, Delgatti seguiu em frente. Depois de sair da sede do PL, já sem o seu advogado, ele foi conversar com o marqueteiro Duda Lima, escalado pelo chefe do PL para produzir as peças eleitorais de TV e rádio da campanha de Bolsonaro. Os dois teriam tratado das urnas eletrônicas e de como o hacker poderia contribuir para a reeleição do presidente da República. Através da comunicação da campanha, Lima nega tal diálogo e diz que os dois se encontraram no hall do PL em um encontro fortuito.

Reforço improvável do bolsonarismo, Delgatti assumiu riscos ao viajar para Brasília a convite de Zambelli. Respondendo em liberdade pela acusação de ter invadido contas de Telegram, em uma ação penal que está pronta para ser sentenciada na 10ª Vara Federal do Distrito Federal (pode pegar até vinte anos de cadeia), ele está proibido de se ausentar de Araraquara, onde vive, sem comunicar ao juízo. No caso de Bolsonaro, as implicações de receber no Alvorada um réu confesso em desobediência à Justiça são morais e, principalmente, políticas, pois a ideia de usar o hacker para incendiar de vez o debate sobre as urnas eletrônicas ocorre justamente no momento em que há um movimento de parte do governo e da campanha à reeleição de tentar apaziguar os ânimos, após os ataques frequentes e ferozes do presidente contra o TSE e o STF.

No início da noite da mesma quarta, aliás, o presidente recebeu os ministros Alexandre de Moraes e Ricardo Lewandowski, do STF e do TSE, para

CRISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

AGENDA Valdemar Costa Neto: o político se reuniu com o hacker na véspera do encontro de Delgatti com o presidente

uma reunião no Palácio do Planalto. Os dois foram levar o convite para que ele participe da posse de Moraes como presidente do Tribunal Superior Eleitoral e de Lewandowski como vice, marcada para a terça-feira 16. O futuro chefe do tribunal é um dos principais alvos dos frequentes ataques de Bolsonaro, e também um de seus principais algozes no Judiciário, como relator de processos que investigam o presidente e seus aliados *(veja reportagem na pág. 24)*. No encontro, Bolsonaro prometeu comparecer à posse. Ou seja, em mais um exemplo de seu estilo errático, o presidente emitiu sinais distintos nas reuniões com o hacker e com os ministros, o que deixa em suspense qual será seu comportamento daqui para a frente.

A aproximação entre Delgatti e a campanha de Bolsonaro se dá em um momento em que o hacker se sente abandonado pelo PT e, em especial, pelo ex-presidente Lula — que, a seu ver, muito se beneficiou com a divulgação das irregularidades cometidas pelos agentes da Lava-Jato, mas nunca fez um reconhecimento público sequer. Na visão de Delgatti e pessoas próximas, a partir do momento em que a Polícia Federal concluiu que ele hackeou autoridades por iniciativa própria, sem receber pagamentos nem obedecer a mandantes, o PT ficou liberado para retribuir financeiramente pela ajuda prestada, mas não o fez. Segundo Moreira, seu então cliente aceitou o convite para ir a Brasília após receber sinalizações, por meio de Zambelli, de que na capital federal ele teria oportunidade de obter um trabalho regular — Delgatti voltou a cursar direito, matéria pela qual demonstra grande interesse e conhecimento, mas tem encontrado obstáculos por questões de imagem e porque até hoje está proibido pela Justiça de acessar a internet. “Ele passa por grandes dificuldades financeiras, está meio desesperado”, afirma o advogado, que garantiu ter voltado a Araraquara ainda na madrugada de quarta-feira, horas antes do encontro entre o hacker e Bolsonaro no Alvorada. “Em dado momento da reunião no PL, o assunto se voltou para a questão de marketing e depois eu tive um certo desentendimento

MATEUS BONOMI/FOLHAPRESS

FORA DO JOGO Ariovaldo Moreira, o advogado: "Estavam ali tentando manipular o Walter, e não concordei"

com a Zambelli sobre essa reunião com o presidente. Achei que estavam ali tentando — e isso foi percepção minha, não estou dizendo que foi a intenção deles — manipular o Walter, e não concordei", relata o criminalista, que renunciou formalmente à defesa do hacker.

No fim da tarde da quarta, após a divulgação das primeiras notícias do envolvimento de Delgatti na campanha de Bolsonaro, Zambelli publicou em sua conta no Twitter uma foto dela com o novo aliado. "O homem que hackeou 200 autoridades, entre ministros do Executivo e do Judiciário brasileiro. Muita gente deve realmente ficar de cabelo em pé (os que têm) depois desse encontro fortuito. Em breve, novidades", anunciou, aproveitando para fazer uma provocação à calva assumida do ministro Moraes. A aproximação marca uma reviravolta no tom do bolsonarismo com o hacker. No passado, quando a Vaza-Jato veio à tona, a deputada, que era uma grande defensora de Moro e da operação conduzida pela força-tarefa de Curitiba, chamou Delgatti de "bandido" e o comparou a Adélio Bispo, o homem que esfaqueou Bolsonaro em setembro de 2018, em Juiz de Fora (MG), na campanha eleitoral.

Como se vê, as ofensas ficaram para trás e a articulação conduzida por ela para usar o hacker no esforço de descrédito das urnas eletrônicas só mostra que, enquanto parte do governo tenta apagar o fogo gerado a partir das fagulhas das manifestações antidemocráticas, há gente por ali tentando jogar gasolina no clima incendiário. Bolsonaro contribui decisivamente para a confusão, emitindo sinais de jogo duplo ao acenar ao mesmo tempo para o hacker e para os ministros do STF e TSE. O país torce para que a missão de paz prevaleça sobre qualquer operação aloprada. ■

DIVULGAÇÃO

TÔ FORA Duda Lima: o marqueteiro de Bolsonaro nega conversa com Delgatti

ME DÁ UM DINHEIRO AÍ

Para financiar as próximas eleições, os partidos vão receber 4,9 bilhões de reais dos cofres públicos, mas, ainda assim, eles seguem firmes em busca de doações **DANIEL PEREIRA**

FERNANDO SOUZA/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

RICARDO STUCKERT

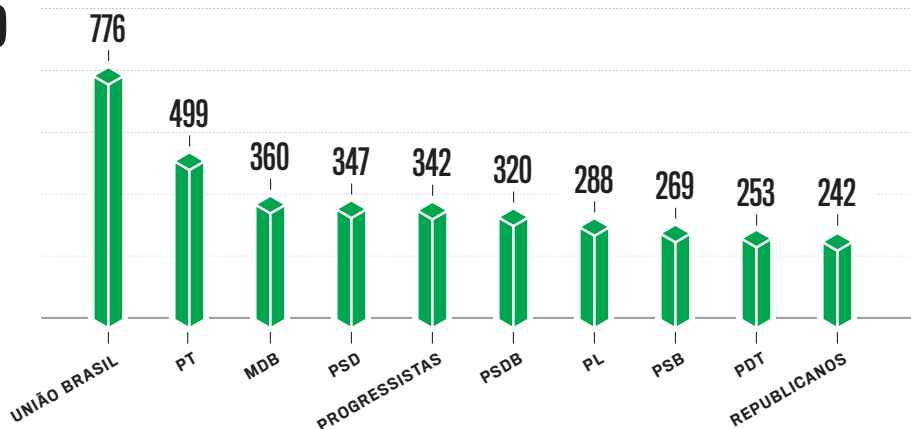
APÓS a redemocratização, dinheiro nunca foi um problema para as campanhas políticas no Brasil. A regra era a fartura de doadores privados, principalmente empresas interessadas em negócios com o governo, que repassavam recursos a candidatos e partidos por diferentes motivos, de afinidade programática a expectativa de receberem retribuição na forma de favores oficiais. Parte das contribuições percorria os caminhos legais e era declarada à Justiça Eleitoral. Outra parte, no entanto, transitou na clandestinidade e deu origem a grandes escândalos de corrupção, como os Anões do Orçamento, o mensalão e o petrolão. A promiscuidade entre certos financiadores e detentores de mandato levou o Supremo Tribunal Federal (STF) a vetar em 2015 as doações de pessoas jurídicas, como empreiteiras e bancos. Na época, alegava-se ser imprescindível implodir um mecanismo corrompido e baratear as campanhas. Tudo em defesa da moralidade e dos cofres públicos. Acostumada à verba fácil, a classe política reagiu. Sob o argumento de que "a democracia tem custo", aprovou a criação de um fundo eleitoral com recursos do Orçamento para financiar as campanhas — e não economizou na iniciativa.

Em 2018, o fundo distribuiu 1,8 bilhão de reais, valor que foi alvo de contestação por setores que o consideravam exorbitante. Não adiantou nada. Em 2022 serão liberados 4,9 bilhões de reais, o equivalente ao dobro do que será gasto com a recente decisão de Jair Bolsonaro de subsidiar o transporte de passageiros com mais de 65 anos. Mesmo assim, há quem ache pouco. É o caso do PL, o partido do presidente da República. A legenda receberá 288 milhões de reais do Fundo Eleitoral neste ano, a sétima maior fatia do bolo *(veja o quadro abaixo)*. A parcela a que cada

FINANCIAMENTO PÚBLICO

O valor do fundo eleitoral de cada um dos 32 partidos que disputarão as eleições de outubro é calculado com base no tamanho das bancadas eleitas em 2018

(em milhões de reais)

Fonte: *TSE*

PRIORIDADES Bolsonaro e Lula: o PL vai distribuir recursos para candidatos à Câmara, enquanto o PT concentrará os gastos na campanha do ex-presidente

sigla tem direito é calculada com base no tamanho das bancadas de deputados federais eleitas na campanha anterior. Em 2018, o PL elegeu 33. O problema é que, depois da filiação de Bolsonaro, sua bancada cresceu e chegou a 77 integrantes. O fundo eleitoral terá de bancar a candidatura desses 77 deputados, de quinze postulantes ao Senado, de doze concorrentes a governos estaduais e do próprio Bolsonaro. É muita gente para pouca verba, dizem os expoentes do partido, que agora reclamam das dores do crescimento. "É absolutamente insuficiente o fundo eleitoral do PL. A questão dos financiamentos das campanhas é um problema grave", afirma Altineu Cortes, líder do partido na Câmara.

Diante da alegada dificuldade de caixa, o PL pretende repassar 1 milhão de reais a cada deputado federal da legenda que concorrerá neste ano. A cifra está abaixo da média de mercado formado pelas agremiações de médio e grande portes. O PP, que não se esforçou para filiar Bolsonaro e prioriza a eleição para a Câmara dos Deputados, destinará 2,5 milhões de reais a cada um dos 58 integrantes de sua bancada. Dono da segunda maior fatia do fundo eleitoral, o PT deve repassar 2 milhões de reais a cada deputado federal. Comandado por Valdemar Costa Neto, o PL espera melhorar seu caixa com doações de pessoas físicas, que são autorizadas por lei. Recentemente, o partido divulgou um vídeo em que o próprio Bolsonaro, que sempre fez questão de manter certa distância regulamentar do tema, aparece pedindo contribuições. "O nosso partido cresceu e muito e nós precisamos obviamente de recursos para fazer que o partido cresça cada vez mais", diz o presidente na peça. "Não interessa quanto você possa doar, interessa é que venha do coração para o bem do nosso Brasil."

Em meio a um cenário de campanha acirrada, Bolsonaro se tornou parte mais do que interessada no assunto. Em 2018, ele declarou ter gasto apenas 2,8 milhões na campanha. Neste ano, é certo que desembolsará uma quantia próxima ao teto de gastos fixados pela Justiça Eleitoral para candidaturas presidenciais, que é de 88,3 milhões de reais. Boa parte das despesas decorrerá do que os coordenadores de sua campanha chamam de profissionalização da candidatura, que já conta com um marqueteiro e dedicará atenção especial à estratégica — e custosa — propaganda eleitoral na televisão. Para bancar a busca pela reeleição, o PL terá de recorrer às doações de pessoas físicas. Até aqui, os pedidos de colaboração têm sido feitos por Valdemar e pelo senador Flávio Bolsonaro, o primogênito do presidente, em encontros com empresários e banqueiros. Reservadamente, pessoas próximas a Bolsonaro

dizem que os recursos obtidos até agora pelo PL são insuficientes e reclamam também da dificuldade de fazer a roda girar. Um dos motivos seria a postura do próprio presidente, que não estaria se empenhando para se reunir com possíveis doadores.

Nos últimos dias, Bolsonaro declinou de um convite para participar de um encontro na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) — convite aceito por seu principal rival, Lula, que compareceu ao evento na entidade na última terça-feira, 9. "Como é que o presidente dá cano em figurões do PIB brasileiro? A Fiesp e o PIB estão abraçando o Lula", reclama uma pessoa próxima ao mandatário. Enquanto passa o pires, o PL aposta que pelo menos empresários reconhecidamente bolsonaristas, como Luciano Hang, ou ligados ao agronegócio ajudarão financeiramente o candidato à reeleição. Neste ano, o partido já angariou pelo menos 2,5 milhões de reais em doações de pessoas físicas ao seu diretório nacional. A prestação de contas não precisa ser feita em tempo real, o que dificulta o mapeamento exato dos valores recebidos. A maior contribuição individual, de 600 000 reais, foi feita por José Felipe Diniz, acionista do Banco Inter. Quatro integrantes da família que é proprietária da operadora de saúde Hapvida doaram juntos 1,25 milhão de reais — cada um deles contribuiu com a quantia de 312 500 reais.

Nesse quesito, a situação do PT é mais confortável. O diretório nacional da legenda já recebeu pelo menos 8,5 milhões de reais na fase de pré-campanha. Os quatro integrantes da família dona da Hapvida repassaram a mesma quantia de 1,25 milhão de reais, valor que destinaram também ao MDB da senadora Simone Tebet. É da tradição brasileira o financiador repassar recursos para todos os concorrentes — ou pelo menos aos mais competitivos — para não ficar mal com ninguém. Ao contrário do PL,

ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO

CHAVE DO COFRE Flávio: encontro com empresários em busca de doações

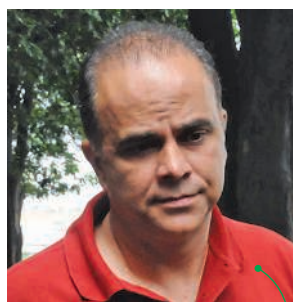
IRMÃOS SIAMESES

Nos últimos trinta anos, a corrupção e o financiamento clandestino de campanhas eleitorais andaram juntos e estiveram na raiz dos principais escândalos políticos

ESQUEMA PC

Em 1989, **Fernando Collor** foi eleito presidente depois de 21 anos de ditadura. Descobriu-se que Paulo César Farias, o tesoureiro da campanha, havia recolhido milhões junto a grandes empreiteiras. O presidente teve o mandato cassado em 1992

ANÕES DO ORÇAMENTO

No Congresso, ao longo de muitos anos, um grupo liderado pelo então deputado **João Alves** destinava verbas do Orçamento para obras fantasmas. O dinheiro desviado, além de enriquecer alguns parlamentares, era canalizado para campanhas

MENSALÃO

O publicitário **Marcos Valério** foi condenado a 37 anos de prisão. No governo Lula, ele arrecadou ilegalmente dezenas de milhões de reais para as campanhas do ex-presidente e do PT. Parte do dinheiro era desviada dos cofres públicos

PETROLÃO

Em 2014, a Lava-Jato desvendou o maior de todos os escândalos. Empreiteiros e políticos de vários partidos desviaram cerca de 50 bilhões de reais da Petrobras. O dinheiro também foi usado para financiar campanhas, incluindo a da presidente **Dilma Rousseff**

que prioriza as campanhas para deputado federal, uma vez que o prestígio do partido depende da força de sua bancada na Câmara, o PT concentra as energias principalmente em Lula. Até aqui, o maior doador individual ao diretório nacional da legenda foi Jonas Barcellos Correa Filho, da Brasif, com 2,1 milhões de reais. Com ou sem doações de pessoas físicas, o ex-presidente receberá todos os recursos necessários.

No fim de junho, Lula participou de um jantar organizado pelo Grupo Prerrogativas — formado por advogados que militaram por sua libertação e contra a atuação de integrantes da força-tarefa da Lava-Jato — para agradecer as doações recebidas e pavimentar o caminho para que outras sejam feitas. Há a expectativa de que artistas e influenciadores ajudem a sigla a captar mais doações. Em 2022, o ex-presidente terá um tesoureiro específico para a sua campanha, diferente do tesoureiro do partido. Será Márcio Macêdo, que assumiu recentemente o mandato de deputado federal e é conhecido pela discrição. Houve um tempo em que uma mesma pessoa cuidava do caixa do partido e da candidatura presidencial, mas esse sistema foi abandonado depois que alguns companheiros, como Delúbio Soares e João Vaccari Neto, acabaram presos acusados de participar de esquemas de corrupção. Com a deflagração da Operação Lava-Jato, o fluxo de recursos de empresas para campanhas foi formalmente interrompido por decisão do STF e deu lugar ao financiamento com recursos públicos. A troca de modelo não mudou um ponto essencial: por mais que haja reclamação, não faltam dinheiro nem doadores para as campanhas eleitorais. ■

A BUSCA PELA PAZ

Fechadas as urnas, o Brasil precisará muito de uma trégua

JÁ DISSE aqui, em coluna anterior, que a guerra é para os covardes e a paz para os corajosos. O Brasil e os brasileiros devem ter a coragem de buscar a paz política. A guerra política que hoje vivemos se expressa tanto por ações institucionais quanto por narrativas anti-institucionais, trazendo intranquilidade para o processo de construção de nossa democracia.

As origens dessa guerra política podem ser identificadas em vários eventos ocorridos nas últimas décadas: mensalão; protestos de 2013, Operação Lava-Jato, desmonte do presidencialismo de coalizão, impeachment da presidente Dilma Rousseff, investigações no governo Michel Temer, prisão do ex-presidente Lula, ativismo judiciário, judicialização da política, entre outros vetores.

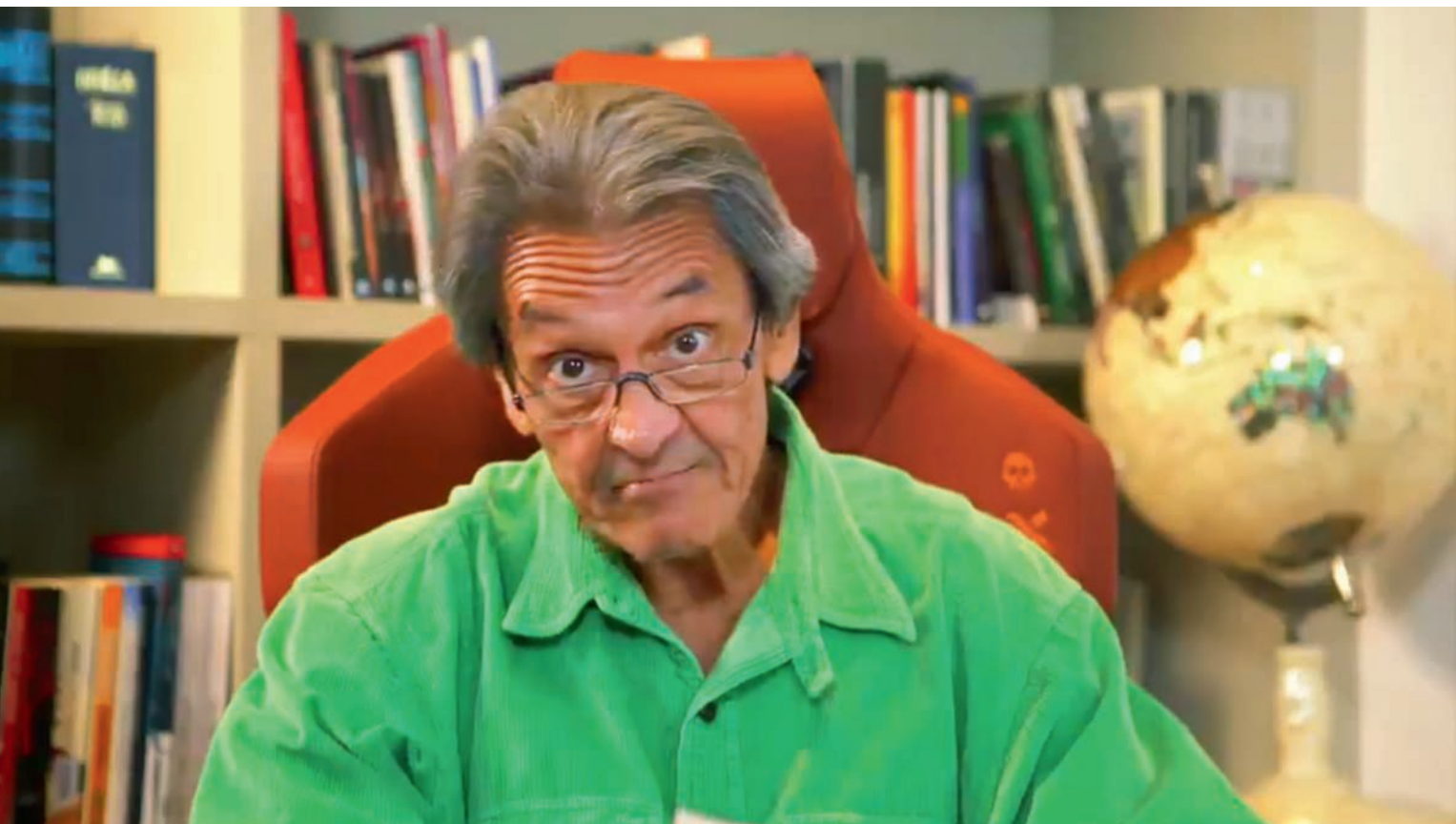
Em muitos momentos houve excessos punitivos. Em outros, leniência em atuar de forma efetiva para evitar desvios e ilícitos. Houve, ainda, complacência com interpretações duvidosas do direito em favor da torcida do momento. Certa época torcia-se para que o furor punitivo do Supremo Tribunal Federal fosse a fogueira que nos purgaria de nossos males. Outras vezes, as esperanças estavam no vigor da primeira instância.

Os conflitos foram ampliados pela inclusão de novos campos de batalha no Judiciário, nas redes sociais e nos movimentos de renovação na política. E ainda por certa omissão das elites em não arbitrar limites nem denunciar excessos. Ao mesmo tempo, outros dois fenômenos foram identificados como consequências: o desmonte do capitalismo de laços e o encolhimento do centro ideológico do país, permitindo a predominância de narrativas radicalizadas, identificadas com a polarização.

O desmonte do capitalismo que era amparado na corrupção foi um avanço, mas deixou um vácuo de poder privado que precisa ser preenchido pelas forças produtivas da sociedade de forma clara, assertiva, honesta e transparente. O encolhimento do centro ideológico enfraqueceu o necessário espaço de amortecimento para conter os radicais. Tem nos faltado juízo para pacificar o país.

Ao país e ao seu povo não interessa o estado de permanente guerra ideológica e institucional que estamos vivendo há tempos. Tampouco interessa apontar o dedo para os culpados, já que são muitos e estão espalhados em várias instituições públicas e privadas. Gastaríamos muito tempo em nominar aqueles que pecaram contra a nossa democracia por ação e omissão. Importa mais olhar os caminhos que podemos seguir.

> **“Ao país e ao seu povo não interessa o estado de permanente guerra ideológica e institucional que estamos vivendo há tempos”**

Países em guerra devem buscar a paz. O caminho da paz é a negociação e o entendimento. As eleições gerais dão ao Brasil a oportunidade de trilhar o caminho da paz. Não é um caminho fácil já que importa em se posicionar em favor do entendimento. Seja quem vencer as eleições. Idealmente, a solução seguiria um protocolo. Primeiro, deve se buscar um armistício que resulte de um cessar-fogo entre os polos em conflito. Em seguida, deve se estabelecer um entendimento com base na Constituição e na democracia em favor do enfrentamento de nossos desafios. O povo tem pressa e os políticos nem tanto. É preciso zerar o jogo, pacificar o país e tocar adiante, rumo ao futuro. ■

MENSAGEM O ex-deputado em vídeo para a convenção do PTB: "missão" de ajudar o presidente a derrotar a esquerda

CAMPANHA EM CASA

Preso domiciliar por ameaças ao STF, Roberto Jefferson se lança candidato à Presidência, mas sua pretensão, que irritou Bolsonaro, pode ser barrada pela Lei da Ficha Limpa **SÉRGIO QUINTELLA**

O MUNICÍPIO fluminense de Comendador Levy Gasparian, com apenas 8 500 habitantes e localizado no meio do caminho entre Petrópolis (RJ) e Juiz de Fora (MG), tem um candidato a presidente da República para chamar de seu. E que, ao menos por ora, tem que ficar por lá. Sem poder sair de casa devido a medidas cautelares impostas pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, no âmbito do inquérito que apura a existência de uma organização criminosa digital que ataca magistrados e instituições, o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB) anunciou de forma virtual, durante a convenção de seu partido, no dia 1º de agosto, a intenção de disputar o pleito presidencial. A candidatura surpreendeu até aliados, irritou o presidente Jair Bolsonaro (PL) e, a curto prazo, deve tumultuar o processo eleitoral.

Por ironia, Jefferson entrou no alvo da Justiça por excesso de devoção a Bolsonaro — foi para defendê-lo que gravou vídeos empunhando armas e pedindo o fechamento do STF em 2021. Acabou preso em agosto do ano passado e ficou atrás das grades até janeiro de 2022, quando Moraes permitiu que fosse para a prisão domiciliar. O lançamento de sua candidatura agora também foi para ajudar o presidente, que, no entanto, não gostou, porque perdeu o apoio de uma legenda com tempo de TV (os minutos de cada partido ainda serão definidos) e ficou sem os palanques estaduais petebistas. A adesão do PTB era importante porque a aliança governista tem o apoio de apenas três legendas: PP, Republicanos e PL, a trinca que forma o Centrão. Em vídeo de treze minutos, Jefferson afirma que a candidatura vi-

PTB/DIVULGAÇÃO

ALIADOS Lançamento da candidatura: caberá à militância da sigla pedir votos

TWITTER @ROBERTOJFILHO26

PROPAGANDA Jefferson: status de presidenciável até o TSE decidir

sa a não deixar o presidente isolado, um "leão solitário contra uma alcateia". "Enquanto a esquerda se apresenta como um polvo, com vários tentáculos, na forma de múltiplas candidaturas, preenchendo todos os nichos do eleitorado, o candidato de direita é desconstruído. A nossa ação não confronta Bolsonaro", diz.

A sua postulação presidencial, no entanto, tem tudo para ser um voo curto porque ela pode não confrontar Bolsonaro, como ele diz, mas afronta a lei. Em tese, Jefferson está inelegível em razão de sua condenação a sete anos de cadeia no processo do mensalão do PT, do qual foi o principal delator. A Lei da Ficha Limpa estabelece oito anos de inelegibilidade a partir do término do cumprimento da pena. Jefferson acha que não pode ser alcançado pela restrição porque recebeu do STF em 2016 o perdão da pena, com base no indulto de Natal assinado pela então presidente Dilma Rousseff. Para especialistas, no entanto, o indulto não extingue a inelegibilidade. Esse entendimento também já foi externado por Moraes, que presidirá o Tribunal Superior Eleitoral *(veja a reportagem na pág. 24),* ao se manifestar sobre a situação do deputado Daniel Silveira, também do PTB, que foi indultado por Bolsonaro. A lei, no entanto, permite a Jefferson fazer o registro da sua candidatura — depois, caberá ao colegiado presidido por Moraes decidir, até 12 de setembro, se indefere ou não a sua postulação.

Até lá é certo que haverá espaço para muita confusão, já que Jefferson poderá ser considerado candidato, com direito a pedir votos ao eleitor. Como o presidenciável não pode sair às ruas, o PTB aposta no trabalho dos militantes e no empenho dos demais candidatos do partido, além, é claro, do horário eleitoral no rádio e na TV, que começa em 26 de agosto. A despeito de não haver impedimentos legais para candidaturas de pessoas presas preventivamente (há diversos casos no Brasil de políticos que disputaram campanhas da cadeia e tomaram posse até por videoconferência), as comunicações com o mundo exterior, independentemente do regime de prisão, são automaticamente proibidas. Depende da avaliação do juiz penal a autorização para gravações de vídeos de campanha ou entrevistas.

Há outras limitações impostas ao candidato-presidiário. Ele não pode usar redes sociais, nem receber visitas sem aviso prévio (exceto familiares de primeiro grau) ou ter contato com outros investigados no mesmo inquérito. Existem sinais de que nem tudo está sendo cumprido à risca. Na última semana, Moraes pediu que a Polícia Federal periciasse um áudio enviado pelo ex-deputado a políticos gaúchos. Além disso, o ministro quer saber por que Jefferson ficou um dia inteiro, em 28 de julho, sem tornozeleira eletrônica.

A candidatura de Jefferson — preso e isolado politicamente — é um momento melancólico na história do PTB. Criado por Getúlio Vargas em 1945, o partido foi extinto em 1965 pela ditadura e recriado em 1981. Desde a redemocratização, participou de todos os governos até a gestão de Michel Temer, quando comandava o importante Ministério do Trabalho. De lá para cá, trocou o trabalhismo por um confuso nacionalismo conservador, de direita, bastante identificado com o bolsonarismo. Reflexo dos bons tempos, a sigla ainda tem 1,1 milhão de filiados, a sétima melhor marca entre os partidos brasileiros. Mas com apenas três deputados na Câmara e status de nanico, ela precisará de muito esforço para vender em cadeia nacional como saída para o país a eleição de um político que está na prisão. ■

JOÉDSON ALVES/EFE

FAROESTE URBANO
Atirador no DF: clubes têm pouca fiscalização

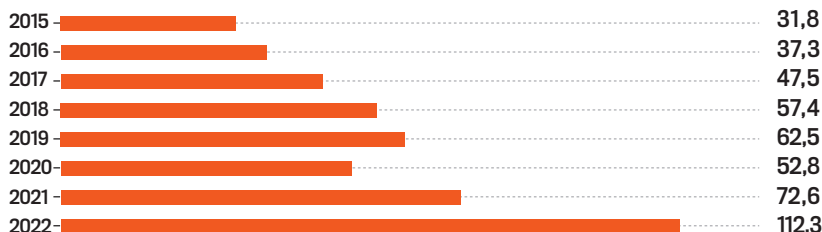
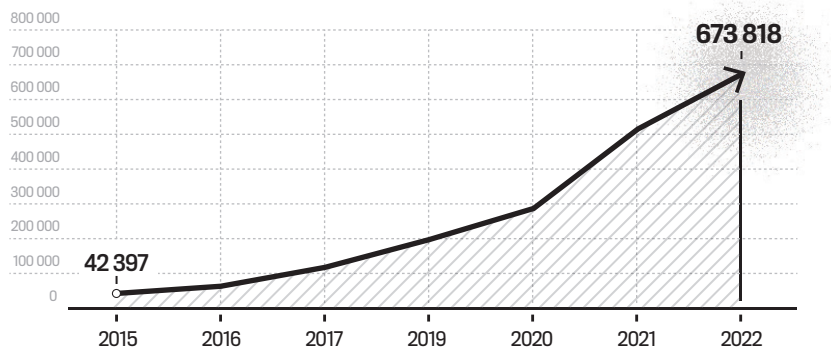
UM TIRO PELA CULATRA

Na esteira da política belicista promovida por Bolsonaro, aumenta o número de roubos e furtos de armas, que acabam nas mãos do crime organizado **VICTORIA BECHARA** E **TULIO KRUSE**

NA MANHÃ de 14 de julho de 2021, uma mulher chegava para trabalhar na Vila Romana, Zona Oeste de São Paulo, quando foi abordada por quatro homens com camisetas e distintivos da Polícia Civil. Os supostos agentes afirmaram que precisavam entrar, pois assaltantes teriam invadido o quintal do sobrado, onde moravam o dono de uma tradicional livraria e a esposa. Os homens fizeram o casal e a empregada reféns e anunciaram um roubo. Levaram mais de 200 relógios, outros bens pessoais e dezessete armas, todas registradas no nome do empresário — um prejuízo de mais de 1 milhão de reais. Na coleção havia três pistolas 9 mm Taurus e Glock, modelo muito cobiçado pelo crime, além de revólveres importados de diversos calibres, espingardas e carabinas de marcas como Rossi e Smith & Wesson. No dia seguinte, três ladrões foram presos em um posto de gasolina. Um ano depois, no entanto, o arsenal roubado ainda não foi localizado — e provavelmente continua nas mãos de bandidos.

O caso é emblemático de um novo tipo de situação que preocupa a polícia e cresce na esteira da política armamentista do presidente Jair Bolsonaro (PL): o extravio de armas adquiridas legalmente. O empresário assaltado em São Paulo era um colecionador, uma das letras da sigla CAC (colecionadores, atiradores desportivos e caçadores), um tipo de cidadão autorizado a comprar e a portar armamentos em grande quantidade e cujo número teve um salto nos últimos anos, chegando a mais de 670 000 armamentos registrados dentro desse universo, um recorde *(veja o quadro na pág. ao lado)*. Foi uma consequência direta de decretos editados pelo governo federal em 2021 que permitiram a quem tem registro de atirador comprar até sessenta armas, sendo trinta de uso restrito, como fuzis (antes, o limite era de dezesseis e oito, respectivamente).

O efeito colateral do expressivo crescimento desse arsenal na mão dos CACs foi transformar esse grupo no alvo preferencial de bandidos. Um es-

tudo do Instituto Sou da Paz, focado em São Paulo, mostra que a grande maioria das vítimas de armas desviadas é de homens (80%) e que quase metade (47%) dos casos ocorreu em residências. No réveillon de 2021, em Oswaldo Cruz, no interior paulista, por exemplo, 28 armas (incluindo dois fuzis, nove pistolas, oito carabinas e quatro espingardas) foram furtadas de um imóvel na zona rural — nenhuma delas foi encontrada. “Há a ideia de que a pessoa vai comprar uma arma para se defender e afastar bandido. Na verdade, é o contrário. Os criminosos vão atrás de lugares com mais armamento”, afirma Bruno Langeani, gerente do instituto.

Especialistas avaliam que o crime organizado mudou a sua dinâmica em razão dessa flexibilização descontrolada: deixou de buscar armas exclusivamente por meio do tráfico internacional. Além de lucrar, mesmo que indiretamente, com roubos e furtos de material bélico, há indícios de que facções como o PCC têm utilizado laranjas para comprar pistolas, fuzis e revólveres como CACs. Um fuzil AR-15, um dos mais cobiçados, custa 70 000 reais no mercado ilegal, mas é vendido na loja por 12 000 reais a um colecionador ou atirador. “O crime se aproveita dessa situação”, diz Ivan Marques, membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Evidentemente, além do crime, existe toda uma cadeia de negócios legais, que se beneficia desse aumento. A corrida civil por armas acabou alavancando um mercado antes restrito: o dos despachantes. Essas pessoas ajudam o cidadão a reunir a documentação para posse, porte, matrícula em clube de tiro e oferecem pacote até com o revólver incluso. Gustavo Pazzini, de 32 anos, já fazia esse serviço, em 2018. No ano seguinte, quando Bolsonaro assumiu, expandiu os negócios. Abriu o G16 Universidade do Tiro, um misto de clube e loja de armas que funciona 24 horas

NAS MÃOS ERRADAS

Desvio de armamento de colecionadores, atiradores e caçadores dispara no país

ARMAS FURTADAS OU ROUBADAS (média mensal)

674 ARMAS FORAM ROUBADAS DE JANEIRO A JUNHO DESTE ANO, MAIS QUE EM TODO O ANO DE 2020 (634)

ARSENAL EM ALTA Número total de armas nas mãos dos CACs

Fontes: *Exército e Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*

DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL

APREENSÃO Arsenal: produtos que foram parar nas mãos de bandidos em SP

DANILO VERPA/FOLHAPRESS

TRAGÉDIA Enterro de Leandro Lo *(detalhe):* o campeão de jiu-jítsu levou tiro durante show em clube

por dia em São Paulo. A procura aumentou tanto que Gustavo já constrói a quarta unidade. Apoiador do presidente nas redes sociais, o empresário reclama das mudanças barradas pelo Judiciário e pelo Legislativo, como a suspensão pela ministra Rosa Weber, do STF, em abril do ano passado, de vários dispositivos dos decretos de Bolsonaro como a possibilidade de aquisição de armas para a prática de tiro esportivo sem registro prévio e o porte simultâneo de duas armas. "As coisas vêm melhorando, mas acredito que dá para liberar mais", defende.

Impulsionada por grupos de apoio ao presidente, a intensa circulação de novas armas, obviamente, torna sua fiscalização mais difícil. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2021, o Sistema Nacional de Armas (Sinarm) contava com 1,54 milhão de registros expirados — mais que o total ativo, de 1,49 milhão. No entanto, foram feitas apenas 11 600 visitas de fiscalização pelo Exército e 2 600 pela PF naquele ano. "Historicamente, a PF e as polícias não têm a menor estrutura para fazer esse tipo de fiscalização", afirma Ignacio Cano, do laboratório de análise da violência da UERJ. No governo Bolsonaro, os CACs passaram a ter permissão para carregar armamento no trajeto entre a residência e o local de prática, como clubes de tiro, sem restrição de rota ou horário. É uma espécie de porte de arma informal, com fiscalização quase nula. Além disso, colecionadores e atiradores são avisados com 24 horas de antecedência quando há fiscalização em casa, o que permite ocultar eventual ilegalidade.

REPRODUÇÃO

NOVO NICHO Despachante em SP: serviço em expansão

Apesar dos problemas, Bolsonaro se esforça em emplacar a narrativa de que a flexibilização na compra e registro de armas contribuiu para a redução de homicídios. A tese de mais armas, menos violência, voltou a ser repisada pelo presidente no seu programa de governo. O discurso de que a política de flexibilização de armamentos teria contribuído para a redução de homicídios erra o alvo. Na verdade, o Brasil vive uma

tendência de queda desde 2017, quando atingiu o pico, com 64 000 mortes, mas já com Michel Temer, em 2018, esse número havia caído para 57 600 — hoje está em 47 500. Um dos principais motivos da queda foi a diminuição de confrontos entre facções do crime organizado com chacinas em presídios e uma rotina de execuções nas ruas. Hoje o problema está concentrado na região Norte, onde os homicídios ainda crescem. Por outro lado, há sintomas do aumento da violência em outras circunstâncias. Os feminicídios, por exemplo, foram de 929 casos em 2016 para 1 341 no ano passado. Também aumentaram as mortes com arma em que não há certeza sobre a intenção do autor (acidentes, balas perdidas e suicídios, entre outros): em 2017, foram 818; no ano passado, 2761.

A circulação de armas tem provocado seguidas tragédias como a do último dia 7, quando um empresário de 30 anos, que portava uma arma por ser CAC, atirou e matou um homem de 34 anos que havia batido no seu carro em Mogi Guaçu (SP). No mesmo dia, o campeão mundial de jiu-jítsu Leandro Lo, de 33 anos, foi baleado na cabeça em um show em São Paulo, pelo policial militar Henrique Otávio Oliveira Velozo, que estava de folga. Sean Purdy, professor da USP, avalia que o problema da flexibilização de armas nas mãos de civis depende muito do comportamento da sociedade. "Brasil e Estados Unidos são países historicamente violentos", diz. Por aqui, além de estimular o faroeste urbano, o efeito prático da política bélica foi aumentar o poder de fogo dos bandidos, que conseguem armamentos da pesada via roubos e furtos. Como política de segurança, é inegável: o tiro saiu pela culatra. ■

ALON FEUERWERKER

10 MILHÕES DE ELEITORES EM DISPUTA

Grupo já votou no PT e no PSDB e esteve com Bolsonaro em 2018

UM CONTINGENTE muito específico de eleitores está no foco da disputa entre os dois principais competidores, no momento, da sucessão presidencial. São cerca de 10 milhões de pessoas que nas duas últimas décadas já votaram tanto no PT de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff quanto contra o PT. Estiveram em parte com o PSDB de 2006 a 2014 e maciçamente com Jair Bolsonaro em 2018.

Esse grupo abandonou o PT quatro anos atrás principalmente por causa das denúncias de corrupção, mas é simplista parar por aí. As denúncias de Roberto Jefferson em 2005 não impediram o petismo de sobrepujar, e bem, os adversários em 2006 e 2010. As ações foram julgadas e as condenações, proferidas no primeiro mandato de Dilma. Mesmo assim, ela conseguiu um segundo quadriênio.

"Resta saber se haverá tempo para que a virada na conjuntura econômica se cristalize nas intenções de voto"

A fórmula explosiva que levou ao impeachment dela teve não um, mas dois ingredientes: a Lava-Jato e a recessão. Governos até se salvam de escândalos quando têm sólida base político-parlamentar e a economia caminha pelo menos razoavelmente, do ângulo do povão. Quando a economia engasga, a intolerância com denúncias de malfeitos cresce aceleradamente. Aconteceu em 2015-16.

A economia costuma comandar, mesmo quando outras variáveis têm mais visibilidade. O mecanismo parece repetir-se. Segundo as pesquisas, a percepção de melhora no cenário econômico começa a mexer nos índices de aprovação do governo. Será uma surpresa se isso não repercutir em algum grau nas intenções de voto do candidato à reeleição. Mesmo enredado em outras polêmicas.

A recuperação econômica era previsível, e foi prevista, pela volta completa das atividades produtivas e comerciais, mesmo que a Covid-19 ainda esteja matando por aqui mais de duas centenas por dia. Mas isso aparentemente deixou de ser notícia. Ajudam também as exportações anabolizadas pelo câmbio, mesmo com a tormenta econômica global provocada em torno da guerra na Ucrânia. E a recuperação vem acompanhada da queda do desemprego.

Até semanas atrás, o que travava a sensação de melhora era a inflação resistente, mas a conjugação das medidas agressivas para baixar o preço dos combustíveis com o igualmente agressivo aperto monetário promovido pelo Banco Central parece estar contendo a alta dos preços. É provável que a eleição transcorra num ambiente de emprego em recuperação e menos inflação.

A oposição programou-se para uma jornada eleitoral com a população tomada pela sensação de agudo mal-estar com a economia. As dificuldades ainda são muitas, especialmente entre os mais pobres, a inflação da comida machuca, mas a irritação persistente com o governo na classe média e na elite econômica parece registrar alguma dissipação. E agora começou a ser pago o Auxílio Brasil de 600 reais.

Resta saber se haverá tempo para que a virada na conjuntura econômica se cristalize nas intenções de voto — e no voto. O tempo teoricamente é curto, mas em períodos eleitorais ele costuma correr de um modo diferente. ■

CORRIDA CONTRA

Uma das grandes esperanças do presidente Jair Bolsonaro (PL) para virar o jogo nas eleições presidenciais entrou em campo na terça-feira 9. Trata-se do pagamento do Auxílio Brasil a famílias de baixa renda agora anabolizado em 200 reais e com um valor total de 600 reais. Apenas o anúncio da chegada já garantiu dividendos eleitorais, como aponta a última pesquisa Genial/Quaest, realizada no fim de julho. No levantamento, o governo Bolsonaro teve aprovação de 28% dos eleitores que recebem o Auxílio Brasil, contra 24% no início do mês. A expectativa dos aliados do presidente é que, com o dinheiro no bolso, esses eleitores tradicionalmente mais dispostos a votar em Luiz Inácio Lula da Silva (PT), se tornem menos arredios à ideia de Bolsonaro permanecer mais quatro anos no poder. Entretanto, até o fim de agosto, o governo precisa resolver uma questão complexa, capaz de pôr em risco essa estratégia.

RONALDO SILVA/FUTURA PRESS

O aumento no Auxílio Brasil só foi possível com a criação de um estado de emergência vigorando até o fim do ano, por meio de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que também permitiu pagar auxílios para caminhoneiros e taxistas e o avanço além dos limites do teto. Em tese, em janeiro, o valor do benefício voltará a 400 reais. Mas ninguém acredita que isso vai, de fato, acontecer. Tanto Bolsonaro quanto Lula e Ciro Gomes, os três primeiros colocados nas pesquisas, já declararam que vão tornar permanente o valor de 600 reais. Para os dois candidatos de oposição, fazer tal promessa é simples, uma vez que não precisam explicar, agora, de onde virão os recursos para o acréscimo. Já o governo de Bolsonaro terá de deixar isso claro no Orçamento que será elaborado para 2023. "O valor de 600 reais significa uma pressão fiscal maior e requer um financiamento mais estruturado", comenta Manoel Pires, coordenador do núcleo de política econômica do FGV-Ibre e que já foi secretário de política econômica do Ministério da Fazenda.

Na quarta-feira, foi publicada, com sanção de Bolsonaro, a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que serve de base para a elaboração da Lei Orçamentária Anual (LOA), instrumento que aponta como o governo pretende gerir os recursos no próximo ano. O problema é que a LOA precisa ser enviada ao Congresso até o fim de

A O TEMPO

O governo tem até o fim de agosto para demonstrar como manterá o Auxílio Brasil de 600 reais no Orçamento de 2023

FELIPE MENDES

DIAS CONTADOS
Guedes: busca de um modelo para não romper com o teto de gastos

agosto. Faltando poucos dias para isso, Bolsonaro já declarou que o Auxílio de 600 reais estará no Orçamento. A conta não é tão simples quanto o presidente faz crer. "Nenhum dos candidatos que colocaram esse assunto na mesa mencionou a questão do teto de gastos. Um aumento de despesas dessa magnitude não cabe dentro da regra do teto tal como ela é desenhada atualmente," diz Vilma Pinto, diretora da Instituição Fiscal Independente (IFI), ligada ao Senado. Sem nenhuma mudança nos benefícios atuais e com o valor de 400 reais, o Auxílio Brasil custaria 89 bilhões de reais em 2023, segundo cálculos do Ministério da Economia. Para chegar ao novo formato do programa como quer o governo, o IFI estima que serão necessários mais 48,5 bilhões de reais para fechar a conta. "Tem um buraco aí precisando ser completado. Com a perspectiva de o programa se tornar definitivo, será preciso encontrar uma solução permanente de financiamento", afirma Rodrigo Orair, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

48,5
BILHÕES DE REAIS
é o valor adicional estimado para manter o Auxílio Brasil de 600 reais em 2023

Restam duas semanas para o Ministério da Economia encontrar uma solução para incluir essas despesas dentro do Orçamento e do teto de gastos, ou justificar mais um novo estouro da regra fiscal. Além do aumento do Auxílio Brasil, o presidente pretende amplificar seu pacote de bondades eleitorais, como reajuste dos salários do funcionalismo público, manutenção dos subsídios de impostos aos combustíveis — que também vale só até o fim de dezembro — e a correção da tabela de imposto de renda, para que mais brasileiros voltem a ser isentos. Tudo isso, somado, pode custar mais de 80 bilhões de reais.

Em meio a tantas promessas, a princípio, o Ministério da Economia resistiu à ampla distribuição de benesses. Mas, nas últimas semanas, Bolsonaro passou a declarar publicamente já ter avisado Guedes de que a decisão está tomada. E ainda citou que o aumento do Auxílio Brasil poderia acontecer por meio de nova PEC. Mudanças constitucionais deveriam ser difíceis de ser feitas, mas o Brasil tem abusado desse recurso, em especial nos últimos tempos. E os apoiadores do governo no Congresso vêm conseguindo fazer isso de forma rápida, como aconteceu em julho, com a PEC que criou o estado de emergência, também chamada de PEC Kamikaze, pelo risco de deteriorar as contas públicas.

Em palestra recente em São Paulo, Guedes demonstrou preferir outra solução. Ele declarou que gostaria de compensar os gastos adicionais com o Auxílio Brasil por meio da aprovação de uma das partes de sua proposta de reforma tributária, a que trata de atualizar as faixas do imposto de renda. Parada no Senado, depois de ter sido aprovada na Câmara, ela institui também a cobrança de impostos sobre dividendos. A mesma justificativa, da necessidade de aprovar esse trecho da reforma, já foi utilizada outras vezes por Guedes para compensar programas de aumento de gastos do governo. Inclusive, era essa a sua proposta quando foi criado o Auxílio Brasil, no ano passado. Mas em nenhuma das vezes Guedes foi bem-sucedido. O ministro, agora, sinaliza que vai tentar a mesma manobra de novo, mas é difícil imaginar que será possível aprovar em prazo recorde uma reforma tributária, que desde o início do governo segue sem solução. ■

CHOQUE DE REALIDADE Escritório da empresa do ramo imobiliário QuintoAndar: necessidade de enxugar a operação

O UNICÓRNIO VIROU CAMELO

Com dinheiro escasso, os investidores em startups trocam as promessas de ganhos fabulosos por negócios capazes de sobreviver às adversidades **FELIPE MENDES** E **LUANA MENEGHETTI**

OS ÚLTIMOS ANOS foram extremamente prolíficos para os unicórnios. Não os animais mitológicos propriamente ditos, mas empresas inovadoras de tecnologia e com potencial de atingir a marca de 1 bilhão de dólares em valor de mercado a curto prazo. Com abundância de capital e apetite para o risco, tais negócios pipocaram mundo afora, a ponto de, em fevereiro, serem mais de 1 000 deles à espera de oportunidade para abertura de capital nas bolsas internacionais, com um valor de mercado conjunto avaliado em 3,3 trilhões de dólares.

A alta da inflação e a corrida por investimentos mais seguros estimulada pela elevação dos juros em países como os Estados Unidos mudaram a sorte desses empreendimentos. Alvo preferencial de quem buscava retornos fabulosos sobre o capital aplicado, os cavalos com chifre dos negócios atolaram no ostracismo. “É uma mudança radical, que tem afetado principalmente as empresas em estágio mais avançado de crescimento ao buscarem por novas rodadas de investimento”, diz Gustavo Araujo, cofundador e CEO da consultoria Distrito, especializada no assunto.

A materialização dessa virada de expectativas está no volume de recursos destinados a startups no primeiro semestre deste ano. No Brasil, durante o período, cerca de 300 transações levaram ao aporte de 2,92 bilhões de dólares nessas companhias — valor 44% inferior ao registrado no mesmo período de 2021. Uma das potências do segmento de capital de risco, o fundo japonês SoftBank, com vários investimentos no país, revelou na semana passada um prejuízo trimestral recorde de 23 bilhões de dólares em sua operação global, o equivalente a 118 bilhões de reais. “Fiquei um pouco delirante quando estávamos obtendo grandes lucros, e agora, olhando para mim mesmo, estou bastante envergonhado”, admitiu o fundador e CEO do fundo, Masayoshi Son.

Se os unicórnios enfrentam problemas, os investidores passaram a procurar outra modalidade de empresa, também batizada com nome de animal — só que bem menos arreba-

tador. Trata-se dos camelos, em analogia ao mamífero capaz de sobreviver a situações adversas, como o calor dos desertos mais inóspitos. Na categoria, encaixam-se negócios novos, inovadores e promissores, mas com capacidade para gerar receita suficiente para sua manutenção e que não tenham a cultura de arroubos de esbanjamento dos antecessores. Com isso, em vez de priorizar o potencial de valor de mercado no futuro das companhias, os investidores passaram a olhar os resultados atuais e suas perspectivas futuras. Nos Estados Unidos, o filtro tornou-se tão rigoroso que as empresas dos sonhos dos investidores são as capazes de cravar faturamento na faixa dos 100 milhões de dólares por ano. Segundo pesquisa da consultoria Dealroom.co, existem hoje apenas 150 startups desse tipo pelo mundo.

Para as que não nasceram camelos, a alternativa é se transformarem. Nos últimos meses, o mercado brasileiro testemunhou um abalo sísmico provocado pela seca de recursos. Mais de 4 000 pessoas foram demitidas de empresas como Ebanx, QuintoAndar, Kavak, Loft, Vtex e iFood, segundo levantamento do site Layoffs Brasil. O último grande anúncio foi feito pela Loggi, que divulgou, na segunda-feira 8, o corte de 15% dos seus 3 600 funcionários. "Está acontecendo um freio de arrumação nas empresas, porque muitas estavam gastando os aportes que recebiam como se não houvesse amanhã. Foi quase uma década de abundância e de dinheiro fácil, mas isso acabou", diz o investidor João Kepler, CEO da Bossanova Investimentos. A capacidade de adaptação e a eficiência nos negócios contam mais que tudo a partir de agora. ■

GERMANO LÜDERS/EXAME

MAÍLSON DA NÓBREGA

IMPOSTOS E O CONSUMO DOS RICOS

Ao adotar alíquota única, o IVA é menos sujeito a distorções

A TRIBUTAÇÃO do consumo, comumente regressiva, incide proporcionalmente mais sobre a renda dos pobres. Esse efeito negativo se intensifica quando a parcela mais favorecida da sociedade paga o imposto com base em alíquotas reduzidas. É o caso do Brasil, o que pode ser resolvido se for aprovada a proposta, ora sob exame do Congresso, pela qual cinco tributos (IPI, PIS, Cofins, ICMS e ISS) serão substituídos por um imposto sobre o valor agregado (IVA) com alíquota uniforme. A tecnologia digital permitirá que os pobres recebam de volta o imposto pago sobre o que consumirem.

Vários estudos mostram que o IVA — adotado por mais de 160 países — é menos sujeito a distorções quando se aplica apenas uma alíquota. A uniformidade melhora a eficiência da economia, aumenta a produtividade e amplia o potencial de expansão do PIB, da renda e do emprego.

Essa simplicidade evita interpretações e classificações errôneas — comuns nos casos de alíquotas multiformes —, que elevam o contencioso tributário e as autuações decorrentes do exercício do subjetivismo do Fisco. Por isso, segundo apontou o Fundo Monetário Internacional, alíquotas múltiplas e isenções impactam negativamente o ritmo da atividade econômica.

A experiência internacional diz que alíquotas diferenciadas — que tendem a estabelecer e cristalizar privilégios — criam resistências a reformas em favor da sua uniformização. Os beneficiários das exceções se mobilizam contra as mudanças, mesmo que elas possam promover a aceleração da atividade econômica. É o que se vê no Brasil, em que boa parte dos serviços — consumidos majoritariamente pelos mais ricos — é tributada pelo ISS, à alíquota de, no máximo, 5%. Já em relação aos bens, que são a grande fatia da cesta de consumo dos mais pobres, incide o ICMS, cuja alíquota-padrão é de 17% ou 18%.

Esse favorecimento das classes mais ricas tem raízes históricas. Embora tenha sido um dos pioneiros da introdução do regime de tributação do consumo pelo valor agregado, em 1967, o Brasil cometeu o erro de distribuir a competência de sua cobrança pelas três esferas de governo. A federal ficou com o IPI, a dos estados, com o ICM (hoje ICMS), e a dos municípios, com o ISS, o qual tributa serviços como educação, saúde, lazer e turismo, que são consumidos essencialmente pelos segmentos mais ricos.

> "O Brasil errou ao distribuir a cobrança de impostos sobre consumo pelas três esferas de governo"

Esses grupos dispõem de elevado poder de arregimentação para exercer pressão contra mudanças que interpretam como prejudiciais a seus interesses. É assim no movimento que se opõe à adoção da alíquota uniforme — prevista no projeto de criação do IVA —, o qual envolve associações de classe e entidades sindicais que congregam empresas fornecedoras de serviços.

Se essa resistência prevalecer, o novo imposto nascerá sem o benefício da uniformidade, um traço que tem caracterizado as suas versões mais recentes no mundo. Os respectivos países que as adotam levaram em conta os casos de IVAs já implementados, que evidenciaram as distorções causadas por alíquotas multiformes. Será uma pena. ■

PONTO PARA O P

STEFANI REYNOLDS/AFP

Há exatos quarenta anos, o deputado democrata e ativista ambiental Al Gore presidiu a primeira série de audiências na Câmara sobre a necessidade de os Estados Unidos frearem as emissões de carbono e outros poluentes. Gore, vice-presidente de Bill Clinton, viria a ganhar um Nobel da Paz pela defesa do meio ambiente e um Oscar pelo documentário *Uma Verdade Inconveniente,* mas nada disso dobrou o Congresso, que derrotou pacote após pacote de medidas para deter o aquecimento global. Joe Biden assumiu com a promessa de encaminhar o mais ambicioso projeto nesse sentido, mas o pacotaço de 2,2 trilhões de dólares também sucumbiu diante da resistência dos congressistas. Pois corta daqui, cede dali, adapta acolá e, quando a esperança de um avanço a curto prazo parecia perdida, eis que o Senado finalmente aprovou o projeto de lei para combater mudanças climáticas mais significativo da história americana. “Até que enfim derrubamos a barreira. Nunca imaginei que demoraria tanto”, comemorou Gore, hoje afastado da política.

O projeto, que também prevê uma expansão do sistema de saúde pública, é um divisor de águas para a transição energética. Do pacote de 740 bilhões de dólares, 369 bilhões serão investidos para combater a crise do clima na próxima década. O objetivo é reduzir as emissões de gases do efeito estufa

ATÉ QUE ENFIM Biden: grande vitória, depois de muitas derrotas

PLANETA

O enfraquecido governo Biden marca um tento ao conseguir aprovar um ambicioso programa de combate ao aquecimento global no país mais poluidor do mundo depois da China

AMANDA PÉCHY E **CAIO SAAD**

do segundo maior poluidor mundial (atrás apenas da China) em 40% até 2030, através de um complexo quebra-cabeça de créditos e isenções fiscais. Entre as providências planejadas, uma fatia de 60 bilhões de dólares em descontos de impostos foi destinada a empresas que se dediquem a expandir a produção de energia eólica e solar, aprimorar as técnicas de sequestro de carbono e ampliar a fabricação de baterias (quem comprar um carro elétrico novo também receberá descontos de até 7 500 dólares, uma prática já adotada em alguns estados). Ainda está prevista a injeção de recursos nas vastas áreas afetadas pela seca e por outros efeitos do aquecimento e penalidades a quem descumprir acordos antipoluição.

Para arcar com o aumento mastodôntico dos gastos públicos contido no projeto, foi criado, entre outros tributos, um imposto mínimo de 15% sobre os ganhos de grandes corporações. Pelo conjunto da obra, o pacote coloca os Estados Unidos na liderança mundial do combate às mudanças climáticas. "Reduzir em 40% as emissões de poluentes aqui representa um corte de 5% no total global. O que mais importa, porém, é que ações climáticas de impacto passam a ser a nova norma", avalia Ronald Mitchell, professor de política ambiental na Universidade do Oregon. A aprovação do projeto foi uma excepcional vitória para Biden, que viu afundar no pântano da polarização política praticamente tudo o que apresentou ao Congresso (as únicas exceções foram o pacote trilionário na pandemia e o que incentiva empresas americanas a competir com a China) e amarga menos de 40% de popularidade — isso, tendo pela frente uma eleição para a renovação de toda a Câmara e um terço do Senado na qual as pesquisas enterram as chances democratas.

A própria aprovação do pacote, intitulado Lei para Reduzir a Inflação, foi uma epopeia. No Senado dividido ao meio — cinquenta republicanos, cinquenta democratas e voto de desempate da vice-presidente Kamala Harris —, a Casa Branca precisava da lealdade de toda a sua bancada. A liderança passou meses negociando internamente para vencer as oposições de dois senadores do partido — Joe Manchin, ligado aos setores de carvão e petróleo, e Kyrsten Sinema, com laços no mercado financeiro. Assim que conseguiu, levou o pacote ao plenário, em sessão aberta a toda e qualquer proposta de emenda, única maneira de evitar manobras de obstrução. A sessão foi iniciada no começo da noite de sábado 6, e 36 horas e 41 emendas (a maioria derrotada) depois, os democratas cantaram vitória às 15h30 de domingo. Agora o projeto vai para a Câmara (onde a maioria de seis cadeiras é mais confortável enquanto durar) e de lá para a sanção de Biden.

A ala "esquerda" do Partido Democrata saiu insatisfeita ("Não chegamos nem perto de abordar os problemas", disparou o senador Bernie Sanders) e supõe-se que as medidas, ainda que aumentem a aprovação do presidente, terão pouco efeito prático nas preferências do eleitorado. Caso os republicanos tomem o controle do Congresso, como está previsto, a implementação da lei pode acabar prejudicada em algum grau. Seja como for, o avanço é inegável. "Não podemos deixar que o perfeito seja inimigo do bom, e esse é sem dúvida um bom projeto", avalia Samantha Gross, diretora de iniciativas para o clima do Brookings Institution. O planeta respira um pouco mais aliviado. ■

369 BILHÕES
DE DÓLARES É QUANTO O GOVERNO BIDEN DESTINARÁ AO NOVO PACOTE AMBIENTAL, O MAIOR DA HISTÓRIA AMERICANA

DAVID MCNEW/GETTY IMAGES

AJUDA FEDERAL Barcos atracados em rio por causa da seca na Califórnia: áreas afetadas pelo aquecimento terão mais recursos

ANTONIO MASIELLO/GETTY IMAGES

O *DUCE* REPAGINADO

Com o derretimento de mais uma coalizão, novas eleições marcadas e alta insatisfação popular, a neofascista Giorgia Meloni tornou-se favorita para chefiar o governo italiano **AMANDA PÉCHY**

POUCOS destinos têm sido tão efêmeros quanto chegar a primeiro-ministro da Itália. Desde a queda de Silvio Berlusconi, o populista que, entre idas, vindas e escândalos de corrupção, ficou quase uma década à frente do governo, nenhum sucessor conseguiu completar três anos no poder — consequência, entre outros fatores, da pulverização do sistema eleitoral entre mais de 100 partidos. A alta rotatividade, porém, não diminuiu em nada a sede dos líderes partidários pelo comando do país. Tendo agora chegado ao fim a curta experiência do apolítico Mario Draghi, ex-presidente do Banco Central Europeu que aglutinou as mais variadas legendas em torno da missão de pôr a Itália nos eixos e, ao fim de um ano e meio, jogou a toalha, dirigentes fazem fila pela chance de se dar bem nas eleições convocadas para 25 de setembro. Com uma novidade de deixar meio mundo de cabelo em pé: a mais cotada para a vitória é a deputada neofascista Giorgia Meloni.

Bradando o exato slogan de Mussolini — Deus, Pátria e Família —, Meloni, à frente do Irmãos da Itália, legenda que nasceu minúscula há uma década, pode conquistar até 25% dos votos na próxima eleição — um porcentual, aliás, alinhado com as atuais chances eleitorais de boa parte da extrema direita europeia. Caso consiga costurar uma coligação com os aliados naturais, Força Itália, de Berlusconi, e La Liga, do também ultradireitista Matteo Salvini, ela deve alcançar 40% das intenções de voto. A mola propulsora da popularidade de Meloni é a habilidade em usar as redes sociais para culpar os

CHRISTOPHE SIMON/AFP

AVANÇO Le Pen, líder da ultradireita da França: de oito para 89 deputados

VOZ DO PASSADO
Meloni: defesa das teses conservadoras e estreita ligação com os articuladores do neofascismo

imigrantes pelos males da Itália (esta, sua principal bandeira) e falar mal de aborto e do casamento gay. "O Irmãos da Itália claramente tem suas raízes no Movimento Social Italiano, fundado por seguidores de Mussolini após a II Guerra", diz o analista político Valerio Bruno, do Centro de Análise da Direita Radical, no Reino Unido.

Na eleição passada, o Irmãos da Itália foi o único partido no Parlamento a se recusar a fazer parte da coalizão montada por Draghi e agora Meloni se beneficia da insatisfação da população com mais um governo que derreteu. Isso apesar — ou por causa — da impressionante coleção de atrocidades pronunciadas pela líder neofascista ao longo da carreira. Ela já declarou que não quer "ter filho gay", chamou um declarado antissemita de "herói" e não poupa adjetivos na defesa do que intitula "civilização italiana". "Sim para a proteção das fronteiras! Não à imigração em massa! Sim à nossa civilização! Não àqueles que querem destruí-la!", bradou em um comício.

Embora tenha até certo ponto moderado o discurso para atrair mais matizes do conservadorismo, a deputada segue mobilizando multidões com falas do tipo "Sou mulher, mãe, italiana e cristã, e ninguém vai tirar isso de mim". Seu crescimento, vale ressaltar, tem gerado um importante debate sobre a história do país. "O apelo do extremismo encontra campo fértil na Itália porque nunca confrontamos o passado fascista, como a Alemanha fez com o nazismo", diz Piero Garofalo, professor de estudos italianos na Universidade de New Hampshire, nos Estados Unidos. Derrotados na II Guerra, os fascistas italianos ganharam um vasto perdão à la Lei da Anistia brasileira. "Tudo foi varrido para debaixo do tapete, viabilizando a rearticulação das ideias neofascistas", afirma Garofalo. Meloni, como Mussolini, prega o uso de todas as armas para garantir a unidade nacional. Tal qual *il duce*, apregoa o perigo do declínio da população branca, a ser enfrentado com incentivo à natalidade e fim da imigração. Também repisa a tecla fascista da Itália sendo herdeira do legado e da tradição da identidade europeia.

Depois de passar décadas blindada contra os preceitos nazistas e fascistas, que desembocaram na tragédia da Grande Guerra, a Europa vê agora a extrema direita avançar, lenta e continuamente, na composição do Parlamento em vários países. Antes de Meloni chegar aonde chegou na Itália, a francesa Marine Le Pen posou na escadaria da Assembleia Nacional com os 89 deputados de seu partido, o Reagrupamento Nacional — arrebatando cerca de 20% dos votos, aumentando em dez vezes a bancada anterior de oito cadeiras. Com 17% dos votos, e crescendo, o espanhol Vox é hoje a terceira força política do país. Ascensão semelhante das legendas radicais vem sendo observada também na Áustria e na Holanda. Marcada pelas ondas de imigração, pelo impacto da pandemia, pela inflação e pela ameaça de faltar energia, a política europeia, neste momento, caminha para trás, com a Itália puxando firme o bloco do retrocesso. ■

INSTAGRAM @BAZAARBR

GARRAS DE FORA

A bem-sucedida trajetória de *Pantanal,* a trama global das 9, alçou a mulher-onça Juma Marruá, vivida por **ALANIS GUILLEN,** 24 anos, aos mais distintos palcos. Depois de desancar fãs barulhentas no meio de uma apresentação, Roberto Carlos se saiu com esta: "Não tem a moça que vira onça na novela? Eu virei leão". Atento seguidor do folhetim, o candidato à Presidência Lula não cansa de chamar a mulher, a antropóloga Janja, de Marruá. Detalhe: a diferentes plateias, lembra sempre que ele é Jove, seu par romântico. Alanis é toda sorrisos e filosofia. "Juma é uma entidade", define. "Eu acredito no amor que, quando é verdadeiro e intenso, vence barreiras."

VIZINHANÇA DO BARULHO

Mais conhecida pela afiada capacidade de gastar do que pela perícia para multiplicar dinheiro, **SARAH FERGUSON,** a duquesa de York, 62 anos, resolveu se aventurar no mercado imobiliário. A ex-mulher do príncipe Andrew, que seguirá alojada no Palácio de Windsor, onde ele também vive, investiu vultosos 7 milhões de libras (mais de 43 milhões de reais) em dois apartamentos geminados no bairro londrino de Mayfair. A poucos passos dali, coincidência do destino, fica a casa da socialite Ghislaine Maxwell, hoje presa nos Estados Unidos pelo envolvimento no escandaloso esquema de exploração sexual de meninas em que ninguém menos que Andrew se enredou, caindo em desgraça na família real. A sorte é que as agora vizinhas nunca vão se esbarrar.

DANIELE VENTURELLI/GETTY IMAGES

A CAPA DA DISCÓRDIA

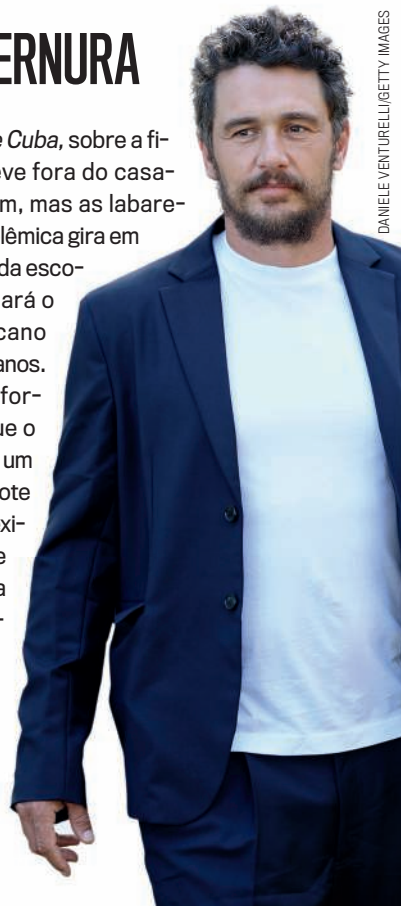
No filme que narra a epopeia megalômana de Eike Batista, com estreia marcada para setembro, **CAROL CASTRO,** 38 anos, interpreta a ex-modelo Luma de Oliveira, que manteve um casamento de treze anos e dois filhos com o ex todo-poderoso do falido império X. Uma das cenas de *Eike – Tudo ou Nada* remexe um episódio que enfureceu o empresário, quando a então mulher estampou a capa da *Playboy.* Ele tentou o que pôde para impedir, oferecendo o dobro do cachê para ela não posar como veio ao mundo. Não funcionou. Carol prefere passar ao largo dos espinhos do enredo: "É uma grande responsabilidade interpretar uma pessoa que ainda é viva, mas foi tudo feito com muito respeito", contemporiza a atriz.

DESIRÉE DO VALLE

AFP

NADA DE TERNURA

DANIELE VENTURELLI/GETTY IMAGES

As filmagens de *Alina de Cuba,* sobre a filha que Fidel Castro teve fora do casamento, nem começaram, mas as labaredas já estão a toda. A polêmica gira em torno da recém-divulgada escolha do ator que encarnará o líder cubano, o americano **JAMES FRANCO,** 44 anos. Uma turma não se conformou, argumentando que o papel deveria ser dado a um latino, e propôs até boicote à película. Alina, que se exilou em Miami há mais de três décadas e virou uma aguerrida crítica do regime ditatorial da ilha, atiçou ainda mais a fogueira ideológica ao defender Franco. "James tem uma óbvia semelhança física com Fidel, além de seu talento e carisma", derrete-se. ■

HAJA ESTRESSE

Os brasileiros agora sofrem com mais uma consequência da pandemia. As dificuldades financeiras dos últimos dois anos viraram a principal causa de tensão e corroem a saúde mental

ALESSANDRO GIANNINI E **PAULA FELIX**

Entrou para a história do cinema brasileiro uma sequência do filme *Terra Estrangeira* (1995), de Walter Salles e Daniela Thomas, na qual a personagem de Laura Cardoso sofre um baque depois de assistir a um pronunciamento do governo na TV. Nas cenas, são usadas imagens de arquivo de 1990, quando a então ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, anunciou o confisco do dinheiro das contas bancárias em uma insana tentativa de conter a inflação alta que castigava o país. Ao descobrir que perdera as economias de sua vida inteira, a aposentada interpretada pela atriz entra em colapso e morre. Situações extremas como a reproduzida no longa exacerbam o turbilhão de emoções que podem ser experimentadas em situações de colapso emocional causadas por dificuldades financeiras, exatamente como a que vivemos atualmente. É sabido que uma das consequências da pandemia de Covid-19 é o imenso impacto econômico nas contas dos países e na vida dos cidadãos, levando a um aperto financeiro tão profundo que deixou a cabeça de boa parte da população imersa em um oceano de estresse.

As estatísticas começam a dar o tamanho de mais esse estrago. Um dos retratos, feito pela Associação Americana de Psicologia, mostra que, neste ano, a inflação em alta entrou para a lista das questões que mais causaram estafa nos últimos quinze anos nos Estados Unidos. Além disso, o incômodo provocado pelo bolso vazio atingiu o nível mais alto desde 2015. No vizinho Canadá, uma pesquisa de 2020, divulgada depois do início da crise sanitária, revelou que o dinheiro, e não a saúde, era a principal causa de prostração, com diferença considerável entre ambos: 38% das pessoas disseram que os malabarismos financeiros eram o que mais lhes tirava o sono, enquanto preocupações com a saúde ocupavam a mente de 25%.

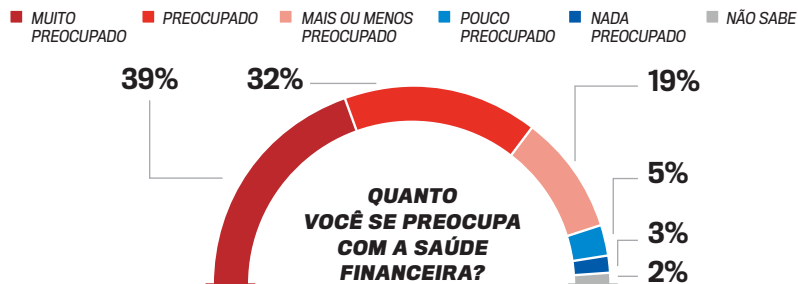
No Brasil, infelizmente, estamos habituados às crises econômicas. Mesmo assim, o tombo financeiro causado pelo vírus está duro de enfrentar e se transformou no principal pesadelo da população, segundo dados da seção nacional da International Stress Management Association (ISMA-BR). Em 2019, 73% dos brasileiros indicaram a incerteza financeira como principal fonte de tensão. Em 2021, a parcela subiu para 78%. Um levantamento do Instituto FSB Pesquisa em parceria com a empresa de seguros SulAmérica feito também no ano passado adiciona outras informações: o aperto financeiro era a primeira preocupação de 47% dos entrevistados e 63% dizem ser crucial reduzir gastos, para o bem da saúde mental.

ISTOCK/GETTY IMAGES

Na verdade, o peso do rombo nas finanças é o desastre causado pela

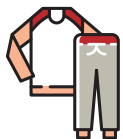
CABEÇA PESADA
As contas não fecham: irritabilidade e insônia são sinais de que o desgaste é crônico

PENSAMENTO RECORRENTE

Pesquisa feita em maio deste ano mostrou que o brasileiro está aflito com problemas de dinheiro

Fonte: *FSB Pesquisa*

pandemia que mais demorou a ser sentido. Ao longo desses dois anos e meio, sofremos com o pavor de um microrganismo desconhecido, de adoecer e morrer, de perder as pessoas amadas, do isolamento social e das incertezas profissionais que se apresentaram especialmente no primeiro ano da chegada do novo coronavírus. Agora, a crise sanitária está sob controle. Há vacinas, a tendência de queda de casos se mantém apesar de oscilações periódicas e o total de mortes caiu. Por ou-

COMO ALIVIAR A PRESSÃO

Planejamento e hábitos de autocuidado podem ajudar a lidar com as dificuldades financeiras

No orçamento doméstico, dê prioridade a alimentação, roupas e manutenção da casa

Busque sempre o melhor custo-benefício quando fizer compras

Mude hábitos: coma mais em casa, por exemplo

Incorpore hábitos saudáveis e que ajudem a relaxar, como fazer uma caminhada

Não se afaste de amigos e familiares. Ter uma rede de suporte emocional ajuda a encontrar soluções e amenizar o sofrimento

Evite o consumo de bebidas alcoólicas e drogas como forma de fugir de problemas, pois isso pode gerar endividamento, conflitos e dependência

Aprenda a desenvolver a resiliência, capacidade de se recuperar e se fortalecer após adversidades

Evite endividamentos desnecessários respondendo a perguntas simples:

Essa compra é realmente necessária? Posso esperar para ter isso? Há opções mais baratas?

Fontes: *Armando Ribeiro, especialista em gestão do estresse pela Universidade Harvard e Fundação Dom Cabral (FDC)*

tro lado, muito da catástrofe financeira se mantém e, pior, deve se prolongar, a serem confirmadas as projeções de recessão global *(leia na entrevista de Páginas Amarelas com Carmen Reinhart, economista-chefe do Banco Mundial)*. Os antigos medos arrefeceram. Sobrou ainda de forma aguda o desafio de lidar com dívidas, falta de emprego, salário que acaba antes do fim do mês. "As pessoas voltaram a trabalhar, mas fica uma dose de incerteza", diz Marcelo Tokarski, sócio-diretor do Instituto FSB Pesquisa. "Nunca é a mesma colocação, o mesmo salário. Em geral, tudo é mais precário. E isso prolonga o estresse financeiro." A atual e tensa circunstância aciona o alerta vermelho do ponto de vista dos cuidados psicológicos.

A história ensina que, em cenários econômicos dramáticos, a dor de quem luta para sobreviver pode ser tanta que, por vezes, prefere-se a morte. O suicídio, evento decorrente de depressão profunda, é um dos primeiros atos a crescer. Na Grande Depressão, período entre os anos 1929 e 1932 nos Estados Unidos, que se seguiu à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, 25% dos trabalhadores americanos ficaram sem emprego e 4,5 milhões foram para as ruas. Em 1928, um ano antes do Crash, o índice de suicídios era de 18 por 100 000 pessoas. No último ano da crise, 1932, foi para 22 por 100 000, um aumento de 22%. Uma tragédia.

Naquele tempo, o estudo das doenças psiquiátricas patinava em conceitos ultrapassados sobre a mente. Ninguém sabia o que era o estresse mental, muito menos suas causas e sua relação com a depressão e a ansiedade. Hoje, a medicina dispõe de todas essas informações. Por isso, o auxílio aos indivíduos atualmente transtornados pelos débitos está acessível a todos. Há atendimento especializado — isso é importantíssimo — em ótimos serviços públicos de referência,

além de psiquiatras de primeira linha para quem pode bancar uma consulta ou conta com um plano de saúde. O decisivo é reconhecer rapidamente os sinais de que o estresse crônico se instalou. Irritabilidade, insônia, perda ou ganho de peso e falta de disposição

NA HISTÓRIA

Acontecimentos marcantes na economia de vários países afetaram suas populações

1930

Grande Depressão, nos EUA: 4,5 milhões de americanos ficaram nas ruas e o índice de suicídio aumentou em 22%

FABIO TEIXEIRA/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

PANDEMIA O impacto da Covid-19: gastos extras com testes e remédios pesaram no bolso de todos

são sintomas comuns, independentemente do que está por trás da tensão.

Contudo, existem indicativos de quando a raiz é o nó financeiro. Em geral, a pessoa deixa de acompanhar as movimentações de suas contas bancárias, não atende credores e fica enraivecida ao ouvir notícias sobre o cenário econômico. É fundamental aperceber-se disso, embora não seja tão fácil. "As doenças mentais ficam abaixo do radar da consciência", explica Armando Ribeiro, especialista em gestão do estresse pela Universidade Harvard, nos Estados Unidos. "Muitas pessoas não percebem que a irritabilidade e a perda da capacidade de ser tolerante são uma forma de estar doente."

O caminho para reencontrar o equilíbrio exige certa disciplina — aderir aos exercícios físicos é vital, por exemplo —, ajuda médica e medicamento se necessário, e saber usar o que está à mão e de graça. Encontrar-se com os amigos — em casa mesmo, para não gastar —, passear com o cachorro ou dar risada com a série preferida ameniza a tensão e deixa a mente mais arejada para buscar as soluções financeiras possíveis. Negociar as dívidas — e não fugir delas — e estabelecer um teto de gastos é uma estratégia. Há perguntas simples a ser feitas no momento das compras cujas respostas deixarão a situação clara como o dia — a não ser que a pessoa use subterfúgios para se enganar. "Será que eu preciso disso mesmo?; quais são as minhas contas prioritárias?", indica Virgínia Izabel Oliveira, da Fundação Dom Cabral. Com paciência, organização e apoio, é grande a chance de passar de forma minimamente equilibrada por mais essa crise, um susto da aventura humana. ■

STATE LIBRARY OF NEW SOUTH WALES

NELIO RODRIGUES

1990
Zélia Cardoso de Mello e o confisco de contas bancárias: o estelionato federal causou tragédias

2008
Quebra do banco **Lehman Brothers:** crise global do sistema financeiro americano

AFP

PIADA SEM GRAÇA

A população global que foge ao peso-padrão ainda é alvo de gordofobia, o nome moderno para as gracinhas e ofensas que resistem ao tempo — e machucam **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

DA VERGONHA À PASSARELA
Desde a infância, **Gabrielle Paula**, 22 anos, sentia a pressão para emagrecer, até que desenvolveu compulsão alimentar e depressão. A hoje modelo livrou-se disso tudo à base de muito esforço. "Nunca imaginei que minha beleza seria um dia valorizada", diz

DOUGLAS NAMBA

LÁ ATRÁS, há coisa de 25 000 anos, o padrão cultuado de forma física era o da célebre Vênus de Willendorf, com suas generosas medidas, raridade numa era em que a fome grassava. A escultura de barro do período paleolítico, achada na cidade austríaca que lhe empresta o nome e hoje exposta no Museu de História Natural de Viena, serve de lembrete para as intensas voltas que o mundo dá. Com a industrialização em marcha no século XIX, o alimento começou a ser produzido em escala, a população de silhuetas avantajadas avançou e magreza deixou de ser sinônimo de fraqueza para ganhar o status de beleza. Dizia-se que os mais fininhos tinham, em plena era fabril, mais força para o trabalho. O tempo passou, e o que é agora enfaticamente reconhecido como belo são os corpos esguios — um movimento acompanhado da rejeição à turma acima do peso, que se cristalizou sob o moderno nome de gordofobia.

Numa era em que outras modalidades de preconceito são menos toleradas e até criminalizadas, esta resiste sob o álibi de que é tudo piada. Para quem é alvo delas, não é, definitivamente. Uma nova pesquisa da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia mostra que 85% dos obesos no país (que representam uma de cada cinco pessoas) já sofreram algum constrangimento pelos quilos a mais. E a artilharia se volta especialmente contra adolescentes, a maior parte meninas, justo quando a autoestima está se sedimentando: 53% de uma vasta amostra ouvida em um levantamento publicado no *Journal Pediatric Psychology* se veem na mira da intolerância. "Os estereótipos sobre as pessoas gordas aparecem claramente: todas elas são vistas como preguiçosas, desmotivadas e desleixadas, mesmo que fatores genéticos e outros distúrbios possam ser decisivos para essa condição", observa a especialista Rebecca Puhl, autora do estudo.

ARQUIVO PESSOAL

SEM MEDO DE SER FELIZ
À frente de manifestações antigordofobia nas redes, **Caio Revela**, 34 anos, passou a maior parte da vida escondendo o corpo em roupas largas. Não mais. "Recebo muita mensagem de desconhecidos fazendo piada com meu corpo, mas aprendi a não ligar", conta

Enquanto nas últimas décadas o mundo assistiu à evolução no combate ao racismo, ao machismo e à homofobia — que não são mais digeridos como antes e preveem punição —, atacar os rechonchudos apenas agora passa a preocupar um governo aqui, outro ali. Na Espanha, onde as praias fervilham neste verão sob temperaturas como nunca antes, uma campanha empunha a bandeira de que nem só as sílfides têm espaço nas areias. "Todos os corpos cabem na praia", prega o Ministério da Igualdade. No Brasil, a prefeitura do Recife baixou uma lei que protege pessoas acima do peso em instituições de ensino públicas e privadas, fornecendo-lhes carteiras adequadas e, mais do que isso, incentivando que a rejeição a elas seja um capítulo do currículo. Em dezembro, foi a vez de Rondônia criar canais para denúncia de casos de constrangimento ou ofensa relacionados ao peso corporal.

O pioneirismo nessa área vem dos Estados Unidos, onde o estado de Michigan pune, desde 1976, quem ferir em algum grau a população acima do peso — teor semelhante ao de projetos que tramitam em Nova York e Massachusetts. Na década seguinte, o genial Jô Soares, morto na semana passada, trazia com humor fino e a capacidade de rir de si mesmo o assunto à mesa, ajudando a cutucar o tabu no programa da TV Globo que encabeçava, o *Viva o Gordo*. Só nestes dias, porém, com o impulso das céleres redes (as mesmas que enaltecem as medidas miúdas), o tema ganha vulto e vai deixando o escaninho das questões impronunciáveis para quem se vê na mira. Um termômetro é a hashtag "corpo livre", mencionada mais de 700 000 vezes.

THE MINISTRY OF EQUALITY

OLÉ! Campanha na Espanha: areia para todos

Os especialistas sublinham a relevância do grito de liberdade diante da camisa de força da magreza. Mas que fique claro: a obesidade é uma epidemia global e o sobrepeso, registrado por 57% dos brasileiros, exige olhos vigilantes sobre os indicadores da boa saúde. "Trata-se de uma questão séria, mas a rejeição e o desrespeito só atrapalham, podendo se desdobrar em males psicológicos e distúrbios alimentares", alerta o endocrinologista André Vianna. Ocorreu com a modelo plus size Gabrielle Paula, 22 anos, que, alvejada, encarou dietas em série. "Fazia apenas uma refeição por dia e evitava eventos sociais para não cair em tentação", conta. Chegou a perder 30 quilos, mas logo vieram crises de ansiedade e compulsão alimentar — e o peso subiu. "Hoje meu foco é fazer atividades físicas e comer com equilíbrio para ter qualidade de vida", diz ela, acima do peso, mas com os exames clínicos satisfatórios.

Há faces menos visíveis, porém assustadoras, do preconceito. Um estudo conduzido por uma pesquisadora da Universidade Yale, na Europa e nos Estados Unidos, aponta que um de cada três pacientes com quilos a mais relata ter sido alvo de gordofobia em clínicas e hospitais. É comum médicos diagnosticarem que seu problema tem raízes no peso excessivo, mesmo quando, objetivamente, os sintomas não corroboram com isso. Em meio à maré de rejeições variadas, figuras como a de Caio Revela, 34 anos, que prefere não divulgar o peso "porque isso não importa", lideram campanha nas redes contra as gracinhas das quais não riem. "Não romantizo a obesidade, mas exijo respeito", afirma. Que a nuvem de intolerância que paira sobre ele e tantos mundo afora seja de uma vez por todas dissipada. ■

DE BRAÇOS ABERTOS

A retomada das viagens no Brasil não se limita ao mercado doméstico. O número de voos vindos do exterior já se aproxima ao dos tempos pré-pandemia **LUIZ FELIPE CASTRO**

A TURBULÊNCIA está chegando ao fim. Mais de dois anos depois do início da pandemia, com índices de vacinação crescentes e a consequente flexibilização das restrições sanitárias, o setor do turismo, um dos mais abalados pela Covid-19, celebra, enfim, uma fase de retomada. A demanda reprimida é enorme e, mesmo no inverno, o Brasil acompanha o movimento de euforia. Os aeroportos internacionais estão cada vez mais cheios de viajantes ávidos por conhecer ou rever nossas belezas naturais, a preços bem mais convidativos, especialmente para quem traz dólares ou euros na bagagem.

Se o mercado doméstico está praticamente restabelecido, com mais de 90% do volume de voos nacionais praticados em 2019, o último ano antes da pandemia — são mais de 2 100 decolagens por dia —, a malha internacional levanta voo rumo ao mesmo destino. Segundo dados da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur), mais de 3 700 aviões desembarcaram em julho vindos do exterior, o equivalente a 72% do que foi registrado no mesmo mês há três anos. Em junho, o resultado foi ainda melhor — 76%. Os aeroportos internacionais de destino mais movimentado foram os de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Campinas e Porto Alegre — todos com ótima conexão para praias no Nordeste ou outras atrações como as Cataratas do Iguaçu. Os velhos conhecidos turistas argentinos lideram entre os principais emissores de passagens, seguidos por visitantes vindos dos Estados Unidos.

BEM-VINDOS DE VOLTA

Os números do retorno de turistas estrangeiros ao Brasil

RUMO À NORMALIDADE

EM JULHO, **3 751 VOOS** CHEGARAM AO BRASIL VINDOS DO EXTERIOR (72,3% DO TOTAL REGISTRADO NO MESMO PERÍODO EM 2019, ÚLTIMO ANO ANTES DA PANDEMIA)

DE JANEIRO A JULHO

NOS PRIMEIROS SETE MESES DO ANO, FORAM **23 577 VOOS** ESTRANGEIROS, MAIS DO QUE TODO O ANO DE 2020

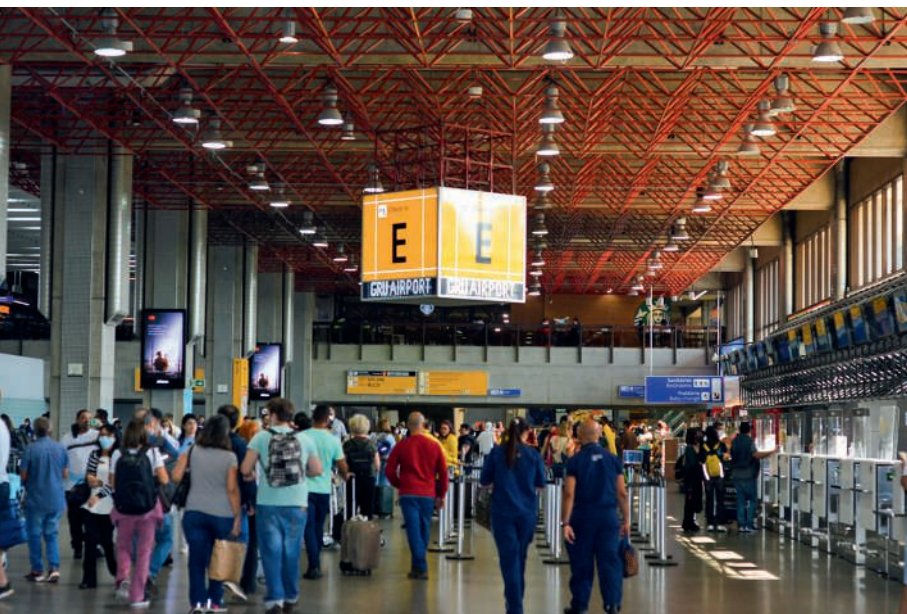
TOP 5

A **ARGENTINA** LIDERA O NÚMERO DE VOOS PARA O BRASIL, SEGUIDA POR EUA, PORTUGAL, PANAMÁ E CHILE

Boa parte do sucesso da decolada se deve a um trabalho feito pela Embratur em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas para fortalecer a imagem do turismo nacional em solo americano. A campanha publicitária “*Visit Brazil. A Wow Experience*” espalhou painéis na Times Square, em Nova York, e em pontos de Los Angeles, Dallas, Houston e Washington. Além disso, houve ações para TVs abertas e fechadas e redes sociais. “Temos trabalhado a promoção do Brasil em mercados estratégicos e feito reuniões com empresas aéreas para aumentar nossa conectividade”, afirma o presidente da Embratur, Silvio Nascimento. A agência confirmou a participação em seis grandes feiras no segundo semestre e realizará duas novas campanhas publicitárias, voltadas para os mercados europeu e sul-americano.

ANDRE NAZARETH/STRANA

Com o verão no horizonte, a oferta é cada vez maior. Estão previstos 89 novos voos até fevereiro de 2023, com reforço especial da companhia americana JetSmart e da panamenha Copa Airlines. A Latam, líder do setor no Brasil, com 54 destinos (dez a mais que em 2019), retomou oito voos da Europa, incluiu Boston no cardápio americano e lançará em novembro a opção Curitiba-Santiago. “A re-

CARTÃO-POSTAL Turistas no Cristo Redentor: o Rio é a atração principal de campanhas pelo mundo

JOÃO NOGUEIRA/FUTURA PRESS

VELHO NORMAL Filas em Guarulhos: o aeroporto mais movimentado do país

tomada está sendo surpreendente tanto no mercado doméstico quanto no internacional", diz Aline Mafra, diretora de vendas e marketing da Latam Brasil. Cada nova rota representa um impulso para a economia. Segundo o Banco Central, a receita gerada por turistas estrangeiros de janeiro a março foi de 1,2 bilhão de dólares (o dobro do mesmo período do ano passado e 68% da obtida em 2019). A expectativa da Embratur, com base em um estudo da GlobalData, é atrair 4 milhões de turistas de fora em 2022 e no próximo ano superar os 6 milhões que recebia antes do coronavírus. Bem-vindos de volta. ■

ARQUIVO PESSOAL

FUI CANCELADO EM PORTUGAL

O artista plástico Rodrigo Saturnino, 46, conta como sofreu após expor uma obra crítica ao passado lusitano

DECIDI MORAR EM PORTUGAL há mais de uma década, o que foi crucial para minha carreira. Acabei me formando na prestigiada Sociedade Nacional de Belas Artes e tive a oportunidade de expor meu trabalho em importantes espaços pelo país. Neste ano, fui convidado pelo Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia de Lisboa, o MAAT, para integrar a concorrida feira gráfica da cidade. E comecei a criar. Em um pedaço de pano, reproduzi uma frase que fazia parte de uma coleção de cartões críticos à colonização portuguesa no Brasil. Nasceu assim uma bandeira rosa gigante que dizia, em letras garrafais: “Não foi descobrimento, foi matança”. Colocaram a obra bem na saída da exposição. Já esperava que haveria uma reação ao tom provocativo, o que, para mim, é também a função do artista. Mas a repercussão foi bem maior do que imaginei. De repente, virei alvo de uma enxurrada de mensagens de ódio nas redes. “Volta para a sua terra”, disparavam. Outras questionavam meu talento. Fui achincalhado e cancelado. Um professor de direito da Universidade de Lisboa sugeriu um boicote à mostra e um parlamentar do Partido Conservador afirmou que se tratava de uma ofensa à história nacional.

Na verdade, foi um ponto fora da curva de uma sensação de hostilidade que me ronda com alguma frequência. Além de ser brasileiro, sou negro, e a discriminação, a meu ver um dos motores do episódio, se pronuncia em meu dia a dia. Em 2020, vivi algo que me dilacerou. Participei de uma mesa de debate com renomados artistas portugueses e trouxe à baila uma questão para refletirmos juntos: estávamos debruçados sobre uma fotografia em que faltava diversidade, apenas com homens brancos. Na hora, a conversa seguiu no campo filosófico, em nível elevado. A surpresa veio depois. O vídeo do evento, da Câmara Municipal de Lisboa, foi publicado, e minha fala havia sido silenciada. No trecho em que eu aparecia, a legenda estava coberta com uma tarja preta. Recebi um telefonema da produção avisando que os artistas tinham ameaçado me processar, caso o vídeo circulasse na íntegra. Eles se viram certamente expostos e eu, humilhado. Cheguei a ter um princípio depressivo, tamanha a tristeza diante de postura tão ofensiva.

Quando voltei à cena, depois de um bom tempo recluso, retomei com a certeza de que queria percorrer uma trilha artística questionadora, cutucando o passado colonizador de Portugal, uma boa reflexão. Por aqui, ainda é contada uma história de cunho romântico sobre a colonização, que passa ao largo de todos os percalços, da violência e da exploração. O tema até hoje está no rol dos tabus, um vespeiro difícil de remexer. Claro que não são todos os portugueses que têm um olhar preconceituoso sobre os imigrantes, mas não dá para fingir que a xenofobia, um mal de raízes históricas, inexiste. Não raro, esbarro com brasileiros que se mudaram para cá e começaram a imitar o sotaque local, para se misturar à multidão e escapar da discriminação. Até eu cheguei a fazer isso. Não queria ouvir que “falo errado”, como já aconteceu inúmeras vezes.

Mesmo com tantos obstáculos, não deixo Portugal, um país cheio de cultura e qualidades que faltam ao Brasil. Levo uma vida mais tranquila e tenho à frente um mercado de trabalho com mais oportunidades. A escolha de mudar de continente ampliou meus horizontes e me fez entender melhor a identidade brasileira. Não me arrependo de ter atravessado o oceano. Os problemas estão aí e machucam. Doem não só em mim, mas também em outros estrangeiros. Mas acredito que, aos poucos, o país vai passar a pensar abertamente sobre seus preconceitos sedimentados. E quero que minha arte, mesmo que gere um desconforto inicial, possa dar alguma contribuição a essa virada de página. ■

Depoimento dado a Duda Monteiro de Barros

SAI DA FRENTE

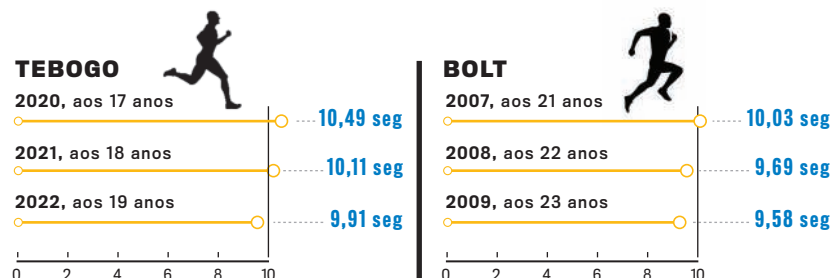
O velocista Letsile Tebogo, de Botsuana, de apenas 19 anos, é o ser humano mais rápido em sua idade desde sempre. As comparações com Usain Bolt são inevitáveis **FÁBIO ALTMAN**

OS PAÍSES AFRICANOS, especialmente os da porção oriental, como o Quênia e a Etiópia, sempre foram fonte inesgotável de corredores de longa distância — as clássicas provas de 5 000 metros, 10 000 metros e a maratona. Há exceções, claro, e alguns dos atletas vencedores dessa região do planeta são também velocistas. Atribui-se a infindável resistência ao treinamento em altitude, acima de 2 400 metros. Há quem ponha o sucesso na conta de um alimento, o ugali, mingau duro de farinha de trigo rico em carboidratos. Ou então pode ser apenas o hábito já histórico — como o de meninos brasileiros que jogam futebol de meia nas ruas do país. Contudo, como excepcionalidade que confirma a regra, acaba de despontar um dos homens mais rápidos do mundo em Botsuana, país no sul do continente.

Convém guardar o nome, porque será repetido à exaustão nos próximos dois anos, a caminho da Olimpíada de Paris, em 2024: Letsile Tebogo. Ele tem apenas 19 anos e acaba de cravar 9s91 nos 100 metros rasos, a mãe de todas as provas — é tempo apenas 15 centésimos acima do campeão mundial adulto, o americano Fred Kerley. Direto ao ponto: nessa idade, nenhum ser humano correu tão rápido. Nem mesmo Usain Bolt — o jamaicano tinha 22 anos quando baixou a mítica marca dos 10s. Fez 9s69 nos Jogos de Pequim e, no ano seguinte, no Mundial de Atletismo em Berlim, espantou a Via Láctea inteira com o tempo de 9s58, o atual recorde mundial, assombroso e inatingível *(veja no quadro abaixo).* “É um atleta fora da curva, que muito em breve pode se tornar referência”, disse a VEJA o brasileiro Robson Caetano, medalha de bronze nos 200 metros em 1988, em Seul, e bronze em Atlanta, em 1996, hoje reputado palestrante. “Não há dúvida de sua capacidade técnica, inquestionável, mas para chegar ao topo e lá se manter é preciso ter cabeça boa.”

O espanto com Tebogo — fenômeno também nos 200 metros, a prova irmã dos 100 — é muito bem-vindo. Enfim pode estar aparecendo o sucessor de Bolt, se é que isso é possível. Não por acaso, a Federação Internacional de Atletismo postou um vídeo comparando as atuações de Tebogo e Bolt em provas de 200 metros separadas por vinte anos. Vê-se

RAPIDEZ PRECOCE

O velocista de Botsuana baixou a mítica marca dos 10 segundos mais jovem do que Bolt – mas, claro, ao alcançá-la o jamaicano pulverizou o recorde

CARMEN MANDATO/GETTY IMAGES

CAMERON SPENCER/GETTY IMAGES

SEMELHANÇAS Tebogo *(ao lado)* e Bolt: a supremacia evidente em relação aos adversários os autoriza a celebrar antes da linha

o mítico campeão aos 15 anos, concluindo uma disputa em Kingston, na Jamaica, em 2002, no tempo de 20s61. Tebogo, agora, vence sua bateria em 19s98 no Campeonato Mundial sub-20, em Cali, na Colômbia. Ambos celebram a vitória 20 metros antes da linha de chegada, ao sorrir e até reduzir a toada. “Se alguém entendeu minha postura como desrespeito, sinto muito”, disse Tebogo. “Eu vi os fãs e quis lembrar o que o Bolt fazia no seu tempo. Ele é meu ídolo, a pessoa em quem me espelho.”

O prodígio, o novo Bolt, alimenta uma discussão: qual é o limite para a velocidade humana? Posto de outra maneira: dá para correr abaixo da marca de Bolt, os tais 9s58 estabelecidos há quase quinze anos em Berlim? Estudo realizado pela Universidade Stanford, nos Estados Unidos, mostra que, entre os homens, se pode alcançar 9s48, no máximo. Entre as mulheres, 10s39 (o recorde mundial feminino é de 10s49, estabelecido pela americana Florence Griffith-Joyner em 1988, sobre quem sempre pairou a sombra do doping). “As marcas são feitas para ser alcançadas, mas evidentemente os avanços pressupõem melhora nos equipamentos esportivos e nos conhecimentos científicos”, diz Caetano. Um olhar retrospectivo é sempre bom. Imaginava-se que o recorde mundial dos 200 metros, do americano Michael Johnson, de 19s32, anotado em 1996, fosse durar pelo menos três décadas — mas não, porque Bolt o pulverizou doze anos depois, baixando para 19s30 e, logo em seguida, para 19s19. Mas insista-se: era Bolt, e não há outro igual. Contudo Tebogo parece ser um raio da mesma estirpe, afeito a acelerar o tempo e deixar a humanidade boquiaberta. ■

IMKE MEYER/EYEEM/GETTY IMAGES

HISTÓRIA O peixe de mandíbulas afiadas: no imaginário popular, ele é visto como sinônimo de risco desde a Idade Média

O TAMANHO DA MORDIDA

O mais completo mapa global de ataques de tubarões instala o Brasil como um dos países no topo dos incidentes — e ilumina o dramático fascínio pela "fera" dos mares **ANDRÉ SOLLITTO**

FOI UM DOS MAIS espetaculares episódios de como uma sequência de problemas de ordem técnica fez brotar uma oportunidade de sucesso no cinema. O tosco peixão mecânico usado para as cenas de horror de *Tubarão,* filme de Steven Spielberg, lançado em 1975, transformava o pavor em piada. Numa hoje histórica apresentação para os produtores, pouco tempo antes da estreia, os muxoxos se espalharam por uma sala escura em Los Angeles como vírus. Não poderia dar certo. "Aquele pedaço flutuante de poliuretano, madeira e aço não ia assustar ninguém", diria Spielberg. E então, o diretor e os dois roteiristas — Peter Benchley, autor do livro que inspirara a ideia, e Carl Gottlieb — decidiram tirar o cação de vista, exibindo a água agitada e, eventualmente, a barbatana, ao som de acordes musicais nervosos. Foi o suspense, inigualável, genial como os de Alfred Hitchcock, a imaginação e não a revelação, que atraiu multidões (e as afastou das praias). Em um único fim de semana, a bilheteria superou tudo o que fora gasto nos meses anteriores. Virou um arrasa-quarteirão que só seria superado por *Star Wars,* em 1977. Muitos outros longas ultrapassariam, ao longo das décadas, os rendimentos de *Tubarão* — mas foi ele que inaugurou um gênero americano, o "filme de verão".

UNIVERSAL PICTURES

"FILME DE VERÃO" Spielberg e o bicho mecânico: mudança de roteiro

GENIVAL PAPARAZZI/FUTURA PRESS

CUIDADO Praia no Recife: aviso de perigo permanente para banhistas desavisados

E fez-se o medo para sempre, atrelado ao fascínio. Convém lembrar que Spielberg e sua trupe beberam de um receio ancestral — e que a tela grande ampliaria. Os tubarões sempre provocaram pânico, registrados em desenhos da Idade Média, em relatos de aventureiros no século XIX e em jornais no início do século XX. Agora, pela primeira vez, uma instituição de pesquisa, o Florida Museum, divulgou o primeiro grande levantamento global de ataques desde 1580 até hoje — sim, desde o século XVI, depois de minuciosa compilação. O campeão de mordidas contra seres humanos é os Estados Unidos, de longe, com 1 564 eventos. O Brasil ocupa um preocupante quarto lugar, com 110 casos *(veja ao lado)*. Em sua grande maioria, as ocorrências foram no litoral pernambucano (61). Na Praia de Boa Viagem, no Recife, as placas alertam: "Perigo: animais marinhos". Nos últimos anos, não houve registro de fatalidades, mas de 1992 até 2013 24 pessoas morreram no litoral pernambucano feridas por tubarões-cabeça-chata e tubarões-tigre — que, curiosamente, não são predominantes na região.

PERIGO À VISTA

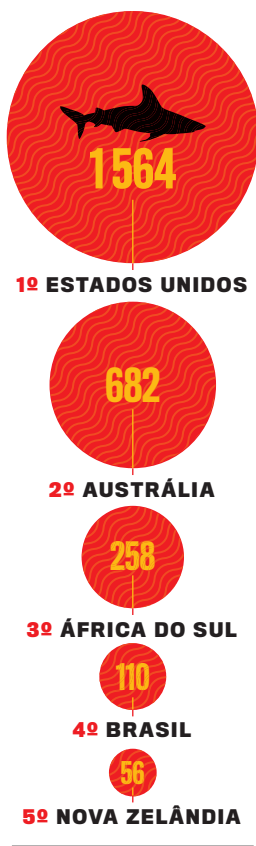
Os países recordistas em ataques de tubarão desde 1580

1º ESTADOS UNIDOS

2º AUSTRÁLIA

3º ÁFRICA DO SUL

4º BRASIL

5º NOVA ZELÂNDIA

O que houve então? Desequilíbrio ambiental. A construção do Porto de Suape, nos anos 1980, impôs a barragem de rios e a redução de estuários, locais de reprodução — o outro ponto mais próximo é o Rio Jaboatão, que desemboca na capital. Além disso, as duas espécies são conhecidas por gostar de seguir grandes embarcações. Some-se um outro nó: a pesca de arrasto resulta em cardumes de peixes descartados, que atraem os tubarões. A solução imediata é simplesmente afastar as pessoas do mar. A médio e longo prazo o caminho é cercar os bichos, entender de onde vêm e para onde vão, e devolvê-los à natureza. Obviamente, não há predileção por surfistas, ao contrário do que sugere o senso comum: o ponto é que eles passam mais tempo longe da praia, onde as ondas se formam, ao alcance dos peixões.

O ranking anunciado tem um duplo efeito: chama a atenção para a comunidade internacional, o que pode acelerar os cuidados também no Brasil, mas ao mesmo tempo alimenta o insólito fascínio pelas mandíbulas que Spielberg eternizou no clássico dos clássicos de sua linhagem. Os tubarões, tudo indica, continuarão a assustar e a atrair interesse. Quem já foi atacado, e evidentemente sobreviveu, não esquece — e agora oferece bons ensinamentos. O empresário carioca João Pedro Portinari Leão, sobrinho-neto do pintor Candido Portinari, velejador de escol, foi atacado por um tubarão-branco em Búzios, no Rio de Janeiro, enquanto praticava windsurf, em 1997. No livro *A Isca*, relato das horas que antecederam o acidente, mas sobretudo um belo passeio em torno do que pode ser extraído da aventura, ele passa a limpo a experiência. "Minha familiaridade com a água me fez ser atacado, porque eu, de certa forma, estava perdendo o respeito pelo mar", diz Portinari. Eis a chave do balé entre tubarões e seres humanos: o zelo ambiental, a aproximação cautelosa e cordata. ■

HERMANOS JURÁSSICOS

Mostra que chega ao país vai iluminar as descobertas que fizeram da Patagônia argentina um oásis da paleontologia e terra do maior dos dinossauros **MARCELO CANQUERINO**

EM MEADOS de 2005, um pastor de ovelhas do deserto da Patagônia, na Argentina, avistou algo incomum em sua rotina: uma formação que parecia a ponta de um osso petrificado saindo da terra. Naquele momento, ele não fazia ideia do que acabara de encontrar: o fóssil de um notável titã. O pastor decidiu avisar os donos da propriedade. Por coincidência, um deles trabalhava como verdureiro perto da casa de um famoso técnico em paleontologia, Pablo Puerta, do Museu Paleontológico Egidio Feruglio (MEF), sediado na região. De cara, o cientista se interessou pela relíquia e, em 2009, fez a primeira sondagem do fóssil. Mas foi apenas em 2014 que ele e outros pesquisadores iniciaram uma série de catorze expedições para desenterrar de vez os ossos do *Patagotitan mayorum*, o maior dinossauro (e animal em geral) que já pisou na face da Terra. Trazida direto da Patagônia, uma réplica em tamanho real desse *hermano* jurássico poderá ser apreciada pelos brasileiros na exposição *Dinossauros — Patagotitan, o Maior do Mundo*, que abre as portas no Parque Ibirapuera, em São Paulo, no dia 3 de setembro.

Até 27 de novembro, o Pavilhão das Culturas Brasileiras voltará 251 milhões de anos no tempo para recriar a Era Mesozoica, período de ascensão e queda dos dinossauros. O espaço será dividido em três partes. O *Carnotaurus sastrei*, espécie com chifres que remetem a um touro, poderá ser visto no primeiro módulo, devotado aos dinos carnívoros. Outra seção abrigará espécies da Patagônia que desenvolveram um gigantismo extremo, e terá como atração o *Amargasaurus cazaui*, herbívoro com longos e finos espinhos por toda sua coluna dorsal. Por fim, o público verá que, apesar de às vezes atingirem tamanhos colossais, havia também bichos jurássicos pequeninos, caso do *Mani-*

EMILIANO RODRIGUEZ MEGA/AP/IMAGEPLUS

MEF/DIVULGAÇÃO

ESCAVAÇÃO
Osso do *Patagotitan:* o clima desértico preservou os fósseis

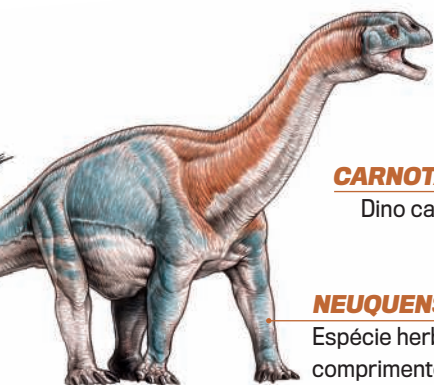
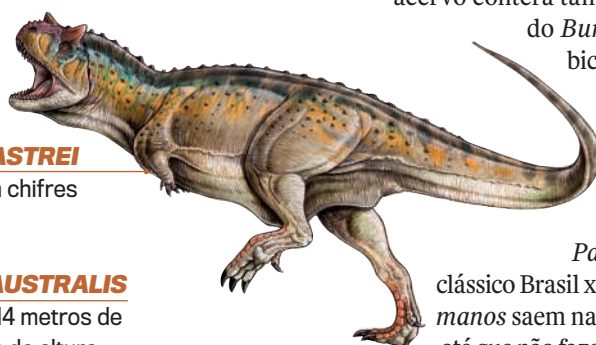
TITÃS EM EXPOSIÇÃO

MANIDENS CONDORENSIS
Um dos menores répteis pré-históricos conhecidos

GIGANTE Réplica de esqueleto do *Patagotitan*, exibida em Nova York: 37 metros de comprimento

dens condorensis, um dos menores conhecidos pela ciência.

A mostra paulistana ilustra por que as descobertas nas últimas duas décadas tornaram a Patagônia argentina um novo epicentro da paleontologia. Antes de ser um deserto, a região era uma imensa planície repleta de diversidade animal e vegetal, com araucárias enormes e samambaias. O ambiente foi alterado quando duas placas tectônicas se encontraram, há 180 milhões de anos, e formaram a Cordilheira dos Andes. Com a cadeia de montanhas barrando a passagem de umidade, a Patagônia secou. “No deserto é ótimo para procurar fósseis porque as rochas ficam na superfície, e não são decompostas em solo”, explica Luiz Anelli, professor do Instituto de Geociências da USP e curador brasileiro da exposição.

Ao todo, haverá quinze réplicas de diversas espécies achadas no país vizinho, acompanhadas de amostras de fósseis originais. Vindos da Patagônia em quatro caminhões, os dinos devem desembarcar em São Paulo entre 21 e 22 de agosto. Além da réplica do *Patagotitan*, que media 37 metros de comprimento e pesava 70 toneladas, a estrela da mostra terá exibido seu fêmur verdadeiro, com 650 quilos e 2,4 metros de altura. O Brasil também terá sua pequena parcela de orgulho: o acervo conterá também uma réplica do *Buriolestes schultzi*, bicho nacional que é o mais antigo da linhagem dos sauropodomorfos — a mesma do queridinho *Patagotitan*. Nesse clássico Brasil x Argentina, os *hermanos* saem na frente — mas nós até que não fazemos feio. ■

CARNOTAURUS SASTREI
Dino carnívoro com chifres

NEUQUENSAURUS AUSTRALIS
Espécie herbívora com 14 metros de comprimento e 4 metros de altura

ARTES MEF (PALEOARTISTA: GABRIEL LIO)

MIKE GREENHAM/GETTY IMAGES

FASCÍNIO RENTÁVEL A Lua é pop: artistas e empresas privadas têm grande participação na nova era de exploração lunar

O FEITIÇO DA LUA

Antes da retomada das missões tripuladas, projetada para 2025, a Nasa se prepara para depositar duas obras de arte em um ponto do satélite da Terra **MATHEUS DECCACHE**

O FASCÍNIO PELA LUA sempre motivou canções, poemas e amores, e não se dissipou nem quando passou do plano abstrato para o concreto em 1969, momento em que o homem fincou sua bota, pela primeira vez, no solo intocado. A histórica caminhada do americano Neil Armstrong foi repetida em outras cinco ocasiões por onze astronautas da Nasa, a agência espacial dos Estados Unidos, mas as visitas ao satélite da Terra foram suspensas por motivos financeiros e há cinquenta anos nenhum ser humano passeia por lá. Esse estado de coisas, no entanto, está para mudar. Graças a uma inovadora parceria entre a Nasa e empresas privadas — uma espécie de PPP espacial —, uma nova missão tripulada deve ocorrer até 2025 e, antes disso, a Lua receberá, possivelmente ainda neste ano, um adorno inesperado: duas esculturas criadas especialmente para sua desértica paisagem.

Afeito a projetos impactantes, o americano Jeff Koons propõe-se a homenagear o próprio satélite em uma obra composta de 125 miniaturas da Lua. Com cerca de 2,5 centímetros de diâmetro, elas levarão o nome de pessoas que Koons admira, como Leonardo da Vinci, Marilyn Monroe e Elvis Presley. "A superfície lunar inteira é reflexão de luz. E, a partir da filosofia, eu sempre fui atraído para essa reflexão", diz o controvertido Koons, mestre da arte pop que detém o recorde de peça mais cara vendida por um artista vivo (seu coelho de aço inoxidável alcançou 91,1 milhões de dólares) e virou celebridade ao se unir por um ano à atriz pornô, depois política, húngaro-italiana Cicciolina. Dentro do projeto Fases da Lua, Koons vai comercializar em Terra uma escultura maior, espécie de mãe das pequenas esferas, e prevê a venda de um NFT, obra de arte digital certificada que se tornou mania entre os endinheirados.

Já Sacha Jafri, artista britânico radicado em Dubai, pretende mandar para

AFP

PASSO A PASSO Sacha Jafri: obra de arte no espaço e nos leilões digitais

DIVULGAÇÃO

MINILUAS Koons: 125 miniaturas com nomes de pessoas que o artista admira e uma esfera maior para ser vendida em terra firme

o espaço uma placa de alumínio revestida de ouro contendo a imagem de um coração meio psicodélico. Quando a obra, intitulada *Nós Nos Elevamos Juntos — com a Luz da Lua,* partir para seu destino, Jafri — que durante a pandemia criou a maior tela já pintada, de 1 500 metros quadrados, posteriormente vendida por 62 milhões de dólares — vai comercializar cinco NFTs do original seguindo os passos da missão: "a entrada do foguete na estratosfera, a circum-navegação da Terra, o estilingue lunar, o pouso e o legado da obra de arte eternamente na Lua".

Ciente da sedução exercida pela Lua, a Nasa investiu 250 milhões de dólares no projeto Artemis, nome da irmã gêmea do deus grego Apolo, que batizou as missões lunares nas décadas de 60 e 70, com apoio tecnológico e financeiro de diversas empresas privadas. "O espaço é de todos e a obra de Sacha Jafri personifica esse espírito", pondera Dan Hendrickson, vice-presidente da Astrobotic, desenvolvedora de robótica espacial que patrocina o lançamento, literalmente neste caso, da criação do artista britânico. O financiamento da viagem das luazinhas de Koons, por sua vez, ficará a cargo da Intuitive Machines, primeiro empreendimento comercial a fornecer infraestrutura lunar. "Quando ir à Lua deixa de ser algo inalcançável e se torna viável, a expectativa da humanidade muda completamente. As empresas querem captar isso criando novos produtos", explica Murilo Moreno, professor de marketing da ESPM de São Paulo.

As esculturas vão pegar carona nas missões não tripuladas da fase 1 do projeto Artemis e serão depositadas no Oceanus Procellarum, o maior dos "mares" lunares, junto com sondas exploradoras e outros equipamentos. O foguete que levará três astronautas, entre eles um negro e uma mulher — um calculado movimento pró-diversidade —, só deve entrar em órbita daqui a três anos, com a marca da SpaceX, do bilionário Elon Musk. O Artemis mira um novo e gigantesco salto: preparar o satélite terrestre para ser um trampolim da conquista de Marte. "A presença maciça da iniciativa privada junto à Nasa não é à toa. Há um enorme e lucrativo mercado na Lua", diz Roberto Dell'Aglio, professor de astronomia da USP. Em um horizonte mais distante, turistas poderão visitar o satélite. Lá, além de flutuar na baixa gravidade e admirar o cenário de cinema, os visitantes verão de perto obras de arte feitas para um museu além da imaginação. ■

DAVID SIMS/DIOR

DESTAQUE Colar da Dior enfeita o colo da modelo Cara Delevingne: brilho

AMULETO Joia da italiana Bulgari: o desenho dos ponteiros e as cores são inspirados na perenidade das moedas europeias raras e antigas

PULSO PRA QUÊ?

Os relógios saem dos braços e começam a ser colocados em colares, anéis e até em broches. Ver as horas nos ponteiros, hoje, é o que menos interessa **SIMONE BLANES**

MESMO com tantas inovações, de diamantes de laboratório a impressão 3D, apresentadas pelos fabricantes de relógios na mais reputada feira do setor, realizada em Genebra, na Suíça, a grande novidade foi uma tendência mais simples, quase singela: a relojoaria fora do pulso. Fazia tempo que eles não saíam dali. O acessório deixou as correntes fixadas nos coletes para ser afivelado aos braços no início do século XX. Primeiro, durante a I Guerra (1914-1918), para facilitar a vida dos soldados, obrigados a conferir as horas a todo momento. E, depois, pelas mãos do pai da aviação, o brasileiro Santos Dumont, que encomendou ao joalheiro francês Louis Cartier um modelo que ficasse fixo no pulso enquanto estivesse no comando do manche de suas criações que saíam do chão. Na era do smartphone, no entanto, quando é possível ver as horas sem dificuldade, o conceito de funcionalidade perdeu a relevância — em alguns casos basta ser insólito.

BULGARI

CHAVES Cadeado da Hermès: destacável, pode ser utilizado como pingente em outras peças

HERMÈS

SECRETO Ponteiros escondidos: peça da Chanel se baseou em botões de pérola

ANTONIO BARRELLA/CHANEL

EXUBERÂNCIA Pedras da Van Cleef & Arpels: modelo em broche

VAN CLEEF & ARPELS

Não surpreende, portanto, que os ponteiros comecem a ganhar outras vitrines além dos braços. Eles estão aparecendo dentro de anéis, pingentes, broches e até cadeados. A Dior investiu em relógios feitos como colares no estilo medalhão, com uma pegada anos 1970, que acena para as formas de pedras brutas, do lápis-lazúli ao ônix. Criados por Victoire de Castellane, diretora artística de joalheria da maison, custam a partir de 22 600 euros e são os protagonistas da coleção de alta relojoaria. Na última campanha da marca, a modelo Cara Delevingne apareceu com uma versão que se destaca no visual clean da peça publicitária. O relógio de pingente aparece ainda em forma de cadeado na coleção da Hermès e em estilo amuleto em peças da Bulgari.

A Chanel foi mais engenhosa. Além de criar três modelos de colares com relógios, a sofisticada casa francesa avançou no novo conceito e encaixou o acessório em um anel. Chamada Hors-Série Mademoiselle Privé Bouton, a joia é inspirada em botões da marca e é enfeitada com pérolas. A Van Cleef & Arpels, por sua vez, apostou em um relógio dentro de um broche, que também pode ser usado como pingente. Os ponteiros estão estrategicamente colocados atrás de cúpulas de lápis-lazúli, crisópraso e coral, decorados com diamantes e pedras preciosas coloridas.

MARIE ANTOINETTE

O MAIS CARO DO MUNDO

Um dos relógios mais caros do mundo não é de pulso: o **Breguet Grande Complication Marie Antoinette** levou quarenta anos para ficar pronto. De bolso, começou a ser feito por Abraham-Louis Breguet em 1783, para a rainha Maria Antonieta, da França. É avaliado em 30 milhões de dólares.

Os modelos com jeitão de antigamente, refinadíssimos como diamantes raros, muitas vezes adornados por motivos clássicos, parecem entregar uma mensagem: o casamento da tecnologia de ponta, que os faz cada vez mais minúsculos, com a perenidade. É o futuro e o passado de mãos dadas, em parceria perfeita com objetos que medem o tempo. É movimento estético que tem se repetido na moda como os pêndulos de um modelo cuco, em eterno vaivém. Vale o bonito aforismo de Mario Quintana (1906-1944): “A eternidade é um relógio sem ponteiros”. ■

INCLUSÃO FASHION

Com a chegada das roupas adaptadas para pessoas com deficiência, o Brasil avança na oferta de modelos estilosos, funcionais e ergonômicos **SIMONE BLANES**

FOTOS INSTAGRAM @RESERVA; TOMMY HILFIGER

CONSIDERADO um dos mais brilhantes cientistas da história, o britânico Stephen Hawking (1942-2018) deixou informações preciosas para a melhor compreensão do universo. O astrofísico tem também sua imagem ligada à esclerose lateral amiotrófica, doença neurodegenerativa que o obrigou a usar uma cadeira de rodas. Entre todos os desafios de Hawking, porém, existia um que, embora óbvio, não chamava tanta atenção quanto as complexas equações que nos ajudaram a conhecer melhor os buracos negros ou como se deu o big bang. Ele não conseguia se vestir sozinho por causa das limitações impostas a seu corpo. Essa é uma enorme complicação para pessoas com deficiência.

Além disso, sofrem para encontrar peças com estilo, bem cortadas. A lacuna, tudo indica, começa agora a ser preenchida. Aos poucos, modelos desenhados para esses consumidores chegam ao mercado respeitando a individualidade, autonomia, corpo e expressão de identidade de cada indivíduo. O pensamento é relativamente novo no Brasil, mas ganha força com o lançamento da coleção Adaptive, da Tommy Hilfiger, marca americana que já lançou

NO TAMANHO Calça com abertura para passagem da prótese, da Reserva, e casaco com mangas mais curtas, da Tommy Hilfiger: ajustes para o público deficiente

ANDREAS RENTZ/GETTY IMAGES

PASSARELA Protesto em Frankfurt, em janeiro: cadeirante no desfile

coleções para esse público em países europeus, Estados Unidos e Japão. “Tenho filhos com deficiência e aprendi o impacto que uma coleção assim pode ter”, disse Tommy Hilfiger, pai de duas crianças autistas.

As peças seguem o conceito de design da marca, mas trazem modificações funcionais como fechos magnéticos e de velcro, costuras e zíperes laterais com abertura facilitada, mangas e punhos personalizáveis, elásticos na cintura e caimentos talhados para cadeirantes e usuários de próteses. A iniciativa é louvável e também lucrativa. Segundo a grife, pessoas com deficiência, comumente definidas pela sigla PCD, formam um público que gasta 4,8 vezes mais do que um cliente médio no e-commerce. Considerando que existem cerca de 1,8 bilhão de deficientes no mundo e que até 2026 o mercado para eles deve alcançar 400 bilhões de dólares, além de um belo gesto, trata-se de negócio promissor, como percebeu o grupo LVMH, o maior conglomerado de empresas de luxo do mundo. As marcas da companhia ainda não vendem roupas para esses consumidores, mas começaram a investir na educação de designers por meio de workshops ministrados pelo estilista Marc Jacobs.

LADO B

PRÁTICO Tênis da Lado B: cores vibrantes e facilidade para colocar os pés na hora de calçar

No Brasil, a população de PCDs é estimada em 45 milhões de pessoas. Desde 2019, quando a Riachuelo lançou uma linha voltada para esse público, assinada pelo estilista Alexandre Herchcovitch, o movimento cresceu. A Reserva, por exemplo, criou sua linha, a Adapt&, em setembro do ano passado. “Nos unimos com a Equal, marca pioneira no desenvolvimento de roupas inclusivas”, diz Rony Meisler, CEO da AR&Co, grupo que controla a grife. São catorze modelos com aparência, modelagem e qualidade idênticas às dos produtos mais vendidos, porém com ajustes ergonômicos.

DIVULGAÇÃO

INSPIRAÇÃO A cantora Viktoria e seu figurino: tendência

O país conta ainda com outras grifes voltadas para os PCDs, como a Aria Moda Inclusiva, Adaptwear e Lado B. Uma das inspirações para as marcas é a cantora Viktoria Modesta, usuária de prótese na perna esquerda. Seus figurinos sofisticados levaram várias grifes a entrar no segmento com o mesmo arrojo para dar mais representatividade ao público. “Não ter acesso a roupas adaptadas é negar o básico ao indivíduo para que ele se vista com dignidade e autonomia”, diz Laís Ramires, criadora do projeto Corpos que Falam. Ainda bem que, também na moda, o respeito à diversidade se impõe. ■

BRIGAS SEM TER FIM

Três anos após a morte de João Gilberto, decisão judicial esquenta ainda mais a guerra dos herdeiros em torno do inventário do gênio da bossa nova **SOFIA CERQUEIRA**

GENIAL E GENIOSO, o baiano João Gilberto (1931-2019) acumulou ao longo de quase noventa anos sucessos estrondosos e, em semelhante quantidade, polêmicas barulhentas em torno da sua intimidade. Nas últimas semanas de vida, o mestre da bossa nova encontrava-se sob interdição judicial e com os herdeiros em pé de guerra por um patrimônio centrado em milionários direitos autorais. Agora, são os filhos que antes batiam cabeça — o músico João Marcelo, a cantora Bebel Gilberto e Luísa Carolina, de 18 anos — que se unem contra a moçambicana Maria do Céu Harris, autora de uma ação para ser confirmada como companheira e beneficiária do músico. Maria do Céu fincou pé no ringue no fim de junho, quando a 18ª Vara de Família do Rio de Janeiro reconheceu a união estável do casal em caráter liminar e determinou a reserva de 50% da herança para ela até que seja julgado o mérito da ação. João Marcelo e Luísa já ingressaram com recursos contra a decisão judicial.

O imbróglio remonta a 1984, quando Maria do Céu, hoje com 59 anos, conheceu o cantor durante um show em Portugal. Logo depois, ela veio para o Brasil e não mais voltou, pondo em marcha uma longa relação repleta de idas e vindas. Para provar a vida a dois, Maria, que nunca trabalhou, apresentou extratos de contas conjuntas, fotos, despesas de viagens, comprovantes de residência e até menções ao seu nome como "companheira" do artista nas redes sociais de João Marcelo — que este alega ser jeito de falar. Moraram juntos em algumas

FACEBOOK@MARCELOGILBERTO

ENROSCO João e Maria: se provar união estável, ela ganha metade do patrimônio

LEO CORREA/AP/IMAGEPLUS

DESUNIÃO João Marcelo *(à dir.)* já trocou desaforos com Bebel *(acima, à esq.)* e lança dúvida sobre a paternidade de Luísa: irmãos que não se entendem

ÉRIKA GARRIDO/FOLHAPRESS

ocasiões e viviam sob o mesmo teto quando ele morreu, no célebre apartamento do Leblon — imóvel que Maria só desocupou em agosto de 2021, por força de uma ação de despejo e dívida com aluguéis de mais de 200 000 reais.

Para pôr fim à pendência, um acordo na Justiça vai determinar um novo valor a ser pago, mas sabe-se que ela, agora vivendo no interior do Rio, não tem como pagar. O filho mais velho de João Gilberto refuta com veemência a tese de união estável. “Ela nunca foi esposa dele nem era mais sua namorada. Maria é uma garimpeira, apenas procurando dinheiro”, dispara João Marcelo. “Meu pai só a deixava ficar nos apartamentos dele porque cuidava de seus gatos e comprava maconha para ele na favela”, acrescenta. Procurado, o advogado de Maria do Céu, Roberto Algranti, não se pronunciou.

Recluso, controverso e sedutor, o gênio do banquinho e violão foi casado com Astrud Gilberto, mãe de João Marcelo, depois com Miúcha, com quem teve Bebel, e se relacionou com a empresária Claudia Faissol, mãe da caçula. Na ofensiva contra o reconhecimento de Maria do Céu como participante do espólio, a advogada Deborah Sztajnberg, que representa o filho do compositor, está reunindo provas com as quais pretende anular o argumento de que ela foi companheira dele por 35 anos. “Todo mundo sabe que João teve várias namoradas ao longo da vida. Já contamos com sete testemunhas que acompanharam a rotina dele, entre elas uma pessoa muito famosa”, garante. O advogado Leonardo Amarante, que representa a filha caçula, alega que o músico, antes de se afundar em dívidas, pagava as contas de Maria do Céu “por humanidade”.

A união dos irmãos contra a presença de Maria no palco das desavenças familiares não acabou com os conflitos entre eles. João Marcelo, que vivia às turras com Bebel na época da interdição do pai mas parece ter posto essa pendenga em ponto morto, segue levantando questões contra Luísa — levantando, inclusive, dúvida se ela é realmente filha de João Gilberto. “Claudia roubou uma fortuna do meu pai e conseguiu enganá-lo, fazendo-o pensar que Luísa era sua filha, para roubar mais”, dispara, alegando que o músico tinha uma hérnia escrotal não tratada e não conseguia manter relações sexuais. “A menina foi registrada como filha de João pelo próprio. Quanto ao outro devaneio, de que Claudia roubou milhões, só posso explicar invocando grave doença mental do João Marcelo. Não há diálogo com loucos varridos”, rebate o advogado Amarante.

Como se não bastasse o espinhoso entrevero entre os herdeiros, o inventário de João Gilberto ainda tromba com a indefinição sobre o montante dos direitos autorais em jogo. O grosso vem de uma indenização envolvendo antiga disputa judicial em torno de seus álbuns de maior sucesso. O valor já foi estimado em cerca de 200 milhões de reais, caiu para 18 milhões e aguarda nova perícia. “Hoje, os advogados dos herdeiros trabalham juntos para que tudo seja resolvido o quanto antes”, limita-se a afirmar Maria Isabel Tancredo, representante de Bebel Gilberto. Atrelado ao inventário, o clã também enfrenta ainda processos de promotores de shows por sucessivos bolos do artista — um novelo de encrencas que, pelo visto, está longe de se desenrolar. ■

ETERNA SUSPEITA Colin Firth em *A Escada:* a batalha inconclusiva do escritor Michael Peterson para provar sua inocência

ASSASSINATOS

Dias antes do Natal de 2001, uma tragédia atingiu a pacata cidade de Durham, no estado americano da Carolina do Norte. A esposa do escritor Michael Peterson, Kathleen, foi encontrada morta na escada de sua residência após um pedido de socorro do marido. A polícia logo descartou a hipótese de acidente doméstico e classificou o caso como homicídio. Principal suspeito, Peterson foi condenado à prisão perpétua. A sentença seria revogada anos depois, mas a desconfiança sobre sua culpa não se dissipou. Essa história foi retratada na série documental *Morte na Escadaria*, em 2004, e ganhou neste ano uma exímia adaptação ficcionalizada em ***A Escada,*** da HBO Max, com Colin Firth na pele do romancista. O julgamento inconclusivo de Peterson virou exemplo de quanto o sistema judiciário americano pode ser ineficaz e frustrante.

Nas lacunas deixadas pela polícia ou pela Justiça em casos reais assim, floresceu um prolífico gênero de narrativa explorado por documentaristas, escritores e jornalistas que esmiúçam veredictos contestáveis e exploram os cantos obscuros da mente humana. O fenômeno ganhou um nome que virou garantia de sucesso: *true crime*. O termo em inglês engloba as tramas sobre assassinatos e outros delitos verídicos que ultrapassam os limites do noticiário mundo cão para ganhar polimento especial em podcasts, documentários e, agora, séries. Neste ano, a força da tendência se refletiu de forma inédita no Emmy. Dos onze títulos das categorias de minissérie da principal premiação da TV americana, sete são da linha *true crime* — entre eles *A Escada*, com indicações de ator para Firth e de atriz para Toni Collette, que faz a vítima.

Os crimes da vida real sempre alimentaram o imaginário popular e, por extensão, impuseram-se como matéria-prima para a ficção. As tramas do *true crime,* no entanto, acrescentam peculiaridades muito contemporâneas à receita. Mais que meras reconstituições, essas produções extraem seu apelo da tática de reexaminar as próprias investigações dos casos, pondo em xeque o trabalho da polícia, questionando as decisões da Justiça e as intenções das partes envolvidas. Bem ao espírito da era das redes sociais, elas deixam um gostinho de conspiração no ar. Ao fim do

NOVO OLHAR Daniella Perez e o então marido, Raul Gazolla, em *Pacto Brutal:* a tragédia foi tratada como trama de novela

FOTOS HBO MAX

EM SÉRIE

Forjado em documentários e podcasts, o filão do *true crime* abraça a ficção como ferramenta para explorar as nuances da Justiça — indo além da busca por culpados

RAQUEL CARNEIRO

STEFANIA ROSINI/HBO

ABUSOS Olivia Colman em *Landscapers:* a mulher enterrou os pais no quintal

programa, o espectador sai com mais dúvidas que certezas sobre o crime.

O filão tem como seu padrão-ouro a excelente *American Crime Story*, criação de Ryan Murphy que em 2016, na sua primeira temporada, não apenas retratou o julgamento de O.J. Simpson: com lucidez espantosa, expôs a hipocrisia e as pressões sociais que levaram à absolvição do ex-jogador de futebol americano acusado de matar a esposa. Na terceira temporada, *American Crime Story: Impeachment*, disponível no Star+, expõe a alta dose de machismo que temperou o escândalo das escapadelas do ex-presidente americano Bill Clinton com Monica Lewinsky na Casa Branca.

Na linha de *A Escada*, a minissérie *Landscapers*, da HBO, segue Olivia Colman como Susan Edwards, ex-bibliotecária inglesa condenada à pri-

TINA THORPE/FX

CASO LEWINSKY *American Crime Story: Impeachment:* o machismo no escândalo que quase derrubou Bill Clinton

são juntamente com o marido por matar e esconder os corpos dos pais dela no quintal da casa da família por quinze anos. O casal assumiu a culpa pelo crime de ocultação de cadáver, mas não pelos homicídios. Em quatro episódios, a série mostra os abusos sofridos por Susan nas mãos dos pais, adicionando complexidade à teia de motivos do crime. Mais sinuosa é a história de *The Girl from Plainville*, exibida no Brasil pelo Starzplay, sobre uma adolescente que induziu o namorado ao suicídio por meio de mensagens de celular, em 2014. Ambos sofriam de depressão — o que faz a jovem ser vista como culpada e vítima a um só tempo.

No Brasil, um exemplar atípico fez o caminho inverso, tirando o véu de ficção que por trinta anos pairou sobre um crime real. A minissérie *Pacto Brutal*, da HBO Max, aborda o assassinato da atriz Daniella Perez, filha da autora Gloria Perez, pelo colega Guilherme de Pádua e a então esposa, Paula Thomaz, em 1992. Na época, o caso se mesclou à novela *De Corpo e Alma,* na qual ambos atuavam na Globo. Sem dar palco aos criminosos, *Pacto Brutal* devolve a narrativa à família da vítima. “Foi a primeira vez que pude falar de sentimentos. Antes, só tive de rebater versões fantasiosas e agressões à memória da Dani”, disse Gloria a VEJA. Em menos de um mês, a série se tornou o título mais visto da HBO Max nacional até hoje. “A repercussão me diz que valeu a pena o desgaste emocional de revisitar esse momento tão sofrido”, afirma Gloria. A verdade na tela é libertadora. ■

STEVE DIETL/HULU

DUBIEDADE Elle Fanning em *The Girl from Plainville*: suicídio induzido via celular

HANDAN KHANNA/AFP

COLORIDO Benito, o Bad Bunny, em toda a sua exuberância no palco: nada menos do que cinco músicas no Top 10 mundial

COELHINHO LATINO

O rapper porto-riquenho Bad Bunny foi de empacotador de supermercado a pop star "fluido" — e agora ataca no cinema

COM ÓCULOS de sol descolados no topo da cabeça, um rapaz lava seu carro enquanto espia as belas vizinhas tomarem sol. A noite cai e, numa festa lotada de mulheres, ele se exibe vestindo calça de couro, blusa colorida e muitos acessórios. Símbolos ostentosos clássicos da música latina se mesclam a um visual criativo e livre, combo que é marca registrada do cantor e rapper porto-riquenho Bad Bunny, de 28 anos. As imagens são do videoclipe de *Me Porto Bonito,* que acumula mais de 200 milhões de visualizações no YouTube e é sua canção mais popular entre as cinco que figuram no Top 10 das mais ouvidas no Spotify mundial — marca impressionante alcançada só com faixas de seu quarto disco, *Un Verano sin Ti,* lançado em maio.

Nascido Benito Antonio Martínez Ocasio em Vega Baja, Porto Rico, o artista escolheu Bad Bunny (Coelhinho Mau) como nome artístico por causa de uma foto da infância em que aparece fantasiado. Depois de lançar suas primeiras produções, em 2016, foi de empacotador de supermercado ao estrelato absoluto em menos de seis anos. Em 2020 e 2021, figurou como o cantor mais reproduzido globalmente no Spotify, enquanto um de seus trabalhos, *El Último Tour del Mundo,* se tornou o primeiro álbum cantado inteiramente em espanhol a ser o número 1 na história da Billboard.

Benito é expoente do trap e do reggaeton, ritmos urbanos que refletem a vida dos garotos latinos que cantam sobre amor, sexo e temas políticos. Mas vai além: as 23 faixas do último disco oferecem um amálgama de influências e ritmos, com elementos que vão do rock ao mambo. Nessa brincadeira divertida, o rapper já apelou até à bossa nova: *Si Veo a Tu Mamá,* de 2020, bebe de *Garota de Ipanema*.

Orgulhoso de suas raízes, ele não abre mão do espanhol marcado pelo dialeto local. Cantar em inglês, nem pensar — uma forma de protesto contra o domínio de Porto Rico pelos Estados Unidos. Seu visual é mais uma arma do ativismo: Bad Bunny desafia normas de gênero na moda e contrasta saias e unhas pintadas com a pose de "machão". Como uma espécie de Harry Styles latino, usa da fluidez para contestar uma cultura machista.

Além de cantar, ele treina luta livre. Recentemente, o rapaz contou que o ambiente cheio de testosterona dos ringues lhe ensinou a importância de ter uma marca própria e de saber surpreender. No mais recente lance de expansão de negócios, digamos assim, ele agora aposta na carreira de ator. Contracena com Brad Pitt no blockbuster *Trem-Bala,* e se prepara para viver o vilão El Muerto, primeiro personagem latino da Marvel a ganhar filme-solo. Ninguém segura esse coelhinho latino. ■

Gabriela Caputo

NO OLHO DO FURACÃO

A minissérie *Cinco Dias no Hospital Memorial* reconta de forma impactante os dilemas das médicas na linha de frente do socorro às vítimas do Katrina em Nova Orleans em 2005 **KELLY MIYASHIRO**

DURANTE CINCO dias de agosto de 2005, a doutora Anna Pou (Vera Farmiga) se vê na linha de frente de um pesadelo brutal. Seu hospital, o Memorial Medical Center, encontra-se ilhado pelas águas após a passagem do furacão Katrina por Nova Orleans, na Louisiana. Cerca de 80% da área da cidade está devastada na esteira do vendaval e de enchentes, e há falta de energia, comida e água. No pronto-socorro, a tragédia bate em todo o seu horror: brotam por todos os lados feridos no desastre natural que produziria 1 800 mortos. Diante disso, a doutora Pou toma uma decisão controversa: administrar morfina e sedativos fortes àqueles que tinham poucas chances de sobreviver. A ação da médica, sob a justificativa de centrar esforços na salvação de pacientes em melhores condições, provoca a morte antecipada de ao menos vinte pessoas, cujos corpos seriam descobertos no hospital após o escoamento das águas. A eutanásia coletiva é só um dos lances terríveis da vida real recontados na impactante ***Cinco Dias no Hospital Memorial*** *(Five Days at Memorial,* Estados Unidos, 2022), minissérie disponível na Apple TV+.

DESESPERO
Equipe corre com bebês em incubadoras: dramatização realista de uma tragédia humanitária

FOTOS RUSS MARTIN/APPLE+

DECISÃO PERIGOSA Vera Farmiga como a doutora Pou: salvadora ou assassina?

O furacão Katrina é considerado o terceiro pior da história dos Estados Unidos, mas também aquele que provocou a tempestade mais letal registrada no país, além de causar um prejuízo de 108 bilhões de dólares. Foi, sobretudo, um evento que expôs sem filtros as mazelas sociais americanas, com os amplos subúrbios pobres habitados em sua maioria por negros sendo especialmente atingidos pelo furacão de categoria 3 na escala Saffir-Simpson (que vai de 1 a 5), com ventos de até 280 quilômetros por hora. Diretamente afetado, o Memorial não tinha nenhum plano previamente traçado para uma situação daquelas, obrigando a diretoria a improvisar cuidados e a gerenciar os resgates, atrasados pela empresa que administrava a instituição e também pelo próprio governo americano.

Na série, um guarda costeiro chega ao hospital no quarto dia em que o Memorial permanecia ilhado e ordena à diretora Susan Mulderick que use pulseiras de triagem para escolher os mais aptos a sobreviver. "É assim que vamos decidir quem vive e quem morre? Pela cor da pulseira?", questiona ela. Em entrevista a VEJA, a atriz Cherry Jones, intérprete da diretora, diz que nem imagina o que faria em uma situação caótica como a vivida pela equipe médica e reconhece a valentia da personagem. "É um senso de responsabilidade muito grande representar tragédias assim, porque você está lidando com tantas almas que foram e que ficaram", avalia a atriz.

O hospital foi palco de cenas tenebrosas: pessoas buscando abrigo, doentes lutando para sobreviver, falta de recursos, saques e desespero em meio às incertezas. Havia um andar de pacientes de risco, em cuidados paliativos ou à espera de um resgate que nunca vinha para realizar cirurgias. Em uma das cenas mais pungentes e desesperadoras da minissérie, médicos e enfermeiros correm com incubadoras pelos corredores caóticos para levar bebês internados até o terraço, onde deveriam ser resgatados por helicóptero. Com imagens de arquivo, a produção expõe como o governo americano, liderado à época por George W. Bush, se mostrou frio e impotente diante da tragédia humana. Vera Farmiga disse a VEJA que entende por que a doutora Pou, sua personagem, apelou à eutanásia de pacientes. "Eu quis mostrar a força e as vulnerabilidades daquela médica de uma forma que a audiência entenda o que a levou a fazer o que fez", explica.

Cinco Dias no Hospital Memorial é um lembrete de que a natureza pode ser devastadora, mas o homem consegue às vezes ser ainda mais cruel ao reagir às intempéries. Com histórias que embrulham o estômago, a minissérie de oito capítulos leva o espectador ao questionamento: o que você faria se tivesse de tomar decisões críticas no olho do furacão? É difícil atravessar a trama sem ir às lágrimas e não se indignar ao ver como até a maior potência do mundo foi incompetente no enfrentamento de uma crise humanitária. O vendaval passou, mas seus traumas ainda assombram. ■

LITERATURA TIKTOK

Onipresente nas listas de best-sellers, Colleen Hoover faz sucesso ao apostar em fórmula melodramática que atrai leitores jovens na rede das dancinhas **RAQUEL CARNEIRO**

AOS 31 ANOS, Colleen Hoover trabalhava como assistente social e vivia com o marido e três filhos em uma casa-trailer no interior do Texas, nos Estados Unidos. Escrever era um hobby despretensioso. Isso até uma única leitora levá-la a ampliar o escopo: sua avó ganhara um Kindle de Natal e queria ler uma história da neta. Colleen descobriu então a plataforma de autopublicação da Amazon e, em janeiro de 2012, usou a ferramenta para disponibilizar de forma virtual o livro *Métrica*, drama sobre uma jovem em luto pela morte do pai. Um eficiente boca a boca fez com que, cinco meses depois, o título chegasse à lista de best-sellers do *The New York Times*. A vida de Colleen se transformou de forma brusca — uma reviravolta quase tão rocambolesca quanto as tramas assinadas por ela.

A partir do sucesso improvável da estreia, ela se revelou um fenômeno crescente, que encontrou eco por aqui. No Brasil, ela é a autora que mais vendeu livros no primeiro semestre deste ano: foram 500 000 exemplares no período, desbancando J.K. Rowling do posto de favorita dos brasileiros. O carro-chefe é o romance de 2016 *É Assim que Acaba*, há 52 semanas entre os mais vendidos no ranking publicado por VEJA. A mesma lista traz o nome da americana em variadas posições, tanto na categoria de ficção quanto na de infantojuvenil.

A eficiência da fórmula de Colleen é incontestável. Inspirada pelos dramas que presenciou durante o tempo em que foi assistente social, ela escreve sobre assuntos espinhosos, como o luto, as dificuldades financeiras e até a violência doméstica

NATHAN HUNSINGER

FENÔMENO A autora americana: campeã em vendas de livros no Brasil

— mote de *É Assim que Acaba*. Se a temática é louvável, a qualidade deixa a desejar. Os dilemas dos personagens são embebidos por romances mornos, homens complicados (de preferência belíssimos) e um clima de mistério que abusa dos ganchos entre os capítulos — recurso manjado, mas que faz dela uma exímia *page-turner* (termo em inglês para autores que impelem o leitor a virar as páginas).

Nesse pacote, são os finais escritos por ela que os fãs curiosamente exaltam. Colleen mergulha no sentimentalismo do melodrama, levando o público às lágrimas. Muitos fãs, aliás, gostam de se gravar chorando para postar nas redes sociais. Questionada sobre esse "dom", Colleen surpreende. "Sou um pouco fria, então exagero nas emoções ao escrever, para conseguir sentir algo", diz.

Em dez anos, a americana lançou vinte romances e explorou como poucos o campo vago em que viceja o gênero chamado de *young adults*. Esses jovens adultos estariam entre 18 e 26 anos, faixa etária que rejeita tramas francamente adolescentes, ao mesmo tempo que consome romances fáceis e palatáveis. No caso de Colleen, a diferença entre seus livros para maiores de idade e os juvenis se dá pela escrita mais picante em uns que em outros. A divisão funciona na teoria: seus livros trazem na capa alertas de classificação indicativa para maiores de 18. O sucesso no segmento tem razão de ser: ela foi coroada como "rainha do TikTok" e tem um robusto público adolescente proveniente da rede social. Veio do TikTok, aliás, o empurrão que fez com que aumentasse exponencialmente suas vendas a partir de 2021 — prova de que nem a literatura escapa da bestificante rede da dancinha. ■

A VEZ DO POMSKY

O cão do momento tem padrão suspeitíssimo, mas é irresistível

RAÇAS CANINAS entram em moda, assim como sapatos, culinárias. Muitas já tiveram seu apogeu, como o golden retriever, o border collie. De repente todo mundo queria ter um deles. Óbvio que qualquer raça tem seus apaixonados seguidores, que jamais desejariam um pet diferente. Mas nem todo mundo é tão fiel, e há raças que saem de moda. Sem falar nos vira-latas, uma moda constante. Hoje em dia adotar um deles é considerado inclusive um gesto de elevação espiritual, de quem merece uma poltrona almofadada no paraíso. Mas raças saem de moda, é triste. O husky siberiano foi uma delas. A procura caiu, inclusive porque, apesar de grandões, não latem para defender a casa. Só uivam. Soube em certa época da dona de um canil com 300 filhotes, que não conseguia vender. Depois dos 3 meses vai ficando difícil, o cachorro fica adulto. Ela faliu ao alimentar tantos cãezinhos. Já nem tentava vender. Implorava para aceitarem de presente.

"Raças caninas entram em moda, assim como sapatos, culinárias. Muitas já tiveram seu apogeu"

Agora é a vez do pomsky. É uma raça "mista". Ou diga-se, suspeita. Veio dos Estados Unidos. É a junção do lulu-da-pomerânia com o husky siberiano. Como raça nova, não tem tamanho nem medidas exatos. Nem pedigree — se tiver, será falso. É, na real, um vira-lata com status. E daí? Os cachorrinhos (há o normal, que é pequeno, e o míni) são lobinhos minúsculos. Vantagens: não dão latidinhos irritantes como o pinscher e outros cães pequenos. São inteligentes. Não atormentam e, de tão lindos, são imediatamente amados. Esse meu amigo, proprietário recente, viu alguns em Brasília, na casa de conhecidos. Enlouqueceu. Agora tem seu próprio pomsky em São Paulo, onde mora. O bonitinho já roeu tapetes, sofás e, como está na fase de troca de dentes, morde quem vai fazer carinho. Nada agressivo, morder é uma necessidade. Mas seus dentes, semelhantes a agulhinhas, ai, ai... Dói, mas é impossível ficar bravo. Ele tem o olhar do lulu-da-pomerânia, intenso, amoroso. Outro dia, quando me mordeu, tudo o que fiz foi pegar no colo, acariciar, e em seguida botar no colo do dono para me ver livre.

No veterinário, meu amigo sentiu-se um astro. Todo mundo queria saber, pegar, ver. Surpreendeu-se ao descobrir que não era novidade. Só naquela tarde quatro pomskies tinham sido atendidos. Ao saber, entendi: a raça está entrando na moda. Vai competir com o próprio lulu-da-pomerânia, de quem tem o porte. Com os huskies, não acredito, porque é pequenino. Já está entre os cães mais caros do país, embora não conste da relação oficial. Em um site da internet, vi filhotes à venda. Iam de 3 000 a 15 000 reais. Por que preços tão diferentes? Os huskies podem ter olhos castanhos ou azuis, por exemplo. E a cor dos olhos contribuiu para determinar o valor. Há os bem valorizados, com um olho de cada cor. A mais cara, naquele canil, era uma linda cadelinha branca de olhos inteiramente azuis.

Meu palpite é que o pomsky vai entrar inteiramente na moda. Apesar dessa história de raça mista ser suspeitíssima. Mas que diferença faz? Quem se apaixona já não se importa com título de nobreza. ■

CINEMA

A FERA ***(Beast.* Estados Unidos, 2022. Já em cartaz)**

Com a morte da ex-mulher, o médico Nate (Idris Elba) tenta reconquistar suas duas filhas adolescentes. Para isso, ele organiza uma viagem ao vilarejo onde a mãe das meninas cresceu, na África do Sul. O passeio em família se torna uma alucinante corrida pela sobrevivência quando, em um roteiro pela savana, eles são encurralados por um leão violento, agindo fora dos padrões de sua espécie — agressividade provocada pela ação de caçadores ilegais na região. Durante uma hora e meia, o diretor islandês Baltasar Kormákur conduz a trama sem pausas para respiros, enquanto expõe os perigos da exploração desenfreada do homem sobre o planeta.

LAUREN MULLIGAN/UNIVERSAL PICTURES

ENCURRALADO Idris Elba: tensão na savana africana com trama ecológica

TELEVISÃO

A LEAGUE OF THEIR OWN
(disponível no Amazon Prime Video)

Casada com um soldado que luta na II Guerra Mundial, Carson (Abbi Jacobson) foge de sua casa no interior para Chicago, onde uma liga de beisebol está recrutando mulheres para o time feminino que precisa atrair um público disposto a pagar para vê-las em ação. Na série adaptada do filme homônimo de 1992, a protagonista conhece a charmosa Greta (D'Arcy Carden) e outras aspirantes que comungam do sonho de jogar profissionalmente. Entre elas está Max (Chanté Adams), que também briga por uma vaga na equipe, mas, por ser negra, precisa enfrentar não só a sociedade machista, como o racismo aberto dos anos 1940. Com romances proibidos, principalmente entre mulheres, e doses certeiras de humor, a comédia divertida ilumina mais um ângulo da luta feminista por equidade de gênero.

ANNE MARIE FOX/PRIME VIDEO

TACADA FEMININA D'Arcy Carden como Greta: a prova de que mulheres podem tudo, inclusive jogar beisebol

LIVRO

FLORES DE VERÃO, **de Tamiki Hara (tradução de Jefferson José Teixeira; Tinta-da-China Brasil; 136 páginas; R$ 55,00)**

No dia 6 de agosto de 1945, o escritor Tamiki Hara estava em um banheiro quando a bomba atômica explodiu sobre o céu de Hiroshima, deixando milhares de mortos e um rastro inominável de traumas nos que ficaram. Sobrevivente, Hara disseca o horror humano da tragédia ao narrar o antes, o durante e o depois da grande explosão no clássico japonês *Flores de Verão*, traduzido pela primeira vez para o português. A bela edição brasileira conta ainda com um texto extra, publicado pelo autor pouco antes de se suicidar, em 1951. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [1 | 52#] GALERA RECORD
2. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [3 | 68#] PARALELA
3. **A HIPÓTESE DO AMOR** Ali Hazelwood [2 | 5] ARQUEIRO
4. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [5 | 193#] VÁRIAS EDITORAS
5. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [6 | 35#] GALERA RECORD
6. **NAS PEGADAS DA ALEMOA** Ilko Minev [0 | 20#] BUZZ
7. **O LADO FEIO DO AMOR** Colleen Hoover [7 | 10#] GALERA RECORD
8. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [0 | 147#] FARO EDITORIAL
9. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [9 | 78#] TODAVIA
10. **VERITY** Colleen Hoover [10 | 19#] GALERA RECORD

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 118#] ROCCO
2. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 3** Laurentino Gomes [2 | 8] GLOBO LIVROS
3. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [4 | 284#] VÁRIAS EDITORAS
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [5 | 284#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **PASSAPORTE 2030** Guilherme Fiuza [3 | 2] AVIS RARA
6. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [7 | 79#] DARKSIDE
7. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [9 | 170#] OBJETIVA
8. **ESCRAVIDÃO – VOLUME 1** Laurentino Gomes [8 | 67#] GLOBO LIVROS
9. **GALILEU E OS NEGADORES DA CIÊNCIA** Mario Livio [0 | 3#] RECORD
10. **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [0 | 32#] ÁTICA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **NOVA ECONOMIA** Diego Barreto [0 | 3#] GENTE
2. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [6 | 88#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [2 | 169#] CITADE
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [5 | 379#] SEXTANTE
5. **MINDSET** Carol S. Dweck [8 | 122#] OBJETIVA
6. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [10 | 89#] ALTA BOOKS
7. **ESPECIALISTA EM PESSOAS** Tiago Brunet [4 | 21#] ACADEMIA
8. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [9 | 95#] CITADEL
9. **O PODER DA CURA** Reginaldo Manzotti [0 | 6#] PETRA
10. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [0 | 56#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [1 | 26#] GALERA RECORD
2. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [2 | 55#] INTRÍNSECA
3. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [3 | 71#] SEGUINTE
4. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [4 | 352#] ROCCO
5. **NOVEMBRO, 9** Colleen Hoover [6 | 23#] GALERA RECORD
6. **MIL BEIJOS DE GAROTO** Tillie Cole [5 | 34#] OUTRO PLANETA
7. **A MESA DOS JOGADORES** Jessica Goodman [0 | 1] ALTA NOVEL
8. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [10 | 345#] VÁRIAS EDITORAS
9. **OS DOIS MORREM NO FINAL** Adam Silvera [0 | 22#] INTRÍNSECA
10. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [9 | 100#] SEGUINTE

Pesquisa: Yandeh / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Aeromix, Disal, Livraria da Vila, Leitura, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Drummond, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

JOSÉ CASADO

MISTÉRIO POLÍTICO

RETRATO do Brasil que vai às urnas em outubro: de cada 100 eleitores quarenta dependem da ajuda do governo para sobreviver.

No mapa demográfico, isso corresponde a 40% da população. Na cabine de votação, representa 55% do eleitorado.

No total, são 86 milhões de pessoas registradas no CadÚnico, o banco de dados federal sobre famílias de baixa renda em duas dezenas de programas sociais — do Auxílio Brasil à isenção de taxas em concursos públicos.

É a dimensão da pobreza nacional. Nela há um mistério político instigante: o Brasil se transformou numa democracia de massa, com rotina de eleições, voto universal e direto, mas a ampla maioria dos eleitores segue necessitada do socorro financeiro estatal para comer.

Vista por outro ângulo, aquela aldeia colonial de agosto de 1822, com 4,6 milhões de pessoas e movida a trabalho escravo, agora é uma nação com dois séculos de independência que depende das transferências de dinheiro público aos pobres para fazer sua economia girar.

Isso acontece em treze dos 27 estados, onde há mais gente sobrevivendo dos programas sociais do que trabalhadores remunerados no mercado formal. Exemplos: no Maranhão, o número de beneficiários supera em 550 000 o total de empregados com carteira assinada; na Bahia são 410 000; no Pará, 330 000; em Pernambuco, 150 000; e, no Ceará, 110 000.

Em alguns estados, mais da metade da população só se sustenta com ajuda estatal. É o caso de Roraima (66%), do Amapá (63%), do Acre (60%) e do Pará (60%).

Quanto mais precário o mercado de trabalho, maior a dependência dos programas sociais. E esse dinheiro mobiliza a economia — cada real de auxílio pago movimenta 1,4 real, calcula a Fundação Getulio Vargas.

Os efeitos nas urnas são óbvios para governantes na disputa pela reeleição. Jair Bolsonaro tem motivos para sorrir com o início do pagamento do Auxílio Brasil turbinado (de 400 para 600 reais) a apenas sete semanas do primeiro turno. Deve gratidão à oposição, pelo aval à injeção de 40 bilhões de reais nos programas sociais na emergência da inflação de dois dígitos.

> **“O Brasil sustenta democracia com maioria dependente de ajuda estatal”**

O principal adversário de Bolsonaro nas pesquisas sentiu o golpe. Não é fácil concorrer com quem tem a estrutura de governo e o Orçamento nas mãos, e sai por aí “fazendo a maior distribuição de dinheiro que uma campanha política já viu desde o fim do Império”. Lula talvez tenha exagerado na conta, mas sabe o significado da manobra — o Bolsa Família foi crucial na sua reeleição em 2006, ajudou a limpar a cena da crise do mensalão.

Esse tipo de transferência direta de renda mitiga efeitos do empobrecimento coletivo no curto prazo, mas é efêmero porque está condicionado ao fluxo de caixa dos governos. O Auxílio Brasil turbinado tem prazo de validade até dezembro. Será muito difícil ao próximo governo voltar atrás (aos 400 reais mensais). Lula explorou a hipótese com empresários, nesta semana, exalando acidez: “Há de se perguntar se o povo aceitará pacificamente a retirada de um benefício que ele está recebendo por conta das eleições”. Tudo é possível. Bolsonaro opera no limite do risco, mas por enquanto não indicou opção preferencial pelo suicídio político.

Programas assistenciais, na realidade, representam fração mínima do Orçamento federal, em que cerca de 40% do dinheiro sempre está reservado para a “rolagem” da dívida pública, a caixa de pandora da República. Na prática, as iniciativas sociais temporárias têm servido de biombo para dissimular a responsabilidade dos governos na redução da secular pobreza nacional.

No século XIX, a desigualdade era vista com naturalidade e o socorro aos pobres, como caridade — um tipo de percepção cujos resquícios ainda pairam nos salões modernistas de Brasília. Houve avanço, porém claramente insuficiente.

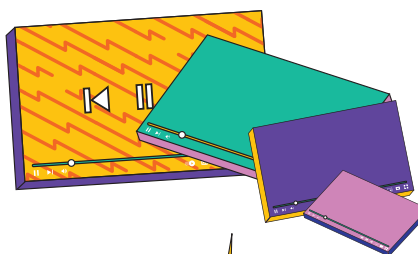
Sinais de regressão social reluzem, agora, nos registros oficiais sobre a maioria do eleitorado, num país aprisionado na armadilha do baixo crescimento econômico das últimas quatro décadas. Subdesenvolvimento não se improvisa, é obra de séculos, dizia Nelson Rodrigues. Como não se vê nem mesmo um esboço de projeto de país, o horizonte permanece embaçado. Paradoxalmente, há alternativas visíveis para a saída da crise no redesenho da globalização — uma delas é a reconstrução econômica lastreada na abundância de recursos renováveis. A campanha eleitoral representa nova chance de resgate do futuro. Só depende de ousadia e de competência, mercadorias políticas escassas há tempos. ■

O que acontece #AntesDoSeuPlay?

Saiba mais

yt.be/AntesDoSeuPlay

1 REMOVEMOS
vídeos que violam nossas políticas.

2 REDUZIMOS
a propagação de conteúdo duvidoso.

3 RECOMENDAMOS
conteúdos de fontes confiáveis e aumentamos o seu alcance.

4 RECOMPENSAMOS
criadores que fazem conteúdo de qualidade.

#AntesDoSeuPlay
o YouTube trabalha muito para combater a desinformação.